

A Vingança de Camilo Castelo Branco

(1858)

I

...El hombre tiene
Cosas bien estrafalarias.

MORATIN (*El Viejo y la Niña*)

Em Agosto de 1850, à mesa redonda dos *Irmãos Unidos*, em Lisboa, no largo do Rossio, jantavam dez ou doze pessoas que se não conheciam.

Um dos convivas, escritor provinciano, e tagarela expansivo, escolhera aquela hospedaria para ter um auditório certo. Nos primeiros dias sorrira-lhe a fortuna. Alcançara, em vésperas de partida, alguns deputados minhotos, que se desforravam, de tarde, com as belfas rubicundas e palito nos dentes, do silêncio religioso com que assistiram, de manhã, aos mistérios eleusinos do parlamento.

A eloquência do escritor portuense não se acanhava em presença dos Cíceros e Hortênsios sertanejos, mormente depois que o afoutou o convencimento de que não eram eles homens que lha pudessem desdenhar. Algum desses lhe assoprara tanto as basófiás da loquacidade que o audacioso jornalista chegou a impor as suas doutrinas económicas aos ouvintes, e estes aceitaram-lhas como novidade. É certo que, na imediata legislatura com grande pasmo dos oradores notáveis, os procuradores reeleitos do Minho, disseram, com desassombro, algumas sandices, cuja originalidade pertence de direito ao literato que os iniciara.

Evacuada a hospedaria de deputados, o escritor achou-se com personagens estranhos, chegados recentemente de várias direcções. Se dirigia a palavra ao vizinho da esquerda, oferecendo-lhe uma colher de arroz, o comensal aceitava o arroz e pedia-lhe uma perna de galinha; se pedia ao da direita o pote da conserva, acompanhando o requerimento com atestados medicinais da virtude estomáquica do pimentão, o vizinho grunhia um arrotto aprovador, e atoucinhava a febra triturando silenciosamente, e envesgando um olho famélico sobre cada iguaria que vinha entrando.

O escritor estava fulo, e mal podia já conter o insulto aos glutões taciturnos que, apenas devorado o pudim, apertavam os botões dos coletes, e debandavam cada um para o seu quarto, com as pálpebras descaídas para roufenharem em beatifica digestão.

Um dia, porém, justamente nesse jantar por que principia esta história, Roberto Soares, que assim se chamava o jornalista do Porto, repleto de indignação, ergue a voz quando todas as atenções se concentravam num pentágono de boi assado, e diz:

– Corre em Lisboa que está hospedado nesta casa um príncipe da Etiópia. Eu já disse que nenhum dos meus companheiros era negro, mas redarguiram-me que o príncipe é mulato branco e só pela fala se denuncia. Qual dos senhores é o príncipe, que quero beber à sua saúde?

Os convivas encararam-se com sério reparo, suspenderam por instantes o rugido da deglutição; mas não proferiram um monossílabo. Passado o momento da surpresa,

caíram, unidos como um só homem, sobre as talhadas do boi, e Roberto Soares desceu lentamente o braço que erguera o copo para brindar o príncipe.

– Pelo que vejo – tornou ele, rufando no prato com duas facas – pelo que vejo, os senhores são todos príncipes da Etiópia disfarçados. Declaro que hei-de hoje cometer um regicídio. Qual dos senhores tem a cabeça mais vazia de inteligência que lhe quero introduzir três onças de chumbo?

– Eu aceito o favor, se nenhum destes senhores quiser – disse um homem magro e trigueiro que estava defronte de Soares, procurando o cérebro no crânio duma pescada. E prosseguiu: Aqui estava eu agora procurando a inteligência desta pescada, e acho uma cavidade oca, a qual ofereço ao exame de Vossa Senhoria que, ao que parece, costuma fazer na espécie humana os estudos que eu faço no peixe cozido.

Roberto Soares fez uma cortesia ao interlocutor, e disse com gravidade:

Vejo que seria uma barbaridade matar um príncipe que promete reinar ilustradamente. Pois o senhor sabe dizer cousas dessas, e tem-me, há quatro dias, privado do seu espírito?! Está o meu amigo convidado para conversar hoje comigo quatro horas, e então discutiremos qual dos nossos companheiros é o príncipe disfarçado.

Os hóspedes soltaram um frouxo de riso, olhando-se com ar palerma. O convidado para discutir a identidade do monarca africano, fez uma visagem inteligente, que muito aprouve ao escrito. Os dois trocaram-se um olhar simpático, fazendo assim tácita aliança e convenção para explorarem o «ridículo» dos seus comensais.

Acabado o jantar, ergueram-se todos, excepto Roberto Soares, e o observador de crânios de peixe.

– Como se chama Vossa Senhoria? – perguntou o escritor.

– O menino não vê que eu sou um homem velho?! Essas perguntas fazem-se com mais respeito... disse, sorrindo, com o cálice de genebra ao pé dos beiços, o hóspede.

– O senhor não é velho... o mais que pode ter são quarenta anos.

Quarenta e nove. Estou direito e rijo, porque participo do temperamento físico de Dom Quixote, e do temperamento moral de Sancho Pança. Tenho duas naturezas, não acha?

O que eu acho é que o senhor tem fina chalaça, e não sei como se pode estar, com tanto espírito, calado, quatro dias, sem corresponder ao desafio da gente. Eu pensei que o meu caro senhor era um requerente de província, uma espécie de mestre-escola...

– Mestre-escola!... – atalhou, franzindo o sobrolho, e alongando os beiços, o galhofeiro quinquagenário. – Ora essa! E eu cuidava que a minha figura inculcava um morgado de aldeia, no terceiro período duma tísica de algibeira!... Nem sequer me fez barão! É preciso que tenha uma cara muito desusada o infeliz que tão pouco se recomenda! Então em que ficamos? O que acha o senhor que eu sou?

– Não sei; estou quase a perguntar-lho.

– Pois eu lhe digo: sou um cavalheiro de indústria. Se Vossa Senhoria fosse esperto, tinha-me já adivinhado.

– E que indústria é a sua? – disse Roberto Soares, no mesmo tom de familiaridade.

– A minha indústria é tudo o que me forra ao trabalho e me abona mais fáceis recursos de subsistência. Actualmente exerço a indústria de caloteiro de hospedaria: é a mais inocente de quantas sei, e também a menos engenhosa. Reduz-se a minha habilidade a estar três meses em Lisboa com sofrível mesa e sofrível cama gratuitamente. Em algumas repúblicas gregas sustentavam-se, assim, a expensas do estado, os meninos; bom é que em Portugal se estenda até aos velhos esta salutar providência.

– Está bom!... – disse Roberto, torcendo o bigode. – O senhor é o homem mais franco que eu tenho visto.

– Por uma razão muito simples. Eu não costumo ser assim franco com o primeiro que me pergunta o meu ofício. Sou-o com Vossa Senhoria porque o reconheço uma pessoa que não pode ser explorada por algum ramo da minha indústria. O senhor, economicamente falando, é improdutivo. Averiguei quem o senhor era, e disseram-me, cá na hospedaria, que o meu amável companheiro era literato. Não nasceu ainda o engenho industrial que soubesse entrar nas algibeiras dum literato português. Entendeu bem a explicação da minha franqueza?

– O senhor está caçoando comigo... Não creio o que me tem dito. Acha-me indigno de ser tratado seriamente?

– Não, senhor; pelo contrário. Se me não merecesse tão bom conceito de rapaz sisudo, é natural que lhe escondesse a minha profissão, receoso de que prevenisse contra mim o dono da hospedaria... Disseram-me que Vossa Senhoria era da província, e creio que se chama Roberto Soares. Eu não lhe posso dizer donde sou, porque não sei onde nasci, nem tenho a certeza de ter nascido em alguma parte; se, porém, interessa em saber o meu nome, saberá que me chamo, em Lisboa, Macário Afonso da Costa Penha; e, se me encontrar, de hoje a um mês, no Porto ou em Coimbra, terá o incómodo de perguntar-me o meu nome. Que faz o senhor em Lisboa?

– Ando atrás dum ministro pedindo um emprego.

– Sem esperanças de o alcançar?

– Quase.

– Porque não há-de o senhor empregar-se sem depender dos ministros?

– Em quê? O escritor não se sustenta em Portugal.

– Quebre o tinteiro na cara dum credor, e inicie-se no meu ofício.

– Na indústria cavalheirosa?

– Está claro.

– O senhor começa a fazer-me...

Cavalheiro de indústria?

Não, senhor, começa a fazer-me nojo.

– E que o seu estômago tem sarro: tome alguns chás amargos... Vejo que o molesta este novo conhecimento... Aqui tem o que lucrou com a sua curiosidade! Que lhe importava ao senhor Soares saber quem eu era? Não o impaciente o medo das minhas relações. De ora em diante conviveremos como se nunca nos tratássemos.

Macário Afonso ergueu-se, voltou as costas ao escritor, e saiu da sala.

Ao escurecer desse dia, estava Roberto no Café Suíço, e viu entrar o seu homem, bem trajado de preto, sentar-se a uma banca, tomar café, e fumar por um belo cachimbo, com gentis maneiras.

– Lá está o excêntrico – disse um amigo de Soares.

– Quem é o excêntrico? – perguntou este.

– Aquele homem do cachimbo.

– Conheces?

– De vista: é um milionário.

– Estás enganado: o que ele é... sei-o eu – disse Roberto, sustando a tempo uma indiscreta revelação.

– Pois que é?! Não consentes que ele seja milionário?!

– Não tem jeito disso; é meu companheiro de hospedaria... e...

– E quê? Forte razão ser teu companheiro de hospedaria! Se eu te provar que este homem, há menos de quarenta e oito horas, apresentou letras de cento e vinte contos, sacadas em Londres, sobre dois negociantes de Lisboa!...

– E impossível... essas letras, se existem, são falsas...

O interlocutor de Roberto riu extraordinariamente, e o milionário discutido, chamado pelo ruído da risada, encontrou o olhar penetrante do escritor.

Sem desconhecermos a nobre altivez de Soares, diremos que ele estava olhando com um certo ar de acatamento, que não se esconde, o suposto cavalheiro de indústria, à maneira que o seu amigo guarda-livros lhe ia destruindo a má impressão com que saíra do hotel, horas antes.

Macário Afonso, se é que era Macário Afonso, saiu do café; e, passando perto da mesa do escritor, cumprimentou-o de cabeça ligeiramente.

– Isto é um grande celebração! – prosseguiu o guarda-livros. – Contam-se muitas anedotas deste homem...

– Onde é ele?

– Não sei: disseram-me que teve um grande estabelecimento em Buenos Aires, e alguém me disse que o conhecera no tráfico de negros. Penso que foi negreiro.

– Como se chama, sabes?

– Ouvi-lhe chamar comendador Penha...

– É isso... Penha...

– Porque dizes tu *é isso*?

– Porque ele me disse o seu nome; mas não me disse que era comendador...

– De uma ordem brasileira... creio que do Cruzeiro...

– Nada, não.

– Que importa! Segue-se que é modesto... Aí vai uma esquisitice deste homem. Quando chegou, há meses, a Lisboa, para se livrar dum cauteleiro importuno, comprou um bilhete da lotaria, que foi premiado. Chegando ao Largo das Duas Igrejas ouviu uma conversação de duas senhoras modestamente vestidas, caminhando a par com ele. Era uma filha censurando asperamente a mãe porque empregara metade do seu montepio na compra de um bilhete da lotaria que saíra branco. A mãe dizia que fora, com o desejo de a fazer feliz, arriscar metade do seu pão. A filha redarguia-lhe que ela estava demente. O comendador meteu-se na contenda, e disse: «Há pessoas muito infelizes nas lotarias, minhas senhoras. Eu também sou teimoso, e ninguém como eu tem sido tão cruelmente tratado pela Santa Casa da Misericórdia. Aqui tenho eu na algibeira um bilhete, com um número de palpite: sete, sete, sete.» «Está branco?», atalhou a velha. «Não sei, minha senhora; mas tanta certeza tenho de que está branco, que o vou rasgar.» «Sem ver a lista?!», acudiu a moça. «Sim, menina, sem ver a lista... Se o quer, faço-lhe presente dele.»

«A velha aceitou o bilhete com sofreguidão; e chegando ao Rossio, já apartadas do homem que elas imaginaram um original desfrutador, viram o número sete, sete, sete, premiado com dois contos de réis, em uma lista de casa de câmbio.

«Conheço estas senhoras: a velha é viúva dum capitão e a filha é uma costureira muito honesta. Foram elas as que me mostraram este homem no Passeio Público, e acrescentaram que, dirigindo-se a ele um dia para lhe restituírem parte ou todo o prémio, o comendador, depois de ouvi-las mui cortesmente, lhes dissera que não tivera nunca a honra de falar com elas.»

– Isso é verdade?! – interrompeu Roberto. – Então o homem esteve a mangar comigo!

– Pois que te disse ele?

– Fez-me uma confiança extravagante... Disse-me que era... Desculpa-me a reserva... Eu não devo contar a mais estranha das suas excentricidades...

Roberto saiu do café com a intenção de procurar o comendador na hospedaria, e perguntar-lhe terminantemente o que queria dizer o embuste com que ele quisera

desonrar-se, sem precisão.

Macário Afonso passeava no Rossio de braço dado com um caixa do tabaco, homem que recomenda aos respeitos públicos todo aquele a quem concede a honra do seu braço. Novas provas para Roberto, que, ao passar por ele, maquinalmente lhe fez uma grave cortesia de chapéu.

Mal posto advérbio é este *maquinalmente!* Ninguém corteja em distracção, um homem que apresenta letras de cento e vinte contos. A presença dum milionário ensina mais cortesia que um compêndio de civilidade. Para me não dar ao enfadonho vezo de fazer máximas, vamos ao capítulo segundo.

II

Che sia il disegno suo, ben io comprendo
E dirollo anco a voi, ma in altro loco.

ARIOSTO (*Orlando Furioso*)

Anoitecera, e Macário Afonso entrou na hospedaria, onde Roberto Soares o esperava.

Facto incompreensível! O escritor queria apresentar-se ao milionário, gracejando; mas dominava-o certo acanhamento, timidez ou consciência de inferioridade. Esta baixez de espírito não deslustra o carácter de Soares; é fraqueza em que se abastardaram os ânimos, desde que o dinheiro usurpou as vérias que, noutros tempos, nobilitavam o indivíduo rico doutras espécies. A degeneração é comum. Os que bazofeiam pureza, independência, e isenção são factores, noutro género, da comédia humana. O que salva o poeta de prostituir o seu espírito à matéria, honorificada com a primazia do dinheiro, não é a independência, é o pejo, é o receio da mofa pública, receio protector que tem salvado muito talento de divulgar a ignomínia do coração.

Soares chegara irresoluto à porta do excêntrico hóspede, e disse em tom sério:

– O cavalheiro dá licença?

– Entre quem é.

Estava-se barbeando o comendador, e, voltando a face, exclamou:

– Olé! Por aqui?! Eu já o recebo, cavalheiro. Deixe-me dar o último gilvaz nestes ossos descarnados. Está o meu nobre amigo – prosseguiu ele com a face quase encostada ao espelho – admirado de me ver barbeiro de mim mesmo como Luís dezasseis, e como o último dos maltrapilhos, não é verdade?

– Gabo-lhe a paciência...

– Paciência e cautela. Quem é o homem notável que confia o seu pescoço a uma navalha em mão estranha? O que Vossa Senhoria talvez me não conceda é a notabilidade que faz o perigo dos pescoços...

– Pelo contrário – disse Soares reanimado. – Sei que Vossa Senhoria é uma pessoa qualificada, com o defeito de zombar da credulidade dos provincianos, e ultrajar as suas próprias virtudes, se quer escarnecer a boa fé dos outros.

– O meu amigo – redarguiu o comendador voltando-se todo gravemente para o escritor – o meu amigo disse agora aí soleníssimas palavras! – E prossequindo o escanhoamento, acrescentou: – Com que então, meu caro senhor Soares, diz Vossa Senhoria que eu escarneço a boa fé dos outros... Essa confissão já eu lha fiz, quando confessei o que sou. Um cavalheiro de indústria de que vive, senão de lograr a boa fé dos incautos?

– Não profira Vossa Senhoria mais essas palavras que lhe ficam pessimamente. O senhor é uma pessoa de bem. Um cavalheiro de indústria não dá esmolas de dois contos de réis, nem dispõe de capitais que só a honrada indústria acumula.

– Vossa Senhoria dá-me licença – interrompeu, lavando a face, o risonho milionário – dá-me licença que lhe diga que é um inocente, por não lhe dar uma qualificação mais acertada?

– Quer dizer que eu sou um tolo?

– Roubou-me o pensamento; mas a descoberta fica sendo propriedade de nós ambos. Deixe-me vestir um chambre, e eu lhe falo com a sisudeza que o caso pede.

Tudo isto era dito pausadamente, sem affectação, nem ambições de parecer

desusado. Vestido o chambre, o comendador abriu uma caixa de havanos que ofereceu ao escritor, dizendo:

– Isto é contrabando... A sua discricção não me há-de indispor com o contrato...

– Onde Vossa Senhoria tem poderosos defensores, se eu o denunciar... – atalhou, sorrindo, Roberto. – Aquele que há pouco lhe dava o braço...

– Ah, sim, conhece aquele cavalheiro? Quer o meu amigo dizer com isso que eu sou homem importante... Não tire conclusões tão seguras de princípios tão incertos. Bem pode ser que eu, na minha consciência, me sentisse desonrado pelo contacto daquele sujeito, a quem Vossa Senhoria, na sua ignorância da sociedade, concede o poder de nobilitar as pessoas que o tratam ombro a ombro... Ora diga-me: foi informar-se de mim?

– Não, senhor; soube casualmente que Vossa Senhoria era uma pessoa distinta pela sua fortuna, e pelas suas boas qualidades. Senti que me quisesse afastar de si, fingindo-se um homem repelente; lembrou-me que o tratei com desabrimento...

– E vem agora pedir-me desculpa?

– Não direi tanto; venho... entendo que... depois de...

– Não gagueje, senhor Soares. Vossa Senhoria vem oferecer ao milionário as considerações que negava ao velhaco, ao cavalheiro de indústria. Isso é um erro. Entende que o milionário é sempre digno da veneração negada ao velhaco? O senhor está corrupto, se me dá licença.

– Corrupto!... corrupto, não...

– Pois transigir com a corrupção o que é?

– Vossa Senhoria – respondeu, enleado, o escritor – rebate-me dum modo tal que me tolhe a liberdade de responder...

– Essa é boa!

– Acho uma novidade tal no seu carácter, que me parece estar lendo um romance dos que se não podem fazer neste pais onde tudo é trivial.

– Outro erro seu. Há muitos caracteres de romance na nossa terra. Nenhum pais tem tão rica mina que explorar de cenas trágicas e cómicas. A superfície da nossa sociedade dos últimos vinte anos rebenta, todos os dias, um romance. Não há família caída e família levantada que não tenha um. Os senhores, que professam as letras, é que não sabem, nem estudam na natureza os quadros acabados que ela lhe oferece.

«Que fez Vernet para pintar uma tempestade? Fez-se atar ao mastro dum navio batido pela tormenta. Que fez Plínio para ver de perto a natureza? Despenhou-se nas lavas duma cratera. Que fez o anatómico Bichat para estudar os órgãos da vida? Morreu da putrefacção dum cadáver.

«Sem observação não há verdade; sem bases verdadeiras a mais rica imaginação perde-se no inverosímil. Os escritores portugueses não conhecem da sua terra senão o poético céu, as saudosas tardes do Estio, e as afeições amorosas que a meiguice desta natureza lhes inspira. Isto dá-o o coração sem estudo; e o que convém estudar, para fielmente descrever esta sociedade, é tudo o que está fora do coração, é tudo o que pode filiar-se ao materialismo das paixões, à cobiça dos gozos corpóreos, à ambição desenfreada de sacudir os farrapos e a lama com que por aí se entra na carreira da fortuna. Estou-o impacientando?»

– Não, senhor. Ouço-o com religiosa atenção.

– Disse o meu amável escritor que eu lhe pareço um homem de romance. Sou. Tenho uma história biográfica, com que podia fazer-se a reputação dum talento medíocre, porque as cenas da minha vida estão dispostas, acabadas, e atadas, por um casual maravilhoso, umas às outras. O que faria a desesperação do meu historiador são os poucos quadros amorosos que eu tenho na minha vida. Há nela uma só paixão doce,

um só oásis de sentimentos ternos. O mais são tudo reminiscências turvas, abismos evocando abismos, uma genealogia de desgraças e crimes, que perderia a unidade da acção, se o meu historiador as quisesse entremear de paragens agradáveis ao espírito fatigado do leitor.

«Não cuide que lhe vou contar a minha vida. Seria engraçada cousa um homem de cinquenta anos, fazendo seu confidente um moço de... Quantos anos tem o senhor?»

– Vinte e quatro.

– Pois aí tem: há incompatibilidade nos nossos espíritos. Não nos poderíamos entender; nem... porque não hei-de eu ser franco? Nem o senhor exerce em mim a acção poderosa que obriga o coração a abrir-se.

– Nem eu de tal presumia – atalhou Roberto Soares.

– Como há-de merecer-lhe confiança um rapaz que Vossa Senhoria tratou como rapaz? Muito lhe devo eu já pela seriedade com que, talvez sem o querer, Vossa Senhoria me tem dito o que realmente creio que sente. A sua estima há-de ser difícil de granjear-se; e, se eu lha não merecer pela simpatia da inteligência, não tenho esperanças de alcançá-la com outros merecimentos. Sou ao menos digno de saber o seu verdadeiro nome?

– O meu verdadeiro nome! Todos os nomes são verdadeiros, logo que a sociedade nos reconhece por eles. Chamam-me, já lho disse, Macário Afonso.

– Vossa Senhoria é comendador duma ordem brasileira?

– Sou; mas isso creio que não é nome; também sou comendador de duas ordens portuguesas; e, ainda mais, chamam-me barão. Já vê – acrescentou ele baixando o sobrolho, e pousando a mão no ombro de Soares – já vê que me tem dado umas *senhorias* pouco lisonjeiras, e que o seu informador não está ao par das graças que Sua Majestade faz aos beneméritos. Tenho, pois, a honra de lhe apresentar o meu *alter ego*, e desculpe o latim, o meu barão da Penha, rogando-lhe que me não apresente como tal aos nossos companheiros da mesa redonda, que naturalmente serão todos barões, e eu não quero camaradagem, nem os quero ouvir, para me não arrepender da igualdade ignóbil, que me custou não sei quanto.

«O cavalheiro de indústria metamorfoseou-se. Mostrei-lhe o que se pode ser antes de ser-se barão; quis dever-lhe uma hora de recreio, porque, em verdade, estive divertido enquanto tratei o meu jovem amigo com a mesma galhofa com que o senhor se quis relacionar com os seus comensais. Não sei se está contente com satisfação...»

– Mais do que devia esperar... Foi uma das excentricidades de Vossa Excelência...

– Agora vou vestir-me. Tenho o sarau do visconde de Vila Seca. Não sei quem é o visconde de Vila Seca; mas fui apresentado ontem à viscondessa em casa dum meu amigo, e hoje recebi um cartão. Quer que eu o apresente? Vá preparar-se.

– Se Vossa Excelência me quer dar essa honra, irei.

– O senhor não está relacionado?

– Vim a Lisboa como pretendente. Conheço algumas notabilidades que me prometem protecção; mas não me convidam para sua casa.

– O senhor que pretende?

– Um emprego numa repartição qualquer.

– É pobre?

– Tenho vivido escassamente do meu trabalho literário.

– Tem família?

– Tenho mãe.

– Que vive da sua protecção?

– Eu não podia dar-lha. Minha mãe é sustentada por uma irmã que está em pouco melhores circunstâncias. Há dez anos que está paralítica.

– Pobre senhora! Está bom; falaremos muito. Vá vestir-se, que já aí está a sege.

III

...Nuit de mystère!

V. HUGO (*Le Roi s'amuse*)

O visconde de Vila Seca era um fidalgo das últimas rebentações da província. Tinha casa no Porto, e achava-se em Lisboa para contentar os caprichos da viscondessa, que se queixava de morrer de aborrecimento na sua terra.

O visconde chamava-se António José, e a viscondessa Maria do Rosário. Orçavam pela idade um do outro, de cinquenta e cinco a sessenta anos, pouco mais ou menos.

Maria do Rosário servira no convento de Monchique desde 1804 até 1808. A invasão francesa, no Porto, mudou-lhe o destino de vida. Fugindo com a freira, sua ama, teve o aparente infortúnio de ser prisioneira dum oficial francês, que, também cativo dos agrados, e condoído das lágrimas da moça, a levou consigo na retirada. A ama foi menos feliz, porque, desinfectado o Porto da peste francesa, entrou no seu convento, onde morreu em cheiro de santidade. Os contemporâneos desta esposa do Cordeiro dizem ser ela a autora das *Cartas duma Religiosa Portuguesa* traduzidas pelo presbítero Francisco Manuel do Nascimento. Isto não está averiguado.

Vamos à Mariquinhas, que é o essencial.

O francês morreu em Waterloo, e a moça achou-se desamparada. Um cirurgião português, empregado nas ambulâncias do exército invasor, tomou conta da formosa patriciã. Feita a paz geral, o cirurgião voltou à pátria, e tão afeiçoado vinha à moça que a fez sua mulher, em Lisboa. D. Maria do Rosário enviuvou em 1818. Era ainda bela nos seus vinte e oito anos; mas ficara pobre. Anunciou-se como mestra de francês em casa particular, e foi logo assoldada para educar as filhas de um fidalgo.

O fidalgo era viúvo. Namorou-se da mestra, tentou-lhe a virtude, e apaixonou-se com a resistência. Antes de enlouquecer, resolveu casar-se. Pediu perdão da ignominia aos indignados avoengos de lona, que o encaravam severos na sala dos retratos, e declarou-se à inflexível mestra. D. Maria preparava e esperava este desfecho. Aceitou com desdém, dizendo que a sua única ambição era a virtude.

Souberam-no os parentes do fidalgo, e tramaram estorvos de modo que o casamento foi dilatado.

Entretanto fizeram saber a D. Maria do Rosário que o fidalgo tinha uma perna podre. A enojada viúva inspeccionou o quarto, e efectivamente descobriu vestígios de podridão nos unguentos e fios que o noivo escondia. Isto desanimou-a.

Os parentes conheceram a mudança, e aplaudiram-se do expediente; mas a viúva do cirurgião dava ares de querer transigir com a perna lázara. Os interessados no desmancho do casamento urdiram nova intriga. Ofereceram à noiva alguns contos de réis para sair da casa, acompanhando a proposta de razões que a convenceram de que ficaria pobre, por morte do marido, e seria sempre repelida da convivência dos herdeiros. Venceram. D. Maria do Rosário, inexorável às lágrimas do fidalgo, saiu com alguns mil cruzados, e foi para o Porto, onde tinha parentes.

No Porto, informou-se dos parentes, e soube que tinha uma irmã casada com um guarda da alfândega, um irmão anspeçada na polícia, e outro barqueiro no Douro.

Envergonhou-se da parentela, e não se apresentou a nenhum.

Em doze anos de ausência, as feições da criada de Monchique estavam desfiguradas, posto que belas ainda. Os seus parentes, se a vissem, trajada senhorilmente, não a conheceriam. Não obstante, Maria foi morar nos arrabaldes.

Alugou uma casa na Ramada Alta, pouco depois comprou uma quinta nos campos de Cedofeita, e deu que sofrer à curiosidade dos vizinhos.

António José, aí por 1827, casou-se com D. Maria do Rosário.

Quem era, porém, António José que venceu a resistência da dama misteriosa, perseguida pelos leões distintos daquela época, Alcoforados, Correias, Cirnes, Leites e outros cujos descendentes cederam a liça aos filhos dos seus escudeiros?

É o que havemos de saber, quando for tempo, e pode ser que seja logo.

O barão da Penha apresentou-se à viscondessa de Vila Seca, dizendo:

– Vossa Excelência vai honrar-me com o conhecimento do senhor Visconde, e eu lhe rogo que aproveite o ensejo para duas apresentações: é o senhor Roberto Soares, que eu tenho a honra de colocar no número dos admiradores das qualidades de Vossa Excelência.

– Não é do Porto este senhor? – disse a viscondessa.

– Sim, minha senhora – respondeu o escritor.

– Eu conhecia-o já de nome pelos seus chistosos folhetins, e bonitos versos. Desejava conhecê-lo pessoalmente, e pedi a alguns amigos do Porto que mo apresentassem; mas, talvez por inveja ou antipatia, disseram-me que Vossa Senhoria além de ser muito satírico, era extremamente soberbo.

– Caluniaram-me, senhora Viscondessa. A casa de Vossa Excelência não podia inspirar-me sátiras, e a sua conhecida amabilidade com as pessoas inferiores não provocaria a minha soberba.

– Assim mo disseram – redarguiu a viscondessa – e eu temi-o. Onde se conhecem? – continuou, voltando-se para o barão da Penha.

– E meu parente – disse o barão.

– Sim? Pois Vossa Excelência tem parentes no Porto?

– Sim, minha senhora.

Roberto Soares pasmou da excentricidade, mas vangloriou-se do improvisado parentesco. O visconde, que passava, abrindo caminho aos charões da neve, recebeu os dois apresentados, fazendo uma profunda reverência ao barão, e reparando com visível desgosto em Roberto Soares. Os grupos entremearam-se, separando o dono da casa. O barão disse ao escritor:

– Fica na inteligência de que é meu sobrinho?

– Esse título é mais lisonjeiro que o de amigo. Parece que sinto o coração de Vossa Excelência. Vê-me sem nome, no meio desta gente, e quer dar-me um nome.

Um outro literato veio apertar a mão de Roberto Soares: era um homem, que vós conheceis, leitores, se tendes lido duas crónicas de infortúnios que vos dei com os títulos *Onde Está a Felicidade?* e *Um Homem de Brios*: era o amigo de Guilherme do Amaral e da viscondessa de Amares.

Roberto devia favores a este moço, que o tirara da obscuridade, inculcando os seus ensaios literários, e o remediara na penúria, franqueando-lhe metade dos seus pequenos recursos. Roberto Soares era grato, e quis dar ao seu amigo o amigo que o trouxera ali. Em poucas palavras preveniu o barão, e ambos procuraram o literato para o fazerem do seu grupo.

O carácter franco deste último agradou ao milionário. Travaram larga conversação em que predominava o colorido local, e vieram à crítica, logo que o poeta conheceu que falava a um homem que a fazia destramente, aplicando cáusticos epigramas a todos e a tudo com uma seriedade que revelava um homem de boa roda e fino espírito.

– É lícito sindicar a vida do dono da casa? – perguntou o barão.

– É – respondeu o poeta – porque o dono da casa é o primeiro cidadão nesta república.

– O senhor conhece este visconde?

– Tenho impressos na memória os apontamentos da biografia do senhor António José.

– António José! – interrompeu, como surpreendido, o barão. – Conheci um homem com esse nome económico.

– Será ele. Veja lá Vossa Excelência. Confronte as suas reminiscências com os meus apontamentos. António José foi desde mil oitocentos e nove até mil oitocentos e vinte e três, pouco mais ou menos, criado dum desembargador do Porto, cujo nome tinha nos meus apontamentos.

O barão da Penha deu um súbito sinal de profunda atenção; ia soltar uma palavra; mas susteve-se num *É...* em que o historiador não reparou, continuando:

– Este desembargador era rico. Sabia-se que ele escondera num falso um grande capital, quando os franceses invadiram o Porto. Em mil oitocentos e vinte e três ou vinte e quatro, morreu o desembargador, e os filhos, ou herdeiros não acharam um cruzado para lhe fazerem o enterro. Um amigo particular do defunto disse que sabia onde estava o dinheiro: desceram ao falso, e encontraram teias de aranha, excepto no local onde se conhecia que estivera depositado um caixão. A justiça não tinha senão suspeitas para perseguir o ladrão.

«António José era duma aldeia do Douro. Foi para a sua terra, e negociou em vinhos, primeiro em pequena escala, depois como grande comerciante, denominando-se feitor dum nome emprestado. Em mil oitocentos e vinte e sete, o negociante de vinhos estava relacionado no Porto com os capitalistas, e representava na companhia um dos maiores accionistas. Dizia-se a meia voz que era um ladrão descarado, mas ninguém ousava dizer-lho de frente.

«Em mil oitocentos e vinte e sete... Está Vossa Excelência espantado da minha memória de datas?»

– Estou, decerto! É admirável...

– A minha paciência, ou a minha curiosidade?

– Tudo.

– Isto tem-me custado muito, senhor Barão. E um trabalho sem recompensa. Os contemporâneos são sempre ingratos; mas a posteridade abençoará o homem laborioso, que vai gastando a sua mocidade na inspecção das torpezas do seu tempo, para poder, como Rousseau, estampar na face dum livro: *J'ai vu les meurs de mon temps*. E, depois, meu caro senhor, é preciso dar desforra ao talento. Sinto não o ter para arrastar estes homens em vida pela lama donde saíram; mas o que posso fazer, faço-o: vou delineando no romance, embora imperfeito os traços essenciais dos retratos, que um génio por vir aperfeiçoará, desenhado das conveniências de sociedade, que são o freio indecoroso do talento servil e envilecido.

«Dizia eu...»

– Que em mil oitocentos e vinte e sete... – lembrou o barão.

– Em mil oitocentos e vinte e sete, António José comprou uma quinta em Ramalde, nos subúrbios do Porto, chamada «Vila Seca». Passando amiudadas vezes para a quinta, viu na Ramada Alta esta mulher, com quem casou. Não pude até hoje colher notícias exactas acerca dela. Sei, porém, quem as possui, e espero, mais tarde, se houver de historiar esta gente, poder decifrar quem era Maria do Rosário. Está discutido o dono da casa.

– Agora – disse o barão erguendo-se – vamos vê-lo ao pé: a plástica é uma ciência auxiliar da estética. Quero ver a cara do ladrão reabilitado. Os senhores não imaginam quanto este homem me interessa!

E dali foram em cata do visconde de Vila Seca. O barão da Penha parou em frente

dele, encarando-o imóvel, penetrante, terrível. Roberto Soares viu nos olhos do seu recente amigo uma expressão sinistra, e segredou algumas palavras ao ouvido do poeta.

O visconde dirigiu-se ao hóspede que o fixava, e disse:

– Então Vossa Excelência está satisfeito?

– Muito satisfeito. Esperava ocasião oportuna de perguntar a Vossa Excelência a que horas amanhã o encontro em sua casa, com vagar para uma entrevista de alguns minutos.

Isto foi dito de modo que os dois literatos o não ouviram.

– Do meio-dia para uma hora, querendo Vossa Excelência – respondeu o visconde

– Serei pontual à hora que me indica – e voltou-lhe as costas, logo que alguém o distraiu.

Em seguida, disse a Roberto Soares:

– O senhor, se está bem, deixe-se ficar; eu retiro.

– Vamos – disse Soares. – Está incomodado?

– Não: estou aborrecido. Um baile aos cinquenta anos é uma violência à natureza caduca. Meu caro senhor – prosseguiu ele, dirigindo-se ao amigo de Roberto – eu não ofereço a minha amizade por delicadeza. Aperte esta mão de amigo, e honre o meu quarto nos *Irmãos Unidos* quando não tiver cousa melhor em que se empregue. Eu andaria toda a minha vida a procurá-lo, se soubesse que Vossa Senhoria me contaria a história de António José.

O literato seguiu-o até à sege, sem mais lhe ouvir uma só palavra. O mesmo aconteceu a Roberto até apearem na hospedaria. Querendo acompanhá-lo ao quarto, Soares viu uma notável alteração de feições no seu amigo. Ia tentar uma indagação, quando o barão lhe disse:

– Deixe-me agora, que preciso ficar só.

O escritor saiu. O barão pôs a face entre as mãos, pendeu-a sobre a mesa, e assim permaneceu longo tempo.

Quem o visse, depois, à luz amortecida duma vela, temê-lo-ia. Parece que o fogo de dentro lhe ressequira a epiderme; que o inferno interior lhe chamejava nos olhos; que, do trabalho aflitivo daquela hora de recolhimento, saíra uma resolução de homicídio.

IV

Telles sont les fortunes qu'on peut appeler ridicules, et qui l'étoient encore plus autrefois qu'aujourd'hui par le contraste de la personne et do faste déplacé.

DUCLOS (*Moeurs*)

Temos o barão da Penha na sala de espera do visconde de Vila Seca. Passeia, como impaciente, duma extrema à outra, e vê-se que faz sobre si impotente esforço para afectar tranquilidade. Será a demora do antigo António José, criado do desembargador, que lhe fere o amor-próprio? Não pode ser tão-pouco. O barão da Penha é modesto com grandes e pequenos. Aquele frenesi deve de ser uma dor muito de dentro convertida em raiva, O homem, que ele espera, deve ser-lhe um ente muito odioso.

O visconde abriu a porta da sala imediata, culpando-se e desculpando-se da demora, porque estava ainda recolhido.

– Sinto tê-lo incomodado, senhor Visconde – disse o barão simulando o sobressalto, e humedecendo com a língua os lábios que pareciam arados pela febre – mas Vossa Excelência deu-me esta hora, e eu acusar-me-ia de pouco respeitador, sendo menos pontual. De mais, urgia a necessidade de falar-lhe, porque a minha saída de Lisboa está para breve.

– Pois vai-se? – atalhou o visconde.

– Breve, meu caro senhor. Antes de cumprir a comissão que me fez cortar o sono de Vossa Excelência, preciso lembrar-lhe que a nossa entrevista não deve ser interrompida. Rogo-lhe, portanto, que providencie de modo que nos não estorvem, nem ouçam.

– Isso é fácil; fecha-se esta porta, e diz-se que não estou em casa.

O visconde ordenou ao escudeiro que ninguém entrasse na sala, e fechou a porta.

O barão, depois de mudo intervalo em que relevava desordem ou guerra de pensamentos contrários, falou assim:

– A comissão é espinhosa, senhor Visconde.

– Qual comissão?! – interrompeu o boçal, que tremia do resultado duma questão de papéis de crédito comissionada a indivíduos da agiotagem.

– A comissão que me encarregou um homem que encontrei no Rio da Prata, onde fiz, há poucos meses, uma excursão comercial.

– É algum plano de navegação entre Portugal e Brasil? São negócios muito arriscados, senhor Barão.

Rogo-lhe o favor de me não quebrar o discurso, senhor Visconde. Não se trata da cousa mercantil.

– Ah! eu pensei... faz favor de dizer...

– O homem que encontrei pediu-me uma esmola, favoreci-o porque era extrema a sua miséria, e ouvi-lhe a história. Disse ser natural do Porto, filho do desembargador Jerónimo de Abreu e Lima.

O visconde descorou, empalideceu, desfigurou-se, e tremia. O barão fingiu-se estranho ao alvoroço, e prosseguiu:

– Perguntei-lhe como descera à desgraça de mendigar. Respondeu-me que saíra de Portugal para cumprir degredo de vinte anos em Cabo Verde. Cumprido o degredo, não quisera voltar à pátria, disse ele, porque a pátria é a família, são amigos, é o torrão que dá subsistência; e ele, só e pobre e repellido pelos que o amavam antes do seu crime, não

tinha já agora pátria nenhuma. Saíra de Cabo Verde um navio para a América, e Constantino de Abreu e Lima – assim me disse chamar-se – foi como marujo. Enganaram-no as esperanças. Ninguém deu trabalho e pão ao condenado de Cabo Verde, e o desgraçado chegou aos cinquenta anos, com a cabeça branca, e a decrepitude dos setenta, pedindo esmola.

«Disse-me mais este homem que em casa de seu pai, ao tempo da sua morte, havia um criado, chamado António José... Não descobre, senhor Visconde, porque bem vê que eu desço a voz, e o que entre nós se passa é um segredo. Vossa Excelência empalidece talvez por compaixão do filho de seu amo... E nobre essa comoção; gosto dela como prognóstico de que hei-de sair bem do meu empenho.

«O criado do desembargador, disse Constantino, era um fiel amigo daquela casa. Esta virtude de António José honra muito o actual visconde de Vila Seca. Tenha Vossa Excelência um nobre orgulho de ter sido um fiel criado, e um amigo, que se faz lembrado, depois de vinte e tantos anos, a duas mil e quinhentas léguas de distância.

«Como Constantino de Abreu e Lima soube que Vossa Excelência chegou a esta alta posição na sociedade, isso é que eu não sei: o certo é que ele o sabe, e duas vezes me disse que a base dos grandes haveres de Vossa Excelência devia necessariamente ser a virtude, porquanto a probidade de seu ânimo era incapaz de consentir à cobiça bens de fortuna adquiridos pela desonra. Depois que cheguei a Portugal, conheci que o amo de António José fazia inteira justiça ao seu criado.

«Quer Vossa Excelência agora saber o que falta? Deve tê-lo conjecturado. O filho do desembargador Jerónimo de Abreu e Lima encarregou-me de solicitar de Vossa Excelência uma esmola para ele, esmola com a qual possa vir morrer a Portugal, depois de abraçar os joelhos do seu benfeitor.»

O visconde estava fulminado. O pesadelo era horrível. O homem queria convencer-se de que sonhava; mas o olhar penetrante do barão era atrozmente real. Fazia lástima o aniquilamento deste miserável! A consciência da prostração, que o estava delatando, dera-lhe coragem para falar, quando o barão se antecipou:

– É natural o espasmo em que o deixou a triste história. Vossa Excelência está a ver o filho de seu amo, com todos os regalos da vida, há vinte e três anos, e imagina-o agora andrajoso, velho, estendendo a magra mão à caridade... O contraste destas duas situações faz-me doer o coração a mim, que não conheci Constantino na prosperidade, que fará a Vossa Excelência que o viu crescer nos regalos de filho único, esperançoso herdeiro dum grande património, que se supõe enterrado!? Diz ele que seu pai devia ter o melhor de quarenta contos, havidos de herança paterna e dos bons lugares que exercera na magistratura, é isto verdade, senhor Visconde?

– Sim... ele dizia-se, que havia dinheiro... mas...

– Não apareceu... Nem alguém deu indícios dele existir escondido?

– Parece-me que alguém disse... que o desembargador tinha dinheiro...

– Sim, num falso, desde a invasão dos franceses; mas...

– Não havia lá nada...

– E até foi necessário esmolar-lhe o enterro, e vender a livraria para pagar o aluguer da casa...

– É verdade.

– E talvez o dinheiro exista... quem sabe?...

– Pode ser... às vezes...

– Pois, senhor Visconde, o que é certo é o infortúnio de Constantino, e Vossa Excelência vai dar-me uma prova de que tem pena deste homem.

– Enfim, o caso faz pena; e eu, se pudesse fazê-lo feliz...

– Pois não pode?

– Alguma cousa posso; mas não tanto como a minha vontade... Entretanto, alguma cousa darei... Posso pagar-lhe a passagem para cá, e depois... veremos o que se pode fazer.

– Depois, concorreremos ambos para lhe segurar a subsistência com uma pensão, não acha?

– Sim... – disse, hesitando, o visconde – ou arranja-se-lhe um empreguito na Câmara, ou por aí...

– É verdade... a influência de Vossa Excelência decerto conseguirá empregá-lo... numa alfândega, onde há uns lugares de doze vinténs... acho que são guardas...

– Justamente...

– O filho do desembargador não terá decerto ambições de figurar...

– Pois ele... é o que faltava!... Está claro...

– É verdade que eu achei no homem espíritos elevados; até me pareceu ter tal ou qual instrução... Vossa Excelência há-de lembrar-se se ele se dava ao estudo...

– Sim, ele andou em Coimbra dois anos, e dizia o pai que havia de ser um sábio; mas era extravagantezito... Aquele casamento...

– É verdade... parece que houve aí uma história de casamento...

– Com uma rapariga pobre...

– Que ele não sabe se é viva ou morta...

– Nem eu... ela por lá ficou pelo Porto.

– A pedir esmola, talvez!

– Acho que sim... é o mais provável.

– E Vossa Excelência talvez a socorresse...

– Nunca me apareceu... Se a visse, dava-lhe a minha esmola; mas cuido que não viveu muito depois que ele foi degradado.

– Muito bem. Conseguí apiedar a sua generosidade. Eu dou ordem ao meu correspondente de Buenos Aires para fazer procurar Constantino, e agenciar o transporte dele para Portugal. A valiosa esmola que Vossa Excelência se dignou oferecer, aceitá-la-ei quando lhe aprover...

– Quanto será necessário?

– Cem mil réis, creio eu.

– Acho de mais! Por trinta a quarenta mil réis... do Rio ao Porto... ou Lisboa...

– Mas eu tomo a liberdade de lembrar a Vossa Excelência o transporte de Buenos Aires ao Rio, a necessidade de o vestir, porque o vi quase nu, *et cetera*...

– Sim, sim; pois se o senhor Barão quer agora receber, eu dou-lhe ordem para o meu guarda-livros...

– Como queira, senhor Visconde.

– E vou pedir-lhe um favor.

– Queira mandar.

– Segredo a este respeito.

– Então Vossa Excelência segue em rigor a máxima do Divino Mestre; que a mão esquerda não sabia o que dá a direita?... É a excelência da caridade a sua recomendação.

– E outra cousa... Não quero que ele me venha agradecer... O que puder fazer, faço-lhe; mas nada de agradecimentos.

– Sendo a gratidão o prazer que o homem caridoso tem neste mundo, o senhor Visconde, com os olhos postos em Deus, dispensa esse acto de humildade.. .E o refinamento da grande virtude cristã. Tudo se fará como Vossa Excelência quer.

O visconde saiu a escrever a ordem. O barão da Penha, só, comprimindo a fronte com as mãos, murmurou:

«Que grande força tem o homem!... Não me abandones, minha coragem!»

E sentou-se convulsivo, levando à cabeça a mão direita fechada, e arrepelando com a esquerda um feixe de cabelos brancos. Era a reacção duma ideia feroz, que se manifestou em toda a sua fúria, quando a prudência e o cálculo se gloriavam dum triunfo sobre o ódio.

E que ódio! Que laceração dolorosa a daquele diálogo!

Já se ouviam os passos do visconde ao pé da sala, quando o barão proferiu estas palavras:

«Este homem está condenado!... As agonias da morte dele principiam hoje.»

– Aqui está, senhor Barão – disse o visconde, com mal disfarçado agastamento.

– Esta esmola é das que rendem cento por um – respondeu o barão, mudando prodigiosamente o semblante.

– A minha fortuna não é tão grande, como se diz...

– Sê-lo-á, senhor Visconde.

– O negócio tem reveses...

– Não importa... Aquele que foi levantado pela virtude não pode ser abatido pela fortuna.

V

Oh! não sabe o que é tormento, o que é inferno neste mundo, o que não sofreu destas angústias!

GARRETT (*Viagens na Minha Terra*)

Agora me levantarei, diz o Senhor, para acudir aos gemidos dos pobres.

Salmo, 11-113

Na Rua da Murta, na cidade do Porto, mora em uma casa, pobre no exterior, e pobre na mobília, Jorge Ribeiro, que fora empregado na companhia dos vinhos, e agora não tem emprego, porque cegou. Figura cinquenta e tantos anos; e é casado com uma irmã de Leonor Soares, mãe de Roberto Soares.

Jorge Ribeiro economizara alguns sobejos do seu bom ordenado para a velhice; mas a necessidade antecipou-se com a cegueira. Ao cabo de três anos de inactividade e desamparo, Jorge vendeu as jóias de sua mulher, vendeu o faqueiro, vendeu o bragal, vendeu os melhores móveis, e principia a vender as camisas, quando o senhorio da casa, desembolsado do quartel de dois anos, lhe envia um mandado de despejo e outro de penhora.

O cego recebe serenamente esta notícia; estende a mão descarnada à mulher que lhe dá, chorando, e murmura:

– Não chores, Helena. Morrer debaixo do céu ou debaixo das cortinas dum leito rico, é sempre morrer. Deus, que nos reduziu a isto, nos dê o destino que for de sua divina vontade.

– E a nossa pobre irmã?

– A nossa pobre irmã irá para onde nós formos.

– E para onde vamos nós?

– E para onde vão as avezinhas que Deus alimenta? Destino certo, nesta vida, há um só: é o da sepultura. Iremos ao acaso. Se os meus antigos amigos me não negarem a primeira esmola que lhes peço, viveremos da caridade... pouco tempo será. Nem eu nem tu temos coração para este golpe. A nossa Leonor, se a pudermos alimentar no seu leito, dividiremos ao meio o nosso pão esmolado; se não pudermos, vamos à Misericórdia pedir que lhe dêem uma cama, e um esquite, pouco depois. Entretanto pode ser que o nosso sobrinho alcance um emprego; e o pobre rapaz há-de ser grato aos sacrifícios que temos feito para a sua educação literária, que de tão-pouco tem valido a ele e a nós. O dinheiro, que lhe arranjámos para ir a Lisboa, remediar-nos-ia agora... Oxalá que ele o aproveite... Nada de lágrimas, filha. Estão aí já os oficiais de justiça? Que vão tomando conta de tudo, e nós sairemos depois...

– Oh! Que situação tão desgraçada a nossa! – exclamou, sufocada, D. Helena. – Ao que nós chegámos, Jorge!

– Tens razão, Helena, chegámos à desnudez e à fome; mas vem aqui ao pé de mim, dá-me a tua mão... ainda não esgotámos o cálice do infortúnio, minha pobre mulher. Tens a tua viste para me guiares à porta dos benfeitores. Se Deus te cegasse, ainda assim, esperaríamos que a mão da justiça nos fosse também a mão da misericórdia...

Um homem de aspecto duro entrou na sala, quase nua, onde se passava este lance, e disse que «era necessário despachar» que estava o depositário à espera, e os louvados tinham que fazer.

– Pois então façam a penhora – disse Jorge Ribeiro com tranquilidade. – Está neste quarto próximo uma senhora entredada, e queria eu saber se lhe hão-de levar também a cama, para a passarmos para o sobrado.

– Isso é lá com o senhorio – respondeu rudemente o oficial de diligências. – Mande-lho perguntar.

– Não há por quem; se o senhor tivesse a caridade...

– De lá ir? Não posso, que o senhorio mora longe; mas o que pode fazer-se é avaliar-se o leito, e depois eu digo ao homem o que há, e ele fará o que quiser.

– Pois sim; mas deixe-me ir prevenir a doente, antes de lá entrarem. Podem ir tomando conta do resto, e oxalá que tudo chegasse para o bolso do senhorio... Helena, vamos ao quarto de tua irmã.

Jorge, conduzido pela mulher, entrou no quarto de Leonor. Estava a enferma sentada em um pobre leito, sem coberta, com o velho cobertor aconchegado à barba.

– Já sei tudo – disse Leonor. – Eu tenho mais ânimo que a nossa Helena, mano Jorge. Deus parece que dá aos mais desgraçados a maior paciência. Arranjai-me um lugar no hospital; irei daqui para lá. Ireis lá ver-me todos os dias, e depois nos veremos todos na bem-aventurança dos que choram. Vede se podeis salvar os poucos livros de meu filho, que são os utensílios do seu ofício, e tanto vos custaram a vós, e a ele; pelo menos, escondi aquele livro, que ele estima tanto, por ser o único objecto que tem de seu pai. Dai-mo para aqui, andai, que eu escondo-o entre a roupa. O mano Jorge bem sabe qual era; tem um letreiro por fora que diz: ANAIS DE TÁCITO. Vai tu buscá-lo, Helena, vai depressa, que eu tenho muito amor àquele livro; foi o único que ele não vendeu, porque o tinha emprestado.

Helena entrou numa pequena alcova, onde, além dum velho leito de pau preto, havia uma mesa de jogo aberta, com um tinteiro de louça, alguns papéis escritos, e duas dúzias, ao muito, de livros, sobre a mesa, e uma cadeira que servia, ao mesmo tempo, de lavatório.

Procurando o livro não o encontrou; veio dizê-lo à irmã, que exclamou com alegria;

– Ainda bem que o levou meu filho! Não vos disse eu que ele sofreria muito se lhe tirassem aquele livro? Os outros, se lhos levarem, paciência. Deus o ajudará a comprar mais. Arranjará ele o emprego? Hoje é dia de correio, e, se houver carta, não pode tardar. Nosso Senhor se compadeça de todos nós, e toque em favor do meu filho o coração do ministro.

Correio! foi uma palavra que fez estremecer os corações destes três infelizes.

– Vai, vai, depressa, Helena! – exclamou a mãe de Roberto Soares. – Tendes vós com que pagar o porte da carta?

Helena tinha saído sem indagar esta circunstância. Jorge não respondera à pergunta. É que todos estavam em jejum, à espera que uma adeleira lhes trouxesse o importe dum lençol, para comprarem o pão do almoço. A mulher de Jorge voltou, dizendo que a carta vinha já paga.

– Bendito seja o Senhor! – disse Jorge.

– E é volumosa!... – disse Leonor, abrindo-a, trémula, como se receasse uma infausta nova. – E traz outra dentro...

Para quem? – perguntou o cego.

– Para... para... o Ilustríssimo senhor Manuel José da Costa Guimarães, Rua da Torrinha.

– É um negociante – disse Jorge. – Lê, Leonor.

A enferma passou a carta a Helena, que leu o seguinte:

«Minha querida mãe

Lisboa 10 de Setembro de 1850

Escrevo-lhe cheio de contentamento. Posso dizer que é este o primeiro dia de completa felicidade na minha vida.

Quando poucas esperanças me restavam já de alcançar um emprego, depois de dois meses de despesas incomparavelmente maiores que as nossas forças, encontrei por um feliz acaso um protector, um amigo, um pai, uma Providência.

Este anjo da nossa ventura é o barão da Penha, um homem excepcional por isso que é para mim o que eu nunca pensei que se pudesse encontrar neste mundo egoísta, e desprezador de tudo que se não faz representar pelo dinheiro,

Não contente com apresentar-me como seu amigo, chama-me seu sobrinho, e, apenas correu a noticia de que eu era sobrinho dum milionário solteiro, tenho encontrado nestes oito dias considerações que me fazem nojo.

O lugar que eu requeria já o não quero, por conselho do meu Protector. Diz ele que me há-de fazer despachar para outro mais importante, e aconselha-me que siga a vida diplomática. Tenho um futuro, minha querida mãe! Abrace meus caros tios, já que eu não posso...

A carta foi aqui interrompida pelos soluços da leitura, e exclamações expansivas da enferma. Duas a duas deslizavam as lágrimas na face do cego, que estendeu os braços à cunhada, tacteando-lhe a testa, para lhe dar um beijo de arrebatada alegria. E não proferiam uma palavra. Leonor parecia querer ressuscitar da paralisia das pernas para ajoelhar sobre o leito. Helena enxugava, uma após outra, as lágrimas teimosas para continuar a leitura da carta. Na sala próxima, a este tempo, revolviam-se os móveis.

Helena prosseguiu, lendo:

A generosidade deste enviado do céu estende-se até à minha pobre família. Disse-lhe que minha mãe vivia às sopas dum irmã tão pobre como ela, e o nosso amigo, que pareceu ouvir-me friamente, acaba de me dar duzentos mil reis, para eu mandar imediatamente à minha família. A ordem inclusa é para os irem receber.

– Louvado seja Deus! – exclamou Leonor, agitando-se na cama, e fazendo pasmar a irmã do grande esforço que fizera. – Vai, Helena, vai dizer a esses homens, que já temos dinheiro para pagar ao senhorio. Depressa, depressa!

Helena foi à sala, e disse que não levassem nada, porque naquele mesmo dia seria paga a dívida. Os oficiais hesitaram; vendo, porém, que os objectos penhorados mal chegariam para o pagamento das custas, resolveram ir participar ao credor o que se passara.

Terminava assim a carta:

Esta quantia pode melhorar a situação da nossa casa. Em breve com os meus próprios recursos viveremos comodamente. Minha mãe e meus tios terão dias alegres e fartos na velhice. Eu farei sempre por ter na memória que muitas vezes me deram para um livro o dinheiro que estava destinado para o pão.

Adeus, minha santa mãe. Diga ao meu bom tio, ao meu verdadeiro pai, que concebo hoje esperanças de ir com ele a Paris aos oculistas mais célebres; que tenha esperança de ver ainda o benfeitor de todos nós, que me promete ir ao Porto.

Seu filho

Roberto.»

O cego ergueu as mãos, e disse:

– Misericórdia divina, acolhe as nossas primeiras lágrimas de felicidade, depois de tantas de amargura em que provaste a nossa constância.

«Fazei, Senhor, que as nossas desventuras continuem; se a luz de alegria que hoje nos dais, pode um dia desencaminhar-nos a senda da justiça.»

As duas irmãs, recolhidas em fervorosa oração, tinham os olhos postos na veneranda face do cego, que parecia radiar o fulgor do contentamento puro dos anjos.

VI

Há muito tempo que o mundo perdeu a inocência, estamos na corrupção dos séculos, na idade caduca da natureza, tudo é malícia e enfermidade no concurso dos homens.

BALZAC (*Aristippo* – Versão de Duarte R. de Macedo)

Em poucos dias, as relações do barão da Penha e visconde de Vila Seca tocaram a intimidade. Era o barão que diligenciava insinuar-se na confiança desta família: as solicitações, as deferências, os agradamentos eram todos dele. Roberto Soares e o amigo de Guilherme do Amaral maravilhavam-se desta simpatia. O segundo alguma vez tentou conhecer o íman desta atracção: perguntava que conformidade de génios havia entre o barão da Penha e António José. O barão respondia com um sorriso, que tanto podia exprimir o sarcasmo como a ferocidade.

– Há naquele riso – disse o poeta a Soares – alguma coisa sanguinária que faz lembrar o franzir de beijo do cão que ameaça.

– A mim – disse Roberto – nunca me fala em tal homem, nem me convida a acompanhá-lo lá, levando-me a todas as casas. E, contudo, sei que ele tem feito valiosos presentes à viscondessa. Há um segredo aqui. Desconfio que o barão não gosta que lhe fales em António José. Poupa-lhe sorriso, que lhe deve ser muito doloroso a ele.

– Pois sim... outro assunto... Haverá romance nisto? Sabes tu, Soares, que as cousas e as pessoas são as mesmas em toda a parte?! Há quatro anos, conheci Guilherme do Amaral, que entrou no Porto com reputação de rico. As mulheres de lá interrogavam-me a respeito dele. As frases delas eram estas das mulheres de cá, das que hoje me interrogam a teu respeito. Quer-se por aí saber se tu és o presuntivo herdeiro do barão da Penha; a quem amas; quem é que te ama; com que intenções amarás; se já amaste; se amarias uma burguesa rica, ou uma mulher de sangue azul pobre: fazem-te auxiliar do verbo amar, e conjugam-te em todos os tempos. Eu, na tua posição duvidosa...

– Duvidosa!

– Sim, duvidosa. O barão da Penha é um esquisito, em que ninguém deve fiar o seu futuro. Chamou-te sobrinho? Se ele morresse hoje, os herdeiros pediam-te amanhã as habilitações do parentesco. A imaginação romanesca tem caprichos sobre os quais a vida real não pode contar.

– Duvidas que o barão me protege?

– Não: já beneficiou a tua família, e há-de fazer-te despachar melhor do que desejavas; mas o que eu faria, sendo o que tu és, era inspeccionar as mulheres que estão na feira, e apaixonar-se seriamente por aquela que me segurasse um bom futuro, independente dos favores incertos deste homem singular. A sombra do barão, podes agarrar a fortuna pelos cabelos. A primeira lição que ele te deu, tem um sentido místico e alegórico, que tu não compreendeste, porque te faltam seis anos de sociedade. Dizer-te ele que era cavalheiro de indústria foi um elogio figurado que ele fez à indústria dos «cavalheiros».

«O barão tocou a estrema do conhecimento do mundo, e, quando aconselha, não pode sustentar a máscara da hipocrisia.»

– Pois crês – interrompeu, agastado, Roberto Soares – crês que este homem seja um velhaco?!

– Eu sei cá o que ele foi e o que ele é!

– Não conheces, como eu, as acções que provam a nobre alma do barão?

– Eu distingo entre causas e efeitos. Aqui tenho eu na minha carteira uma máxima, que copiei dum livro francês: *Il ne faut par mesurer les hommes par leurs actions, qui sont trop dépendantes de leur fortune, mais par leurs sentiments et leur génie*. Ora, eu não conheço a índole e os sentimentos do barão melhor do que tu. Uma dádiva de duzentos mil réis a uma família pobre, uma esmola de dois contos de réis a uma costureira que se encontra na rua ralhando com a mãe por gastar o monte-pio na lotaria, isto não são as virtudes difíceis donde sai incendiado o puro ouro da virtude. Se o barão tem, como dizem, um milhão, ou dois milhões, ou não sei quanto, essas liberalidades não devem servir de recomendação para aquele que dá a um pobre os últimos seis vinténs com que devia almoçar. Nada de idolatrias intempestivas, meu caro Soares. Conta-me a história da riqueza deste homem, traz-ma até nós pelo trilho da honra, e depois eu lançarei no teu turíbulo um grão do meu incenso.

«Entre nós – prosseguiu o poeta com o seu humor pessimista – o homem, que vem rico de longe, tem duas existências, que se separam, logo que ele salta em terra. A pátria para ele é uma espécie de ilha de Vénus, como a imaginou Camões. No poema, os cansados navegadores refocilam-se nos braços deleitosos das ninfas, saboreiam-se nas mais esquisitas sensualidades que o pecado pode inventar, e, para cúmulo de delícias, ouvem no fim o canto profético da deusa libidinosa que lhes assegura a imortalidade.

«Os bem-vindos do país do ouro – os nossos irmãos de além-mar – após os perigos e sustos com que as riquezas rápidas se granjeiam, aportam às praias natalícias. Aí lhes vão as ninfas de todos os rios e riachos de Portugal ao encontro, e rara se esquiva como a Efire do Leonardo,

*A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fora dele maltratado.*

«Quem pergunta onde tal homem teve feitoria de escravos? Quem lhe pede contas das colónias que mandou comprar nos mercados da sua terra?

«Ninguém tem a crueldade de ferir com suspeitas, ou ainda com alusões certeiras, a reputação dum homem, que estreou o seu amor à pátria, esmolando para um asilo de caridade as migalhas que os jornais, trombetas dos modernos fariseus, anunciaram ontem. *Enxuga muitas lágrimas*, dizem eles; e as de sangue, que eles fizeram chorar, quem as enxuga? O soro das glândulas lacrimais do preto não é pranto de homem; o azorrague que avergoa as espáduas do escravo faz espirrar sangue, e não lágrimas...

«Em sangue é amassado o pão que aí se come nos hospitais. Não importa. Venham de lá do novo mundo para este país envilecido os capitais, tudo se perdoa aos portadores; contanto que eles abram uma sala para os sevandijas da escola de Petrónio, miseráveis que toleram com vil paciência o sobreceño do dinheiro, objectos vendilhões de cortesias que pensam ter respondido ao escárnio dalgum estóico, dizendo que é preciso aceitar a sociedade como ela está.

«E o progresso moral o que é, Soares? Estamos cantando, com Juvenal, o *obsceña pecunia*, ou é exacto ter aparecido há mil oitocentos e cinquenta anos, um homem divino, chamado Jesus, que apostolava a redenção do branco e do negro?»

– Quem está aqui a pregar missões?! – perguntou o barão da Penha, que apareceu à porta do quarto de Roberto, onde o poeta proferia o estirado monólogo.

– Era eu, senhor Barão, que estava ensaiando um discurso que tenciono fazer em câmaras, quando for deputado, pedindo um panteão para todos os benfeitores de hospitais, recolhimentos, e confrarias, ainda quando se prove que os legados caritativos

foram adquiridos na escravatura. Dê-me Vossa Excelência sobre o tema a sua valiosa opinião.

– A minha opinião não é valiosa; mas será sincera. Eu tenho lido e ouvido o que se diz em Portugal acerca das «fortunas» vindas do Brasil, e por isso entendo a sátira do seu tema, não obstante a gravidade com que Vossa Senhoria o propôs. Os folhetinistas, os romancistas, os dramaturgos, ainda os filósofos moralistas de botequim são injustos e ingratos nas vaias e chocarrices com que ridiculizam os chamados brasileiros. A primeira alcunha com que os mimoseiam é a de estúpidos.

– Não o são? – interrompeu o poeta.

– Se mo pergunta, digo que sim, e são-no duas vezes, por duas razões: primeira – são estúpidos porque a pátria lançou-os de si, não lhes dando pão para o corpo, nem instrução para a alma; estúpidos foram; por lá andaram labutando vida de negros, lá ganharam o pouco ou o muito que possuem, e de lá vieram, estúpidos, sim, mas cansados de fadigas, trazendo à madrastra, que lhes não deu trabalho nem instrução, o capital que faz as indústrias, o capital que os governos afagam com as baratas considerações dos títulos honoríficos, o capital que levantou o preço da propriedade, o capital que sustenta a vida mercantil dum país atrasado que as nações da Europa repelem com irrisão dos seus mercados. Segunda razão: são segunda vez estúpidos porque têm o baixo espírito de se deixarem entusiasmar por amor de pátria; de nunca desprenderem o coração e a saudade do torrão que lhes foi sáfaro para eles; estúpidos, sim, porque têm a inépcia de trazerem a um país, sem vida, o capital que arriscam nas burlas do estado aos particulares; porque renunciam os gozos que o seu dinheiro lhes proporciona nos países, onde o brasileiro não é sinónimo de mercador de pretos; estúpidos, finalmente, porque subscrevem com avultadas quantias à manutenção dos estabelecimentos pios; e a opinião dos iluminados, dos espertos, dos síndicos das consciências, é que essas esmolas são, aqui, uma reparação à humanidade sofredora das angústias que lhe fizeram sofrer noutra ponta do mundo.

– Se me dá licença... – atalhou o jornalista.

– Queira dizer, mas não me replique com alguma facécia. Seja sério nesta argumentação, se vê que ela merece a seriedade.

– Eu ia dizer que os brasileiros vêm para Portugal, porque Portugal, além de ser um excelente clima, é o único país, depois do Brasil, onde se fala o português.

– É séria a sua contradita, cavalheiro?

– Muito séria: equivale a dizer que...

– Não precisa dizer-me a equivalente: eu tenho, se me dá licença, a penetração necessária para entender a sua ideia sem comentários; quer dizer que os filhos de Portugal vêm para Portugal porque em Londres, Bélgica, ou Paris se não fala o português. Não lhe aceito a réplica na intenção ajuizada que Vossa Senhoria lhe deu. Isso é uma jocosidade de folhetim, meu caro senhor. Diga-me antes que em Portugal uma dúzia de contos é uma «fortuna»: cinquenta contos fazem um capitalista que trata face a face os regedores da república; que cem contos nobilitam o possuidor, contanto que se façam representar à boca do cofre das graças pelo dinheiro, sendo certo que a individualidade do agraciado é uma cousa nula nessa mercadoria torpe e vil em que os culpados são os governos, e não os agraciados. E um barão, que lhe fala, senhor. Qual de nós é o ridículo: eu, que dei uma esmola ao estado e recebi uma mercê; ou o estado que me enviou um seu agente, pedindo-me a gratificação que foi repartida entre alguns miseráveis que nunca foram ao Brasil?

– A delicadeza manda-me calar – respondeu o amigo de Roberto Soares.

– Pois o senhor tem necessidade de ser grosseiro para me responder?

– O governo foi imoral vendendo-lhe um título; Vossa Excelência foi vulgar

comprando-o.

– E, porventura, lhe disse eu que era distinto?! Quando quis eu evadir-me da esfera vulgar?

– Não o adulo; considero-o superior ao título.

– Obrigado; mas crê que o meu título fosse comprado com o valor de seis negros?

– Não ousou indagar a vida de Vossa Excelência. Conheço-o há quinze dias, e dificilmente me decido por uma de duas conjecturas.

– Posso ser um negreiro, e ser um honrado comerciante.

– Ao mesmo tempo, não.

– Uma das profissões.

– Se eu aceitasse alguma das hipóteses sem mais reflexão, seria a segunda. Vossa Excelência é homem de inteligência; há-de sê-lo forçosamente de coração. O homem de coração não vende, resgata infelizes.

– Se me concede que eu me tenha enriquecido sem desonra, porque não há-de conceder esse favor aos benfeitores dos hospitais, recolhimentos e confrarias para os quais Vossa Senhoria quer pedir um ridículo panteão às câmaras? Convença-se, meu caro senhor, que há no Brasil muito português honrado, encontrei-os de grande coração, e inteligência nenhuma, a duas mil léguas daqui, onde um homem que diz: «sou português» aperta a mão caridosa que se estende até aos hospitais da pátria. E que a inteligência atrofia a sensibilidade do coração? Não sei. O que sei é que na pátria, onde há uma falange de homens lúcidos, e escritores de todos os feitios, o homem sem trabalho, não acha salário, as fábricas das nascentes indústrias definham em estúpido atraso; e os mancebos letrados, como o seu amigo Roberto Soares, desanimam à porta das secretarias pedindo humildemente um lugar numa alfândega. Que fazem os talentos desdenhosos desta terra que não dispensam o seu país dos auxílios que todos os dias pedem ao braço do comércio brasileiro? Pois o génio em Portugal só serve para afiar chocarrices contra os analfabetos, que só são culpados em não lerem romances ao mesmo tempo que transportavam fardos às costas, ou consumiram vinte anos ao pé duma balança? O meu paciente amigo vai-me responder triunfantemente: parece-me que lhe estou ouvindo argumentos sobrepostos para me provar cousas horríveis. Se o seu fim é aniquilar-me, declaro-me aniquilado sem o ouvir, e faço votos por que a maioria das câmaras, de que Vossa Senhoria há-de ser um digno ornamento, vote na sua proposta dum panteão para os testadores em benefício das misericórdias.

«Eu vou passar fora a noite... e não me quero furtar momentos deliciosos duma bela companhia. Estes meus cinquenta anos rejuvenescem. Dom Quixote domina agora Sancho Pança. Estou namorado duma ideia, que veste de encarnado, cor de sangue, como as visões dos atacados de gota-serena. Os meus indulgentes literatos não censuram a *toilette* escarlata da minha ideia, não? Ora, fiquem discutindo se há ideias nuas, e ideias vestidas, e deixem-me ir galantear a minha ideia encarnada.»

O poeta argumentador saiu após o barão. Roberto escreveu uma longa carta a sua mãe e tirou do baú o seu livro precioso, o Tácito, em que estava escrito o nome de seu pai.

Ainda lia, quando o barão entrou, à meia-noite.

VII

Quelquefois... la passion ne fait que s'ajourner, comme un feu qui couve sous la cendre.

JULES SIMON (*Le Devoir*)

De que estás alvoroçado?
Que alegria tens no peito?

F. RODRIGUES LOBO (*Éclogas*)

– Assim é que se passa bem uma noite... – disse o barão a Soares. – Cuidei que iria com o seu amigo passar a noite fora.

– Não, senhor. Tinha saudades do meu Tácito, que não abri, desde que saí do Porto.

– Gosta do Tácito? É admirável esse gosto num escritor romântico. Achava mais natural que se desse à leitura de Sue e Dumas... Eu também li o Tácito na minha mocidade; mas as educações literárias desse tempo faziam-se com leituras mais substanciais que as de hoje. Traduziam-se então uma ou duas novelas cada ano, e ninguém as lia. As mulheres eram mais ignorantes que as de agora. Trastejavam e mourejavam na casa, como boas mães de família, e as solteiras não cuidavam nada de se dotarem espiritualmente, porque os noivos da época não conheciam esta cousa que se chama «espírito» no vasconço dos salões, onde hoje mais que então, reina o absolutismo iluminado da matéria. Vejamos o seu Tácito... Ainda me lembra o princípio dos *Anais*. *Urbem Romam a principio reges habuere...*

O barão tomou o livro de sobre a banca, abriu-o na primeira página, e estremeceu. Esta agitação foi estranha a Soares, que acendia o charuto, ficando de perfil para o barão.

– Quem é este Constantino de Abreu e Lima que escreveu aqui o seu nome?

– Foi meu pai.

O barão desceu rapidamente sobre o livro os olhos que fixara um momento com pasmo no rosto de Soares.

– Mas... o senhor... – tartamudeou o barão mordendo o charuto para disfarçar o turbamento – não tem algum... dos apelidos de seu pai?!

– Os meus apelidos são Soares de Abreu e Lima...

O barão depôs o livro, ergueu-se, deu alguns passeios no quarto, encostou-se ao parapeito da janela, e disse palavras banais a respeito do colorido luminoso que a lua dava às rimas de mosaico com que se estava fazendo o pavimento do Rossio.

Depois, como vencido no violento esforço que fazia à ânsia ou à curiosidade, perguntou de súbito:

– O senhor Roberto conheceu... seu pai?

– Não, senhor. Eu nasci quando meu pai saiu de Portugal.

– Já me disse que tinha vinte e seis anos... nasceu em... mil oitocentos e vinte e quatro, por consequência. Como se chama sua mãe?

– Leonor Soares.

– Se o não importuna a minha curiosidade, diga-me onde está seu pai... morreu?

– Meu pai é uma história que eu não sei bem; o que sei, porém, é uma desgraça das que são seguidas da ignomínia para um filho. Quando Vossa Excelência quiser, dir-lhe-ei o que sei. Será o primeiro homem a quem o digo.

– Mereço-lhe essa estima? Conte-me agora a história de seu pai.

– Eu tinha dezoito anos, quando minha mãe me falou, pela primeira vez, como se fala a um homem.

«Pouco mais ou menos, foi isto o que ela me disse:

«– Sei que perguntaste a tua tia Helena que razão tivera teu pai para me deixar desamparada, quando tu nasceste. A tia Helena disse-te que teu pai fora ganhar a vida no Brasil, e lá morrera. É tempo de saberes, da boca de tua mãe o que pode ser que saibas dalgum estranho que te queira mal. O que vais saber de mim não humilha, porque ambos nós somos igualmente esmagados pela mesma vergonha.

«“Teu pai era filho duma pessoa ilustre, e eu fui a principal origem da desgraça de teu pai. Conhecemo-nos, e desde esse momento a nossa vida foi cortada por todos os golpes que podem ferir o coração e a alma. Interrompeu ele a carreira dos seus estudos, e abandonou a casa do pai para ser meu marido. Eu não tinha senão um coração extremoso para dar-lhe. Minha mãe era uma pobre viúva com quatro filhas, que trabalhavam, dia e noite, para serem boas e virtuosas.

«“Teu pai foi lançar-se aos pés do dele, pedindo-lhe perdão e alimentos. Não consegui amizade nem compaixão. O pai repeliu-o furioso, e o meu pobre marido voltou dizendo que a dureza do velho era demência e não crueldade.

«“A desgraça fizera nascer espinhos no coração de teu pai. Viu-se privado de tudo, desconhecido a todos, limitado aos meus carinhos, que lhe eram enfadonhos. Desculpei-o; mas ele já não queria desculpar as minhas lágrimas.

«“– O que precisamos é pão, não é lamentações – dizia ele; – se choras, porque me não resigno à necessidade, é escusado chorar; se entendes que o teu amor é bastante para satisfazer as minhas precisões, eu digo-te que não, e direi mais que me atormentam choradeiras.

«“Teu pai, ao terceiro mês de casado, resolveu sair do Porto, e estabelecer, em Braga, uma aula de latim, esperando que a dura alma de meu sogro amolecasse, vendo que o filho se dava ao trabalho para viver com honra.

«“Foi uma esperança enganosa. Não concorreram estudantes à aula. Os pais achavam moço de mais o mestre para poder ensinar. Os padres de Braga fizeram-lhe guerra, e o meu desesperado marido viu-se obrigado a mudar dali para outra parte, quando chegou a notícia de que meu sogro estava em artigo de morte.

«“Viemos a toda a pressa. Teu pai apresentou-se ao moribundo, que o recebeu com ar de alegria, deixando beijar-se a mão. No dia seguinte morreu teu avô, e teu pai mandou-me chamar.

«“Tratou-se do funeral, procurou-se dinheiro nas gavetas, achou-se uma insignificante quantia, que não chegava a nada.

«“As pessoas, que se acharam presentes a esta busca, e viram que a situação de meu marido não melhorava, fugiram ao medo de serem importunadas. Fez-se um pobre enterro ao homem que todos supunham ser rico; e, dias depois, venderam-se os livros para pagar a renda da casa; e daí em diante começámos a vender os trastes para ir subsistindo.

«“Estava teu pai mais infeliz do que nunca estivera. Agora nem já a esperança lhe restava. Praticou muitas humilhações para arranjar um emprego; mas em vão. No Porto, as pessoas mais poderosas aborreciam-no por ele ser filho dum constitucional.

«“– Esta gente faz-me ladrão! – disse-me um dia teu pai; eu chorei muito; estas palavras feriram-me o coração; ajoelhei-me aos pés dele, rogando-lhe que não dissesse tal cousa; que não pensasse sequer numa infâmia de que ele era incapaz.

«“Tratou-me com aspereza, proibindo-me, com termos ásperos, de me intrometer nas suas acções.

«“Um dia foi teu pai procurado por um homem estranho. Fechou-se com ele num quarto, e lá estiveram muito tempo. Quando o homem saiu, teu pai caiu sobre uma cadeira, com a face entre as mãos, e proferiu esta única palavra:

«“– Conseguiram.

«“– O quê?–exclamei eu.

«“– Sou ladrão! – disse ele, lançando-me um olhar de demente. Tremiam-me os cabelos; abracei-o como se o quisesse salvar de cair num abismo; desembarçou-se de mim com desabrimento, e fechou-se no quarto. Espreitei a tremer, e vi que teu pai estava escrevendo.

«“No dia seguinte, veio o mesmo homem de maldição que ajuntara a desgraça à nossa miséria. Este homem entrou e saiu com pequena demora. Teu pai, logo que ele saiu, atirou-me ao regaço uma peça, e disse:

«“– Quero-me hoje embriagar; manda comprar o melhor vinho.

«“Meu filho, chorei sangue. Senti-me tomada de frio; O olhar de teu pai aterrava-me; o rir violento que lhe vi, e vejo agora, era feroz.

«“– Não queres que me embriague à tua vista – tornou ele. – Faça-se a tua vontade.

«“Quis segurá-lo, e não pude. Saiu arrebatadamente. A meia-noite trouxeram-no a casa sem acordo: fora encontrado na alameda da Lapa, dizendo cousas ininteligíveis, e insultando quem encontrava.

«“Passei horas infernais ao pé de teu pai, mergulhando em profundo torpor. De manhã, fitou-me espavorido, recordou-se, e chorou, em silêncio. Eu nada também lhe disse. Em todo aquele dia não pude arrancá-lo à tristeza. Eram os últimos lampejos da honra.

«“Passados dias, tornou o homem que deixara o dinheiro, e saiu deixando uma quantia maior. Era muito dinheiro em ouro.

«“– Quem te dá este dinheiro? – exclamei eu.

«“–E a sociedade–disse ele.–É a sociedade a quem eu sou útil. É a sociedade a quem não posso ser útil doutro modo. Não tolero mais perguntas.

«“A nossa situação melhorou muito. Teu pai adquirira novas relações; recebiam-no todos sem lhe perguntarem onde houvera o dinheiro que lhe dava uma brilhante independência. Alguns supuseram que ele encontrara o perdido tesouro do pai.

«“Assim vivemos seis meses. O dinheiro aumentava; e teu pai parecia afeito à sua sorte. Eu não ousava indagar a causa da sua aparente felicidade, com medo de perturbar-lhe aquela alegria criminosa. Que era criminosa, adivinhava-o, mas, eu antes queria o contentamento dele, do que a tristeza do remorso; antes, antes; só o coração de mulher que ama, e perdoa os vícios daquele que ama, saberá perdoar-me esta preferência.

«“Decorridos seis meses, teu pai falta-me uma noite em casa. Na madrugada do dia seguinte, recebo um bilhete da cadeia. Teu pai estava preso. Ao tempo que recebia o bilhete, entram homens em minha casa, tomam conta de todos os papéis, e dizem-me: ‘Seu marido está preso por falsificador de firmas.’

«“Perdi os sentidos, filho. Quando os recuperei, fui à cadeia. Disseram-me que meu marido estava incomunicável. Sentei-me à porta da Relação, esperei aquele dia inutilmente; no outro, pude vê-lo. Atirei-me aos ferros a chorar; teu pobre pai chorava também; perdera o ânimo; era um coração que a vergonha queria regenerar... não era fraqueza aquele chorar, não...

«“Esteve seis meses em processo. Não te sei dizer miudamente a particularidade dos crimes. Sei que foi condenado a degredo de vinte anos para Cabo Verde.

«“Quando soube a sentença, pedi-lhe que me deixasse acompanhá-lo. Não quis; chegou a repelir as minhas súplicas com enfado, dizendo que tencionava suicidar-se no

mar.

«“Nascestes então, meu filho, então, quando teu pai morde para ti, para mim, para a sociedade, e para a honra. Estava eu moribunda no leito em que nasceras, em casa de minha mãe, quando teu pai partiu. Sei que um cirurgião lhe deu notícias da minha morte irremediável, quando ele entrava na escolta. Teu pai chorou na presença do cirurgião, e perguntou se a criança também morreria. O cirurgião respondeu que devia estar morta no ventre. Teu pai só disse:

«“– Ainda bem!”

«“Esta falsa nova, que oxalá fosse verdadeira, tinha-a o cirurgião aumentado da que lhe dera o meu assistente, que me julgou morta.

«“Escrevi para Cabo Verde umas poucas de cartas: todas se perderam; ou mais certo foi teu pai morrer. Que se não suicidara soube-o eu do comandante do navio em que ele fora; mas esse mesmo me disse que um terço dos degradados morreria das febres apenas saltara em terra.

«“Aqui tens a história de teu pai, meu filho.”

«Quando minha mãe concluiu esta triste história, senhor Barão, estava lívida; não quis exacerbar-lhe a agonia com outras perguntas. Tive compaixão de meu pai, e concebi um ódio profundo à sociedade.»

O barão ergueu-se, correu a mão pela fronte, desceu-a ao longo da face, escondendo a alteração que Roberto julgara efeito da sensibilidade. Sentou-se de novo, já maravilhosamente demudado, e disse:

– Como viveu sua mãe até hoje?

– Uma minha tia casou com um homem, que tinha alguns meios, e levou-nos para a sua companhia. Como já disse a Vossa Excelência minha mãe entreveceu, tendo apenas trinta e três anos. Meu tio, benfeitor de minha mãe, cegou, e desde então vivem todos tão oprimidos pela miséria, quanto eu quero que Vossa Excelência veja nesta carta de minha mãe que hoje recebi, e que tencionava mostrar-lhe para que o nosso benfeitor não desconheça o valor do benefício.

O barão tomou com avidez a carta da mão de Soares, e leu o seguinte mentalmente:

«Meu filho

Porto 5 de Setembro de 1850

Diz ao teu benfeitor que a sua esmola chegou na ocasião em que o senhorio da casa nos mandava penhorar estas pobres cousas, que nada valem; mas sem elas a nossa miséria era maior.

O teu benfeitor deu-nos casa, cama, pão e honra.

Se ele presenciasse as nossas lágrimas de alegria, agradeceria a Nosso Senhor ter-lhe dado meios com que valer a uma família em extrema necessidade.

A paga lá a deve ter no bom coração; mas uma cousa é dar uma esmola, e outra é ser testemunha dos efeitos dela. Teu tio recobrou o semblante alegre que há muitos anos lhe não víamos. Diz ele que o seu contentamento não procede de ter o pão certo para o dia de amanhã mas sim de poder ir deste mundo com a certeza de se ter enganado, quando pensou que o homem rico destes tempos era insensível e duro, como uma barra de ouro.

Tua tia comprou um vestidinho para ela, e preveniu-se para me agasalhar no Inverno.

Tudo isto devemos ao Sr. Bardo, à Providência que o aproximou de ti. Diz-lhe

que todos três pedimos a Deus que a vida lhe seja tão aprazível quanto nos está sendo a nossa. Já nos parece suportável a enfermidade.

Teu bom tio louva ao Senhor por lhe dar olhos para chorar de gratidão, já que os não tem para ver o nosso benfeitor. O santo velho espera beijar-lhe a mão um dia.

Meu filho, sê grato e honrado. Não te julgues humilde de mais beijando os pés ao nosso amigo. Tua mãe beijar-lhos-ia, se pudesse. Adeus, meu Roberto, Dá-nos notícias tuas, e diz-nos sempre que não esqueces um instante de louvar a Deus pelo amparo que te deu e à tua família, que tanto te quer.

Tua mãe

Leonor.»

O barão dobrou vagarosamente a carta. Roberto viu-lhe os olhos aguados, e nos lábios o tremor que faz a compunção nas almas sensíveis. Achou natural o efeito.

A fisionomia do barão mudou repentinamente para o júbilo, entregando a carta.

– Sinto uma estranha alegria, meu amigo! – disse ele.

– Não me cabe no coração este novo ser, que nasce em mim. Quero abraçá-lo, como abraçaria a sua pobre mãe, entrevada, a sua boa tia com o vestidinho novo, e o velho cego, que me quer beijar as mãos.

E comprimia freneticamente ao seio o filho de Leonor.

– Impressiona-o esta alegria expansiva? – prosseguiu ele. Há um forte coração neste peito que sente. Eu amo a miséria da sua família; estou a amá-la como se fosse minha... E extraordinária esta sensação!... Que fiz eu à sua família? Nada, nada! Uma esmola que apenas a remedeia nas primeiras necessidades... Roberto, consinta-me tratá-lo com o desleixo da verdadeira estima... Roberto vai ao Porto, e há-de ir amanhã, sim?

– Cumprir as ordens de Vossa Excelência?

– As minhas ordens, sim. Vai ao Porto, e há-de cumpri-las rigorosamente. Leva uma ordem franca. Alugará uma casa em que eu possa hospedar-me, quando lá for. Essa casa há-de trastejá-la o melhor que possa ser. Abundância em tudo que sejam comodidades. A mais pequena falta, que eu depois achar, hei-de repreendê-lo por ela. Depois, a sua família será transportada para essa casa. O meu correspondente irá levar-lhe mensalmente a mesada que lhe estabeleço. Feito isto, Roberto voltará a Lisboa, se eu o chamar. O emprego dispense-o por enquanto. As ocupações que lhe convêm agora são todas domésticas. É chefe da sua família, e precisa estar com ela. Cumpre a minha vontade?

– Se cumpro a sua vontade! – disse Roberto, apertando e beijando a mão do barão.

No dia imediato, Soares partiu para o Porto, depois de receber novas recomendações do barão.

VIII

Quem melhor conhece o fundo de vossos corações é Deus...

ALCORÃO

Quando um homem vive em paz e amizade com os outros, o metal mais pesado – o ouro – é mais ligeiro, na mão dele, que uma pena. Abre a bolsa, e olha em redor de si como buscando alguém que lha queira quinhoar.

STERNE (*Viagem Sentimental*)

O visconde de Vila Seca saíra para Cascais, com a família, a tomar banhos. O barão, que não queria perder de vista, um só dia, esta família pretextou a necessidade de banhos, e foi também. A viscondessa, querendo explicar a adesão do capitalista à sua casa, supôs que o barão projectava aliar-se por casamento com uma sobrinha do visconde.

E razão tinha ela para o julgar assim. O barão tratava afectuosamente a menina, e esta dizia, sem reboço, que o quinquagenário valia mais que muitos rapazes. O visconde dava publicidade a estes ditos, revelava-os lerdamente ao seu colega, e o mais que conseguia do barão era um sorriso indecifrável, que a viscondessa dizia ser acanhamento ou desconfiança do amor da donzela.

Não alongaremos o episódio desta tentativa de mercadoria em que o comprador foi solicitado. A sobrinha não era herdeira, porque o visconde tinha um filho que viajava. Já se vê quanto desejado seria o casamento, e quantas negaças faria a industriada moça ao impassível barão. Este caso é muito incidental na nossa crónica; por isso, e porque ele é duma nojenta vulgaridade, pospomo-lo, ou reservamo-lo para uma série de ridicularias em que venha a pêlo o estilo chocarreiro.

Diga-se aqui o que devia estar em prólogo.

Este romance é sério, sério de mais para os nossos tempos, em que a verdade para captar o espírito do leitor de novelas, há-de ser alinhada, garrida, e exornada de sedutoras mentiras.

Mente o romancista que dispõe as suas figuras ao jeito da sua cálida ou fria imaginativa. É preciso palpar as diferentes temperaturas da sociedade, que tem mais zonas que a geografia astronómica.

Mente o romancista que materializa a sensação, ou espiritualiza a matéria, criando sentinas fétidas, ou jardins olorosos: do muito poetizar cousas que o não valem, ou do muito descobrir o que por aí há com alguma poesia, é que se fazem as falsas pinturas. Uma imaginação levantada passa por cima da verdade, sem lhe tocar; a outra, a imaginação rasteira, vai a título de mera copista, achar o mais baixo que por aí há.

Por aí há de tudo, ponto é observar; mas o melhor é sentir, e experimentar.

E, havendo por aí de tudo, não pude até agora, leitora de coração, dar-lhe os painéis de amores de que está cobiçosa, como quem quer lhos retrate da alma, ou lhos ensine a passá-los para esta pintura descorada e despoetizada que os homens fazem.

Eu não tenho imaginação, tenho memória, memória do que vi, do que senti, do que experimentei. Se descarno as pinturas, se descrevo uma cena friamente, é porque assim os olhos, que a viram, a levaram à alma, que a imprimiu em si. Se me deixo ir nos arroubos de coração, que se ala para o imperceptível, desesperado de incorporar na palavra o que só é do foro íntimo da alma, é porque, em tal situação, na presença de tal facto, ouvindo tal história, vendo tal mulher ou homem, senti assim, compreendi assim

o que talvez outros olhos e outras almas vissem e entendessem de outro modo.

O certo é que não imagino, ou apenas imagino, se pode dizer-se imaginar, épocas, lugares, nomes, miudezas, generalidades. Não há de meu outro lavor neste e nos outros romances.

Os que me chamam inventor cuidam que o viver deste país não pode interessar, fora do cautério do folhetim e da sátira ridente de Tolentino. A «boa companhia» diz que lá no seu grémio sabem todos a vida uns dos outros, e, sendo tudo vulgar, o romance fidedigno é impossível. Que o soalheiro existe, isso juro eu; mas no soalheiro diz-se pouco; os de fora é que sabem o muito.

Na «baixa sociedade» diz-se que não há nada a que se atenha o copista fiel: costumes rotineiros, vícios baixos, crimes que fazem asco, nada de coração nem de espírito, tudo plebeu, e nauseento para quem lê um romance, em cadeira de espaldar, debruçado sobre uma jardineira, ou com os pés no *fender* do fogão. O que faz os incrédulos é a cadeira de espaldar, a jardineira, a otomana, o fogão, o círculo estreitíssimo, embora magnífico, do seu viver.

A baixa sociedade, o vulgacho, mas o vulgacho que veste casaca e é eleitor e elegível, o povo, essa classe de que todos se vão emancipando, de modo que, em breve, não haverá povo, só sabem o que ele é os que lá nasceram, ou lá vieram arribar, ainda bem, batidos pelas borrascas da vida.

A feição que individualiza o povo, nos ajuntamentos, nas praças, nas oficinas constitucionais onde se fabricam as fórmulas do governo representativo, essa feição não é a sua, é compostura que o desaira, é o velho cobre da velha moeda com cunhos novos, abertos à pressa, despolidos, e grosseiros. Aí decerto não há romance, não há nada; é essa uma vida descaracterizada, rodando sempre no mesmo eixo, cuja manivela os utilitários passam de mão para mão. A vida íntima, porém, por isso mesmo que está em antagonismo com os costumes da vida exterior, tem muito que ver e contar.

Quando nascerá o génio que nos conte devagar, fenómeno por fenómeno, as metamorfoses que temos visto? Que comédias e que tragédias desde o leme dum barco de pipas até à vara duma presidência municipal! Desde a tripeça da palmilhadeira de aldeia até à banquetta carmesim para a portinhola do *coupé* da viscondessa!...

Valha-nos Deus! Há tanto romance que fazer, e eu, por pouco, me não ia esquecendo que estou fazendo um, e o leitor, mais esquecido que eu, está a dormir, talvez... Se acordar bem-humorado, aqui tem o conto, onde mo cortou a metedida filosofia:

O barão da Penha aposentou-se em uma velha casa, contígua a um palacete delapidado, quase ruínas, dum fidalgo, o mais fidalgo de Cascais, e um dos primeiros em Portugal, dizia o escudeiro.

O barão engraçou com este escudeiro, deu-lhe confiança, e constituiu-o seu mordomo também. O velho fidalgo nas horas vagas, que eram quase todas por motivos que, depois, se dirão, mandou oferecer a sua casa ao inquilino, cousa, dizia o mordomo, que ele não fazia a banhista algum, desde 1833. O motivo desta abstenção de visitas é óbvio: Bernardo da Veiga, o fidalgo, dissipara, quando moço, os sobejos de seu pai. Viera, depois, a constituição dar-lhe o último golpe no fio de duas comendas de Cristo e Conceição das quais pendia a subsistência decente do fidalgo.

Depois de 1833, Bernardo da Veiga vivia atido a um vínculo desbaratado, de rendimento de quatrocentos mil réis, que lhe não chegaria para sebo, se ele alumiasse todas as noites os seis enormes salões do palacete.

Aceitou o convite o barão, foi; e depois de acordar, no longo trânsito, os ecos da soturna casa, parou num grande sobrado, salão, ou o quer que era, de pavimento carcomido como os rendilhados duma frontaria-renascença, com o tecto de castanho

apanelado, enegrecido de velho, e em algumas partes fendido, com as pranchas penduradas, e enredadas em grossas teias de aranhas.

Os trastes pareciam sentinelas perdidas. Eram dez ou doze cadeiras de couro lavrado, atauxiadas de chapas de bronze oxidado, com os pés recurvos em garras de abutre, e os assentos esburacados, se não pelo tempo nem pelo uso, naturalmente pelo dente roaz do rato, que devia viver naquela casa como em país neutral, e medrar, se não como rato cevado de alfândega, ao menos como se medra em pleníssima liberdade.

Ao fundo, entre duas portas mal tapadas por dois reposteiros brasonados, com franjas e requifes abertos pela mão do tempo, estava um alto oratório de pau brasil, coberto por uma cortina de damasco desbotado. A peanha do oratório, ou talvez altar em outras épocas, era um massudo armário de sacristia, de pau preto, com seis gavetões, e fechaduras rendilhadas de bronze. As camadas do pó tinham-se-lhe embutido nos frisos, nas molduras, lavores, e contornos, dando-lhe uma crusta rija e compacta.

Neste exame estava o hóspede, quando se levantou um dos reposteiros para dar passagem a Bernardo da Veiga.

Figurava setenta anos; era de meã estatura, descarnado, e ossudo. Lesto, direito, e apumado, mostrava ser de rija febra refractária ao enervamento da velhice.

Vestia uma casaca de briche comprida de aba até abaixo do joelho. Era uma casaca das de 1829, casacas patriotas das fábricas da Covilhã, usadas pelo Sr. D. Miguel de Bragança, pela corte, e pelos fidalgos provincianos. Calçava sapato cordovão afivelado, e meia escura. A calva transluzia, branca e polida, através das malhas dum barrete de retrós, com barbatanas apensas que lhe cobriam as orelhas.

O fidalgo alçara a orla do reposteiro com a mão esquerda, e, com a direita, indicou ao barão a entrada para a sala imediata, fazendo-lhe, na passagem, uma palaciana mesura.

– Eu tomei a liberdade – disse o velho – de oferecer ao meu vizinho uma casa, que, noutro tempo, era a mais concorrida de parentes e amigos, que vinham a banhos. Hoje, não conheço, nem me conhecem; mas, apesar da transformação dos homens e dos tempos, e da velhice, que tanto desfigura o corpo como a alma, o dono desta casa é ainda, na sua quase pobreza e solidão, um homem da boa companhia.

– Vossa Excelência dignou-se honrar uma pessoa estranha – disse o barão.

– Não tão estranha quanto cuida, senhor Barão. Eu desejava conhecê-lo; donde vê que este desejo era já estima.

– Não sei que merecimentos...

– Será preciso eu lembrar-lhe a generosa acção que Vossa Excelência acaba de praticar em Cascais....

Aqui está uma generosa acção de que o leitor me pede crónica. Foi uma virtude sem aparato. Se o fidalgo a não citasse, abster-me-ia eu de mencioná-la, porque não gosto de episódios que são outras tantas acções, separadas da principal. Aristóteles reprova isto. Vá sem exemplo: O barão da Penha parou diante duma casa térrea, onde as raparigas da classe piscatória dançavam a ciranda, e a cana-verde. Encostou-se ao peitoril da baixa janela, e ali estava gozando o espectáculo, quando subitamente pararam as danças em meio, e algumas das moças, com visagens de enfado, começaram a sair da casa, desatando a roda.

Perguntou o barão a um pescador, se era ele a causa daquela saída. O pescador disse que não. O observador instou, e conseguiu saber que o motivo da saída de algumas era ter entrado outra que não fora chamada, porque tinha o seu erro. O erro era deixar-se enganar pelo amor do filho dum capitão de iate o qual conseguira perdê-la no conceito das outras. Que o caso – acrescentava o informador – era público, e por isso ninguém queria falar com ela.

A pobre moça saíra envergonhada, e chorosa. O pescador mostrou-a ao barão, e este seguiu-a. Vendo-a entrar numa casa térrea, chamou-a à porta, pediu-lhe fogo, acendeu o seu charuto, e pediu-lhe licença para lhe oferecer um pequeno favor. A rapariga pensou que o homem estranho lhe ia oferecer alguma prenda com má intenção. Quis evadir-se à resposta, e disse-lhe que saísse ele dali, porque seu pai estava dentro.

– Pois seu pai que nos escute – disse o barão. Surgiu por detrás da filha uma cabeça branca: era a do pai.

– O senhor quer alguma cousa? – disse o velho pescador.

– Queria dizer a sua filha...

– O quê? – interrompeu trémulo o velho.

– Se a causa que a fez chorar, há poucos minutos, tem remédio.

– Porque choraste tu, moça? – inquiriu o pai.

A rapariga põe no chão os olhos, e corou.

– Eu sei parte da sua história – tornou o barão. – Querem contar-me o que me falta?

A moça, cada vez mais corrida, saiu da presença dos dois. Veria ela aproximar-se um terceiro? Não sabemos. O certo é que esse terceiro era o filho do capitão, um belo e rasgado moço, escarlate como a romã, mais escarlate agora pela cólera, ao que parecia.

O pescador encarava-o como assombrado, e bradou-lhe:

– Que vem fazer aqui você?

– Venho dizer-lhe, tio Luís, que sua filha há-de ser minha mulher, ou eu me atiro ao mar. Meu pai nada me da; é o mesmo: virei trabalhar com as suas redes, aprenderei a labutação da pesca, e pão, querendo Deus, havemos tê-lo.

– Pelo que vejo – acudiu o barão – este guapo moço não é sedutor; o que o embarça é a falta de meios, heim?

– Sim, senhor, assim me Deus salve, e cego seja eu dos olhos ambos, se isto não é verdade.

– Chamem cá a moça – tornou o barão.

A rapariga veio entre risonha e chorosa.

– E piloto você? – disse ele ao rapaz.

– Sim, senhor.

– Case-se com esta moça, e eu lhe asseguro a subsistência por algum tempo. Quando eu voltar a Lisboa, arranjar-lhe-ei navio. Mas há-de ser breve. Eu hei-de vir à boda, e as despesas sou eu que as faço.

Houveram muitas lágrimas de alegria. Abraçaram-se todos no benfeitor; e o velho era o mais comovido. Alguns dias depois, estavam casados. A rapariga botou um bom vestido de tafetá; ele estreou casaca, colete, e calça, e chapéu, tudo do melhor. Quem deu tudo foi o barão, padrinho do casamento, afora outras prendas e dinheiro. Às bodas assistiram o pároco, o juiz ordinário, o regedor, e algumas senhoras de meia-escudela, parentas destes funcionários eclesiásticos e civis.

Aqui está a acção generosa que calou no coração do velho fidalgo, e que franqueou as difíceis portas daquele solar ao barão da Penha.

Vamos achá-los em trocas de cortesãs amabilidades no capítulo seguinte, em que se preparam os áditos para entrar em cena uma criatura, que faria vibrar no seio do meu leitor o coração indignado contra os sequazes do anexam: *A Cascais, uma vez, e nunca mais.*

IX

Les sots e les faquins se sont impudemment arrogé le haut du pavé.

ÉMILE MONTÉGUT (*Etudes morales sur la société française*)

Devia-se ter dito oportunamente alguma cousa da saleta onde o barão da Penha entrara, quando o velho fidalgo levantou o reposteiro. Sou avesso às descrições, e o leitor é bastante ajuizado para o ser também; mas por esta vez o dispense de relancear os olhos comigo pela decoração surpreendente da pequena sala.

Era um quadrado irregular com duas janelas sacadas. Da cornija interior da cada uma pendia de dourado cilindro uma sanefa com franjas de damasco e prata. Desta, descia uma cortina bicolor, branca e escarlate, de cassa da Índia lavrada, com seus cordões rematados em borlas de seda amarela. Entre as duas janelas estava uma mesa de três pés, primorosamente lavrados, que diríeis ser de invento moderno, se não soubésseis que as mesas douradas e rendilhadas sucederam, no reinado luxuoso de D. João V, aos graves e tristes bufetes de pau preto esculpturados com magnífico capricho. Sobre ela, pousadas em tapetes bordados por mão primorosa, viam-se duas jarras orientais, bojudas como ânforas, e perfeitíssimas no ressaltado das tintas primitivas, como se, naquele instante, saíssem das mãos do oleiro de Pequim. Dálias, lágrimas, queluzas, martírios, melindres, e açucenas encarnadas coroavam com matizada copa as jarras corpulentas.

Ao longo das paredes, quatro mesas iguais àquela cortavam a monotonia das cadeiras baixas estofadas de seda amarela, com pés e braços também dourados e uniformes com as mesas. Ao fundo estava um tremó de esmerado engenho, quase tocando o tecto com os rendilhados da cúpula, entre os quais se via esculpido a cores um brasão de família. No centro, sobre uma banquetta de pé de galo, cem anos mais nova que as suas companheiras, via-se um livro aberto, um quarto de papel escrito a lápis, e uma pequena jarra de porcelana com um botão de camélia.

Enfastiou-vos a descrição? Mais longa ma daríeis vos, desdenhosos, se, depois do salão das cadeiras encouradas e daquele oratório negro e pulverulento, entrásseis na graciosa saleta, pisando, em vez de carunchoso castanho, um mole tapete, e respirando já não a poeira levantada pelo pisar perigoso sobre tábuas movediças, mas a frescura aromática da elegante salinha, onde só faltava uma mulher a ler naquele livro para coroar o quadro.

O barão da Penha, embebido na suave impressão que recebera, quantos instantes podia furtar à atenção do fidalgo, dava-os a olhares rápidos por tudo aquilo que o encantava.

Quando pôde, sem cortar descortesmente a agradável prática do velho, mostrar-se maravilhado do que via, disse o barão:

– Há nada mais bonito que esta sala? Eu penso que o espírito humano está sujeito em suas funções de pensar e sentir às impressões locais que os olhos lhe transmitem. Quando vim daquela para esta sala senti uma desopressão de tristeza vaga, que eu não saberia explicar. Aqui respiram-se flores, alegrias, paz, e até não sei que espíritos que remoçam o coração.

– Também assim o diz a minha Isaura... Falo-lhe na minha Isaura, como se Vossa Excelência a conhecesse.

– E naturalmente uma filha de Vossa Excelência?

– É mais que filha, creio eu; é a minha amiga do coração, é a criança que me adoça

as amarguras da velhice, é a pomba dos antigos anacoretas que traz à minha Tebaida o cibo do conforto e da paciência. Já pode ir sabendo o que é a minha Isaura. Chamá-la-ia para lha mostrar, se ela estivesse em casa. Saiu de manhã para uma quinta que aí tenho fora: é tempo de colheitas, e ela vai assistir à arrecadação dos cereais. Quando Vossa Excelência me der o prazer doutra visita, conhecerá a minha Isaura, e dir-me-á depois se é possível com aquele rosto de anjo ter somente o coração vulgar de uma mulher.

As palavras do velho tinham aquele tremor nervoso da sensibilidade fina; os olhos, momentos antes desluzidos, mostravam agora o brilho das lágrimas melindrosas da velhice.

O barão da Penha, depois duma hora de conversação, julgou que era tempo de despedir-se; a custo o fez, e a custo foi despedido. De parte a parte,urgia o cerimonial duma primeira visita, que não pode prolongar-se além de uma hora. O moderno barão receava revelar, como se diz «falta de boa sociedade» ao neto dos barões antigos.

Dali, o protector de Roberto Soares foi fazer a costumada visita ao visconde de Vila Seca. Encontrou-o, sentado no canapé, adelgaçando as calosidades dum joanete importuno. O visconde pediu vénia para continuar o desbaste das excrescências, e prosseguiu, bufando, na tarefa melindrosa. A viscondessa, de saia branca e penteador, enfeitava as relíquias do cabelo com os recamos de folhos duma estapafúrdia touca, chegada de França, como ela dizia, da sua modista de infância.

O barão contemplava-os. Esta contemplação era um confronto, em que os objectos equiparados eram Bernardo da Veiga e António José, eram o fidalgo obscurecido em Cascais, e aquele visconde de cuja bolsa algumas vezes pendera a conservação dum ministério, o triunfo duma revolução, e quem sabe até se o baque dum trono!

O resultado deste confronto foi o barão envergonhar-se de o ser.

– Acabo de visitar – disse ele – o meu senhorio. É uma amostra da velha fidalguia de Portugal. Crê-se no sangue distinto quando se encontram homens assim.

– Qual sangue nem meio sangue! – atalhou o visconde, erguendo o canivete de sobre o joanete, com medo de o ferir na cegueira da sua zanga democrática. – Pois o senhor ainda é dos que crêem na diferença dos sangues?! Essa não esperava eu de si! O sangue é o dinheiro, meu amigo. Deixe-se de asneiras. Todos somos filhos de Adão e Eva. Os fidalgos antigos antes de serem fidalgos...

– Aparavam o seu calo – interrompeu o barão, sorrindo – e duvidavam de que os fidalgos mais antigos tivessem uns pés mais limpos de cotovelos que eles.

– Pudera não! – replicou o visconde. – Vão para o diabo que os leve; trabalhem, se quiserem comer. É ganhá-lo com o suor do rosto, como nós, não lhe parece?

– *Como nós...* Vossa Excelência sabe como eu ganhei o que possuo?

– A trabalhar... pois então como havia de ser?

– Podia ser sem trabalhar.

– Essa agora!

– Pois a riqueza é indício seguro do trabalho?

– Eu acho que sim... – tornou o visconde, voltando, mais serenamente, a desbastar o joanete.

– Vossa Excelência acha o que acham os espíritos ingénuos e inocentes; não imagina que a sociedade concede a posse legítima dum roubo; não conhece o contacto que há entre vil ladrão e ladrão nobre.

– Explique lá isso, que não entendi bem.

– É de fácil entender o que eu disse: pode ser-se rico sem trabalhar, e eu posso muito bem estar na fileira dos ladrões tolerados, respeitados e enobrecidos...

– Não diga tal, barão – atalhou a viscondessa, sem desviar a cara do espelho. – O

senhor diz às vezes cousas, que parecem de doido! O que vale é nós não fazermos caso das suas singularidades, senão havíamos de pensar que o morde o remorso de ter mal adquirido a sua fortuna...

– Que lhe parece, senhor Visconde? – redarguiu o barão. – Será remorso que me morde isto que fala em mim contra a nossa classe?

– Qual remorso nem qual carapuça! – disse o visconde soltando uma gargalhada.

– A senhora Viscondessa tem cousas! O que é remorso? – tornou o barão, fixando atentivamente o visconde, que apertava o nastro da celoura. – Remorso teria eu se deixasse fugir a ocasião de me enriquecer, ainda à custa de infâmias e perversidades. A sociedade é que nos faz, minha senhora Viscondessa. Se ela premiasse o honrado que nos pede esmola, doer-nos-ia o pesar de não sermos premiados como a virtude pobre; se ela, porém, lança de si com tédio e desprezo a consciência vazia de remorsos, se a algibeira está também vazia, que remédio há senão passar para o lado dos que souberam compreender a sua época? Não digo bem, senhor Visconde?

–Falou! É o que eu já tenho dito.

– Vossa Excelência horrorizava-se, Viscondessa, se eu lhe dissesse que adquirir a minha riqueza, espoliando um miserável que se fiou da minha fidelidade?

– Credo! Isso é cousa que se diga!? –acudiu ela, trejeitando visagens de pasmo.

– É cousa que se diz e que se faz. Ainda não contámos um ao outro a nossa vida, Visconde. Pode ser que um dia lancemos no seio um do outro as confissões das nossas culpas.

– Eu cá – disse o visconde, encolhendo os ombros, e fazendo com a boca arqueada uma feia carantonha – eu cá não tenho culpas que confessar. A minha tal ou qual fortuna deu-ma o negócio dos vinhos e aguardente. Fui feliz, graças a Deus, e levantei cabeça, porque andava no negócio com cálculo, e sabia esperar-lhe a ocasião.

– Pois, senhor – disse com danada serenidade o barão – eu não posso dizer de mim o mesmo. Enriqueci... enriqueci...

E susteve-se com ímpeto não menos violento para ele do que seria se lhe lançassem à garganta uma gonilha. A expressão sufocada, se assim pode dizer-se, abriu-lhe mais fundos os vincos da testa. Deu alguns passos maquinais na sala, pretextou uma razão para sair, e felicitou-se, na rua, pela coragem com que represara em si o fel que lhe vinha aos beiços na veemência da ironia, ou do sarcasmo.

Quando entrava no pátio da sua casa, entrava Bernardo da Veiga, que ajuntou à vista de cumprimento o convite para tomar uma chávena de chá com ele e a sua Isaura.

X

Quem as divinas graças, que mostrava,
 Contar quiser, mais fácil lhe seria,
 Contar as flores do lascivo Maio,
 E do sol os cabelos raio a raio.

GABRIEL P. DE CASTRO (*Lisboa Edificada*)

Não me dispensam do retrato de Isaura? Violentam-me.

Se eu a não tivesse visto, imaginava-a. Fácil me seria decompor uma dúzia de formosas caras que conheço, coligir a feição de cada uma, e recompor do todo uma perfeição de que o leitor não ficaria fazendo ideia, que o mesmo me acontece a mim quando os outros pintam de fantasia

Porém, eu via-a, vejo-a, tenho-a de cor, quero pintá-la como ela é, e escrupulizo, se o desenho, infiel e profano, der longes doutra imagem que não seja a dela.

Não posso, não sei: o mais que sei e posso é alevantar o estilo às regiões da estética, figurar, idealizar, subtilizar em locuções eufónicas o retrato de Isaura. Queriam-no assim? Enfastiavam-se, logo, no solhos.

Como se pintam estes olhos que eu vejo? Os noveleiros, com a bossa descritiva, quando descrevem olhos assim, pintam quanto há menos olhos. Fazem o que podem, e o pincel pouco mais faz que eles. Para certos olhos sei eu que há uma tela: é o coração; e só essa é digna.

E, portanto, não descrevo Isaura; digo, como em conversação, singelamente, o que pode dizer-se, com naturalidade, se, assim mesmo, puder.

Isaura não é alta. Pertence àquela estatura que chamam mediana, a mais regular, a menos defeituosa, porque raras vezes as partes componentes da talhe geral se desconformam.

– A idade? – perguntou-me uma amiga minha a quem, pouco há, falei de Isaura.

– Teria dezoito anos para quem a não conhecesse; mas ia em vinte e quatro, quando a eu vi.

– Vamos ao rosto; mas não me fale em perfis gregos nem circassianos. A cor?

– Pálida, minha senhora.

– Logo vi... A mulher pálida é moda agora... Não me falou um destes dias duma sua conhecida que não entrava num baile sem amarelecer a cara ao luar ou à luz frouxa das estrelas?

– Falei-lhe dessa tola; mas agora trata-se de Isaura, que não ia a bailes, nem sabia que o luar empalidece as caras grosseiramente vermelhas. Nada de confrontações impossíveis, minha amiga. Isaura nascera pálida.

–Vamos lá: e os cabelos?

– Negros e luzentes, levemente ondeados, nus de enfeites e ataviados com comodidade, e gentileza. Duas grandes tranças lhos dividiam, para se entrancharem de novo, presas em duas grossas roscas por travessas. Quando as soltava, as duas serpentes ondeavam-lhe por sobre as espáduas até à cinta.

– Não me fuja para a algaravia poética. Vamos aos olhos.

– Antes dos olhos, se me da licença mencionarei a fronte.

– Espaçosa, infalivelmente.

– Não, minha senhora: era uma testa que sugeria muitas ideias menos a ideia material do espaço.

– Então?! Não compreendo.

– Eu compreendo; mas não sei como isto se diz. Vossa Excelência vai rir-se: a fronte de Isaura é um como véu transparente por onde se lhe vê a alma. A auréola é invisível; mas o resplendor vê-se.

– Quer dizer que uma bonita fronte não se descreve. As sobrancelhas são o mais belo ornamento da testa.

– As de Isaura, irrepreensivelmente curvas, dividem-se por uma incisão quase imperceptível: longas, negras, e bastas. As pestanas, se ela descai as pálpebras naquele pendor da meiguice natural, quase lhe quebram a luz dos olhos, alindando-os, se é possível, ainda mais. Porque não sei se há olhos...

– Veja lá o que diz... guarde as conveniências... olhe que está falando com uma mulher que tem olhos...

– Queria eu dizer que não sei se há olhos mais belos que os olhos negros...

– Remediou perfeitamente. E esses olhos são serenos ou inquietos?

– Meigos e vertiginosos. Reflectem a luz frouxa das paixões suaves, e as labaredas cintilantes das paixões escandecidas.

–Poesia...

– Então não sei, minha senhora, como hei-de expressar-me... A linguagem de passaporte não quadra bem aqui: *olhos pretos, nariz regular, boca...*

– É verdade, a boca? Vou ouvi-lo discorrer. Com lábios e dentes bonitos faz-se um grande discurso, em que o reino vegetal e o mineral podem contribuir difusamente.

– Enganou-se. A boca de Isaura é o ideal do espiritualismo...

– Ora!... isso não se entende.

– Crê-se que o Criador beijou ali a imagem.

– Pior!... Tem os lábios delgados e a boca pequena?

– Não tem esse defeito.

– Defeito! Que singularidade! Diga-me isso!

– Os lábios delgados duma boca pequena... Lembra-se Vossa Excelência o que disse Garrett dessas bocas da sua predilecção? *Há umas certas boquinhas gravezinhas e espremidinhas pela doutorice que são a mais aborrecidinha causa e a mais pequena que Deus permite fazer às suas criaturas fêmeas.*

– Quer fazer a apologia da boca grande?

– Não, minha senhora, digo que, não sendo pequena, é graciosíssima, formosíssima a boca de Isaura.

– Adiante.

– Disse tudo, minha amiga. Escuso dizer-lhe que as outras perfeições, colo, cintura, mão, pé, garbo, bizzarria, vista cada uma singularmente, deixa adivinhar as outras. Já disse a Vossa Excelência que era pálida, disse tudo.

– Mas, abstraindo dos traços físicos, não pode espriar-se mais pelos recursos imensos do idealismo para me dar uns longes dessa perfeição? Agora, admito a poesia...

– É pálida.

– Já me disse isso três vezes: mas sinceramente lhe digo que não sei coordenar essas vagas feições que desenhou, e compor o belo desusado que me inculca. Diga alguma cousa mais do rosto: se é oval ou redondo, se o nariz é aquilino ou adunco; se os lábios são puro coral, e os dentes são pérolas ou...

– É pálida.

A minha amiga soltou um frouxo de riso, que a leitora pode imitar, se quiser. Mudámos de conversação. Isaura ficou com a sua formosura indescritível, e a minha amiga com a sua razoável ignorância do retrato que eu tentei esboçar-lhe.

O mesmo se dá connosco, leitores. Mudemos, também. Vamos ao solar de

Bernardo da Veiga, onde nos espera o barão da Penha, que tomou do charão uma chávena de chá para oferecer à que o velho fidalgo chamava a sua Providência.

Não indagemos o que se disse até à nossa chegada. Seria precisamente o trivial de todas as apresentações. Contentemo-nos com o decurso de uma conversação que parece animada por parte do velho fidalgo.

– É à minha Isaura que se deve – dizia Veiga – a galanteria desta salinha. Foi ela que fez articular as pernas quebradas destas cadeiras e mesas, que estavam inválidas desde a minha meninice. Meu pai e tios eram homens da corte, e raras vezes vinham a Cascais; se vinham, era para espalhar ao vento o pó das ruínas ainda magníficas. Quando vim de Roma, por morte de meu tio embaixador, achei-me aqui, rodeado de credores. Esta casa era um hospício, povoado de antigos criados com a sua numerosa posteridade. Não despedi algum; mas tratei de reivindicar o que pude para podermos viver todos.

«Depois de quarenta anos de economias, pude predispor-me para que não fosse mortal a ferida que me fez a mudança de instituições. Desceram muito as minhas rendas com a perda das comendas; todavia, os hábitos económicos dispuseram-me para suportar com resignação a abstinência forçada... se legal ou ilegal, não questiono.

«Cresceu esta menina nos meus braços, chamando-me pai, e eu chamava-lhe filha, filha lhe chamo hoje, sê-lo-á sempre, que o coração não pode dar-lhe outro nome.

Isaura ia tomar da mão de Veiga a chávena esquecida, e, vendo-a cheia ainda, disse:

– Então, meu pai? O chá?

– Esqueceu-me, filha... Temos tempo... Pois não queres que eu respire? A quem hei-de eu falar de ti, Isaura, se não for a um homem de sensibilidade? Pela do nosso hóspede fico eu... Este tem coração; conheço-o até pelo modo com que te olha...

– E admiração e respeito... e inveja – disse o barão respondendo à lhana sensibilidade do velho, própria das idades avançadas, em que as expansões íntimas se parecem com as da mocidade tenra.

– Inveja! – atalhou o fidalgo – pois Vossa Excelência não tem uma família que o ama muito?

O barão desfranziu um sorriso triste, e não deu outra resposta. Bernardo da Veiga, interpretando mal a significação do sorriso, supôs que o seu hóspede tinha algum profundo desgosto de família. A delicadeza impunha-lhe silêncio; porém, a simpatia fortalecia-se.

Isaura entendeu o barão do mesmo modo. Olhava-o compassivamente, e parecia dizer naquele olhar: este homem devia ter uma filha que o amasse muito. Bernardo da Veiga, querendo divertir da magoada concentração o espírito do hóspede, prosseguiu:

– Eu devo muito a Deus! Que vida seria hoje a minha, com oitenta anos, se não fosse este anjo? A velhice do celibatário deve ser triste como a solidão para o moço de vinte anos. Quando eu vivia das impressões de cada dia, nunca pensei no ocaso das paixões, na escura noite do velho que olha em redor de si, e vê a soledade do túmulo que lhe vem ao encontro. Hoje compreendo as amarguras, que eu me tinha preparado, se a Providência me não acudisse com este benefício...

E apertava calorosamente a mão de Isaura entre as suas trémulas, fitando-a com meiguice, acariciando-a com mimos de fazer sorrir a insensibilidade de algum observador infeliz que não experimentasse os quase pueris estremecimentos de um pai ancião.

Isaura disse a meia voz algumas palavras a Bernardo da Veiga.

– Pois, sim, vai, minha filha, e diz alguma cousa ao nosso amigo barão, porque eu tenho falado sempre... é achaque dos oitenta...

– O pai tem dito por si e por mim – balbuciou Isaura com simpático acanhamento

– o que deve dizer-se a uma pessoa tão digna como o senhor Barão...

– E eu direi, minha senhora – acudiu o barão erguendo-se – que, se me fosse permitida a glória de alguma qualidade boa, sentira hoje quanto essa glória é apreciável, porque devo a uma acção honesta a fortuna de ver os cabelos brancos dum homem virtuoso inclinados sobre o regaço dum anjo. O quadro é dos que amaciam as mágoas do coração que o compreende; e eu, só tenho um modo de pagar a intimidade com que fui recebido... é confessando que estes momentos são os primeiros da minha vida felizes, sem temor de que a dor os siga. Sinta, pois, Vossa Excelência o contentamento de ter feito bem ao forasteiro, que apenas conhece de nome.

Isaura quis responder. A ideia via-se-lhe clara na expressão dos olhos límpidos; mas o temor, filho do descostume, embargou-lhe a palavra. O barão, adivinhando-a, prosseguiu:

– Ouve uma linguagem nova, minha senhora. Está afeita ao dizer suave e singelo de seu pai, e estranhou o que lhe é dito num tom de seriedade. Quis ser claro, quis dizer...

– Eu compreendi... – atalhou Isaura.

– Que o nosso amigo aprecia a nossa companhia, filha? – acrescentou o velho.

– Ainda mais... entendi que...

– Diga, diga, minha senhora.

– Que precisava duma amiga como eu sou de meu pai – disse Isaura, sem corar, com desembaraço, em ar de adorável melancolia.

– Não me compreendeu, senhora Dona Isaura – redarguiu o barão, amaciando a rudeza da negativa com um gesto de amargura, que o violentava a não aceitar a explicação; e acrescentou: – O que eu precisava era que se me varressem do coração as tenções infernais que me impelem para... – e susteve-se de ímpeto; passou a mão, com frenesi, pela testa sulcada momentaneamente de rugas, e fitou os olhos no olhar pasmado de Bernardo da Veiga, ajuntando: – Está admirando-me? Duas palavras definem um desgraçado, não é assim?

– Decerto... e duas palavras – disse o velho – bastam para espertar, não digo a curiosidade do indiferente, mas o interesse do amigo.

O barão tirou um charuto, e pediu licença para fumar na sala imediata. Era uma evasiva, um pretexto para cortar o fio duma conversação mortificadora. Bernardo da Veiga serviu-lhe o castiçal, para acender o charuto e fumar ali. Isaura cumprimentou o barão, e saiu.

– Está lindíssima a noite! – disse o barão, olhando da janela para o mar onde se espelhava a lua em trémulos fulgores. – Faz gosto passear ao pé do mar em noites assim. Os namorados amam estes espectáculos, e pintam-nos com entusiasmo. Nós, os velhos, devemos senti-los melhor do que eles, porque os povoamos de saudades, enquanto os moços os povoam de esperanças... Quer Vossa Excelência passear?

– Pois sim... – respondeu o fidalgo – e não vai connosco Isaura, porque havemos falar dela.

Saíram.

XI

«Oh! mas a desonra!...»

«A desonra é para quem comete feitos vis. O que deles padece esse não é desonrado.»

A. HERCULANO (*O Monge de Cister*)

Pourquoi vous montrez-vous furieux?

BENJAMIN CONSTANT (*Adolphe*)

– Vou contar-lhe a história da minha Isaura. Não pode esperar lances de novela, senhor Barão. Bem a viu, e basta vê-la um instante para conhecer-se que o coração daquela menina está na inocência dos oito anos. E uma história simples; mas o que merece ser contado é triste.

«Há vinte e sete anos estive em Cascais um juiz de fora, que se dizia meu parente. Eu aceitei o desconhecido primo com mostras de reconhecê-lo, porque entendo que me honram todos aqueles que querem ser meus parentes, se são pessoas honestas; os verdadeiros parentes, se se infamam, nem esses nego, porque o desdouro é deles só.

«Pedro Leite de Mendonça era o nome do magistrado.»

A sombra não deixara ver ao narrador a impressão que tal nome fizera no rosto do barão.

– Frequentava a minha casa, foi nos primeiros meses meu comensal, e por fim meu hóspede – prosseguiu Bernardo da Veiga.

«Em minha casa estava uma menina de dezasseis anos, filha dum meu amigo, que morrera na batalha do Vimieiro, comandando um batalhão. Eu sabia que o defunto coronel deixara em Lisboa uma viúva e uma filha. Fui buscá-las, e disse-lhes que eram a minha família. A mãe morreu de saudades. Ficou a menina que eu criei e eduquei, com amor igual ao que tenho empregado nesta que Vossa Excelência conhece.

«Pedro Leite via isto, sabia que eu amava como pai a filha do meu amigo, e abusou da franqueza que tinha em minha casa, erguendo olhos púrfidos para a inocente Isabel.

«Eu nunca o suspeitei. Tive uma denúncia já tarde. Interroguei Isabel, e ela corou, gaguejando uma resposta acusadora. Não a repreendi. Chamei ao meu quarto Pedro Leite, e disse-lhe:

«– O senhor ama esta órfã que eu tenho em minha casa?

«– Amo-a como você a ama; estimo-a, e respeito-a, além de a amar – respondeu ele.

«– Pois bem – repliquei –, Isabel pertence a uma família ilustre, não deslustra a nossa; se o meu parente a quer para sua mulher, eu tenho grande gosto nisso, e suspeito que ela o terá também.

«– Responderei – redarguiu ele; – esse acto quer-se muito pensado.

«Correram alguns dias; Pedro Leite é transferido para o Porto; diz-me que vai tomar posse, e dá-me a entender que voltará para responder satisfatoriamente à pergunta que eu lhe fizera.

«A resposta foi, passados quinze dias, desaparecer Isabel. Entrei no quarto da desgraçada, e achei sobre a banca de leitura, a mesma que Vossa Excelência viu na sala de Isaura com um livro, o mesmo livro que ela deixara, e um papel e lápis, os mesmos justamente que ela deixou. O papel dizia isto: *A paixão, que me cega, pode levar-me à morte; à desonra diz-me o coração que não, porque eu obedeço ao sentimento mais*

nobre do coração humano. Só poderia resistir-lhe suicidando-me; mas Deus perdoa às criminosas que o amor matou, e não às que se matam. Preferi ao suicídio deixar-me matar. Assim como Deus perdoa, perdoe-me o meu benfeitor. Isabel.

«Chorei sobre o papel. Depois houve a reacção do ódio ao vil que a seduzira. Dispus-me a segui-lo, procurá-lo no Porto, e matá-lo. Tornou a reflexão. Matá-lo que valia? Era matá-la a ela, tolher talvez a reparação, acabar com a esperança de a reabilitar para si e para o mundo.

«Não dei um passo. Agradei a Deus ter-lhe levado a mãe antes deste golpe.

«Decorreram dois anos, sem notícias de Isabel. Pedi a um velho amigo que estava desembargador na Relação do Porto novas dela. Jerónimo de Abreu e Lima...»

– Jerónimo de Abreu e Lima! Conheceu-o? – atalhou alvoroçado o barão.

– Conheci de rapaz; éramos amigos de tu... e Vossa Excelência conheceu o meu amigo?

– Recordo-me de ter ouvido esse nome há bastantes anos... – disse serenamente o barão.

– Pois foi ele o incumbido de colher informações. Disse-me que sabia não de vista, mas de ouvir dizer que Pedro Leite tinha consigo uma senhora que raras vezes se mostrava, a não ser através duma vidraça. Mais tarde escreveu-me outra carta, dizendo-me que lhe falara, gracejando, nela, e Leite lhe respondera que a amava muito; e, se a não fazia sua esposa, era porque não dava consideração alguma às palavras convencionais do padre, nem lhe constava que o fundador da religião cristã instituisse o sacramento do matrimónio, como condição de aliança entre mulher e homem. Ultimamente escreve-me outra vez dizendo-me que Isabel era mãe duma linda criancinha, que Pedro Leite amava como doido. Concebi então que ele viesse a reabilitar a mãe por amor da filha, visto que o coração dum pai aceita como necessários os preceitos religiosos para os transmitir à filha. Só um pai conhece verdadeiramente o que é a desonra da mulher... O meu amigo Abreu e Lima morreu pouco depois, e nada mais pude saber.

«Passa um ano, e em mil oitocentos e vinte e cinco recebo uma carta de Isabel. Santo Deus, que surpresa, que alegria a minha! Cuidei que era a suspirada nova do seu casamento. Leio as primeiras linhas, e vejo: *Não é para mim que peço, é para minha filha que mendigo ao benfeitor da mãe um bocadinho de pão.* Continuo a ler. Era uma carta escrita com lágrimas, era um adeus para sempre, legando-me sua filha.

«Corro ao Porto. Colho informações. Vou descobrir Isabel, vivendo em uma pobre casa, deitada numa miserável cama, emagrecida e pálida como um cadáver, com sua filha ao pé de si, enfezadinha mas linda criança, que lhe brincava com os cabelos. Abracei-as, amimei-as, esqueci tudo. Antes de perguntar se foram abandonadas, fui buscar uma cadeirinha, conduzi-as para a minha hospedaria, chamei médicos, não lhe dava tempo de chorar à pobre mãe. O meu amigo tem coração, e decerto explica estas lágrimas que me embargam a voz. São as reminiscências de ter feito uma boa acção. São lágrimas de alegria, em que se manifesta o poder divino da caridade.»

Passados alguns segundos de silêncio, e de angustioso alvoroço para o barão, Bernardo da Veiga prosseguiu:

– Isabel não tinha sido abandonada. Pedro Leite morrera de maligna; mas testara todos os seus bens de fortuna, no valor de cinquenta mil cruzados, a sua filha Isaura, e uma avultada esmola à mãe de sua filha, pedindo a Sua Majestade que houvesse por bem sancionar a perfilhação de Isaura. Isto se fizera com testemunhas. Isabel, ouvira-lho três vezes repetir; dos lábios moribundos dele recebera o encargo de me suplicar o seu perdão.

«Roubaram, porém, a pobre criança, senhor Barão, e deixaram sem um vintém a

infeliz mãe. Forjou-se um testamento falso, em que a herança passava a outras mãos. Isabel não tinha protecção, não conhecia ninguém, envergonhou-se de ir aos tribunais, deixou correr tudo à revelia, e os que se habilitaram herdeiros tiveram a impiedade de lhes não darem uma esmola.

«Tinham decorrido seis meses quando Isabel me escreveu. As fomes que ela passou até esse momento em que o céu lhe inspirou ânimo para se valer de mim, imagine-as meu amigo!

– Imagino, imagino! – exclamou o barão, erguendo-se convulso, e levando as mãos aos cabelos como num acesso de raiva. – Imagino as fomes que ela passou... E que se há-de fazer ao malvado que a reduziu a essa miséria? Se a Providência não tiver castigo para o infame causador desse roubo que horroroso castigo há aí que o puna? Se eu arrancar o coração do peito que...

Bernardo da Veiga estava atónito das exclamações do barão, e dos trejeitos raivosos que denunciavam uma demência súbita. Queria atalhar a torrente impetuosa das frases sanguinárias, mas o barão parecia dirigir-se a um fantasma. O velho chegou realmente a suspeitar que o barão estava sofrendo algum acesso de doidice por amor da qual o mandaram a banhos de mar. Tudo o que ele dizia era confuso, e desordenado. O velho chegou a meter-lhe o braço, para o afastar dali, dizendo-lhe palavras afectuosas. Um terceiro rir-se-ia dos dois, vendo a fisionomia pávida do fidalgo, e os estorcimentos epilépticos do barão.

À maneira do súbito silêncio que se faz depois que uma nuvem cai rompida em estrepitoso granizo, a vertigem do barão serenou de repente. Agora, era o olhar profundo e imóvel que assustava o historiador, arrependido de acordar, sem o querer, alguma dor que lhe eclipsava a razão.

– Vamos, vamos, meu amigo... – disse, a tremer, Bernardo da Veiga.

O barão sorriu, se é sorrir o movimento de lábios que mais parece a compressão dum gemido. Veiga instava, tirando-o pelo braço com delicada violência.

– Que juízo fez Vossa Excelência de mim? – perguntou tranquilamente o barão.

– Eu... juízo... penso que Vossa Excelência... – tartamudeou o velho, encolhendo os ombros, e esforçando-se em imaginar um qualquer juízo que pudesse dar, contanto que não dissesse o que realmente ajuizava, porque raro é o doido que aceita satisfeito a compaixão que move.

– Julgou-me doido? – tomou o barão.

– Não, senhor; eu estou convencido que Vossa Excelência... condoído da sorte da pobre Isabel...

– Pois Vossa Excelência crê que a sensibilidade dum homem, que não conheceu essa senhora, possa irritar-se até ao furor?...

– Há génios tão sensíveis que...

– O que há, senhor Bernardo da Veiga, são horrorosos segredos na minha vida. Há-de sabê-los, meu amigo. Há-de sabê-los, quando eu lhe possa mostrar quebrado o principal instrumento da minha desgraça. Desculpe-me Vossa Excelência eu não vou ainda para casa, salvo se me ordena que o acompanhe.

– Não senhor: mas... eu acho que se deve retirar... a noite principia a arrefecer... – disse o fidalgo, constante na sua suspeita de loucura periódica.

O barão apertou-lhe a mão com força, e caminhou em direcção oposta à do assustado velho.

Eram onze horas da noite.

O visconde de Vila Seca estava fazendo o correio, quando sentiu três fortes pancadas na porta. Foi à janela, e conheceu o barão.

– A estas horas? – exclamou o visconde. – Isso é novidade. Eu lá vou abrir que os

criados dormem já.

E desceu, sem esperar resposta.

Abrindo a porta, não viu alguém. Saiu fora, e ouviu rumor de passos que se afastavam. Esteve alguns minutos atordoado com o sucesso, e foi direito ao quarto da viscondessa que roncava em profundo dormir. Agitando-a, como quem quer rolar um odre, despertou-a alvoroçada, para lhe contar o extravagante acontecimento. A viscondessa ouviu-o com um terço do olho esquerdo aberto, e fechando-o, voltou-se para a parede, resmungando:

– Vai-te daí, parvo! E para aquilo vem acordar quem dorme! Forte bruto!

Ao mesmo tempo, Bernardo da Veiga dizia a Isaura:

– O pobre barão, minha filha, está doido.

– Doido, meu pai!

– Sim: sofreu um acesso quando estávamos à beira-mar.

E assim prosseguiram, lamentando o louco, sinceramente condoídos.

E também, ao mesmo tempo, o barão da Penha, com a face lívida curvada sobre as mãos, que pousavam na beira duma banca, dizia no som cavo de quem fala só:

– Seria uma loucura matá-lo hoje... A morte daquele homem deve ser pública...

O leitor decerto não suspeita que o barão da Penha esteja doido.

XII

*On cite les amis qui s'aiment comme des frères...
Ne pourrait-on pas citer les frères qui s'aiment comme
des amis?*

D'HOUDETOT (*Épreuves du coeur humain*)

Antes que mo diga a desvelada crítica, apesar meu, confesso que este romance não é o mais respeitoso que pode desejar-se às venerandas regras da arte.

Devia e podia fazer o barão da Penha um homem misterioso até ao capítulo final, preparando a ansiedade do leitor para uma surpresa de estoiro.

A arte é isso, o engenho prova-se nessas dificuldades; sei-o, à custa de me enjoar com muitas obras-primas desse engenho e arte, que enfeitiça o espírito de curiosidade, mas incomoda esse tal ou qual crítico juízo que algumas pessoas ainda empregam em leituras destas.

Quem não sabe já que Macário Afonso da Costa Penha é um pseudónimo de Constantino de Abreu e Lima?

É justamente o que devia esconder-se, à custa de todas as inverosimilhanças imagináveis. O abrir de boca do leitor pasmado, no fecho do romance, deve ser o supremo gáudio do romancista. Esses abrimentos de boca são os que fazem o renome de quem escreve, e, algumas vezes, o sono de quem lê.

Se eu delineasse o enredo de modo que o barão da Penha se balanceasse entre conjecturas no decurso de trezentas páginas, isso é que era vigor de imaginação, habilidade de enredar a perspicácia dos adivinhos de trágicas catástrofes. Assim, do modo como se vai desenvolvendo a história, daqui a pouco não tenho novidades com que surpreenda a atilada penetração do leitor. Resta-me a confiança que ainda tenho no patriotismo literário dos que lêem cousas de sabor português, conquanto reconheçam que em Portugal não há tipos que espertem copistas, nem fantasia criadora que os faça, sem destoar do génio e costumes nacionais.

Já agora, não há remédio, O barão da Penha denunciou-se mais de três vezes. Primeiro, quando ouviu a história de António José; segundo, quando viu o nome do possuidor do Tácito em que lia Roberto Soares; depois quando liberalizou comodidades sobejas à pobre família da Rua da Murta; ultimamente quando ouviu a história de Isaura, deserdada pela falsificação de um testamento.

Pois então, se tudo é já sabido, saiba-se como Constantino de Abreu e Lima adquiriu o milhão que lhe atribuem os corretores dos salões lisbonenses, nos quais, como em Paris, em Pequim, no Taiti, em toda a parte, onde gira dinheiro, por entre o burburinho de temos e espirituais colóquios, escapa o grosseiro interrogatório acerca do valor monetário da pessoa ou cousa.

Aí vai a história depressa e clara:

Constantino, um ano depois que chegou a Cabo Verde a cumprir sentença de vinte anos, pôde evadir-se, protegido, indirectamente, pelo governador do presídio, que lhe conhecera o pai, e se condoera do infortúnio do moço, levado ao crime pela necessidade.

Nomeando-se Macário, conseguiu ser recebido num dos portos de África a bordo dum navio holandês, que seguia derrota para a costa brasileira, e o aceitou como intérprete, visto que o capitão da charrua falava francês, e o fugidiço também.

Chegados à Baía, Macário recebeu o que lhe quiseram dar, depois de assistir como língua às compras e vendas do navio mercantil.

Um comerciante baiano simpatizou com o português, e deu-lhe a perceber que o receberia como guarda-livros, se ele quisesse deixar o navio em que viera.

Macário aceitou, e pouco depois foi em comissão para Buenos Aires, onde o patrão tinha comércio.

Aí encontrou um português estabelecido, rapaz ainda, casado recentemente com a filha única dum riquíssimo fazendeiro.

Travaram amizade, e passaram à intimidade. Macário não foi sincero, mas a reserva é desculpável. Disse que era de uma pessoa de bem, e saíra de Portugal, por morte de seu pai, de quem, esperando herdar grandes haveres, apenas herdara uma educação esmerada, que lhe tomava a penúria, na pátria, mais dolorosa.

O rico fazendeiro contou-lhe de si esta simples história:

Era filho bastardo de um fidalgo, que sacrificara sua mãe a outra rica e nobre com quem casara; que sua mãe era uma senhora de Lisboa, filha de pais remediados, mas desamparada dos seus, por causa da sua fraqueza; que seu pai dava uma suficiente mesada para a sustentação de ambos, e, quando enviudara, prometera casar com ela logo que conseguisse entrar no Desembargo do Paço. Que nesta esperança, dois meses depois da promessa, morrera a mãe, e o desembargador, por segunda. pessoa, lhe dera a ele meios e protecções e créditos para estabelecer-se comercialmente. Que, finalmente, ele optara por se estabelecer na América, e apenas chegara a Buenos Aires tivera a boa fortuna de cativar a estima do fazendeiro que o fizera seu genro.

Mera curiosidade fez que Macário lhe perguntasse o nome. do fidalgo progenitor, e ouviu proferir o nome de seu pai.

Desde esse momento, o trânsfuga de Cabo Verde arrancou-se a máscara: contou a sua verdadeira história; compungiu o coração do amigo, e terminou por perguntar-lhe se ele se envergonhava de ser irmão dum filho do desembargador Jerónimo de Abreu e Lima.

O bastardo elevou seu irmão até onde podia; quis que ele resgatasse o seu verdadeiro nome; que, à custa de todo o dinheiro, obtivesse a graça régia da sua liberdade. Constantino rejeitou as boas intenções do irmão, umas como inúteis, outras como impossíveis.

Continuou a ser Macário Afonso; e adoptou os apelidos de seu irmão – *Costa Penha*. Associou-se comercialmente com o que fora na Baía seu patrão. Decorridos três anos, morre o sócio, instituindo seu universal herdeiro Macário Afonso.

Está assim explicada a muito licita aquisição de cem contos de réis, base sobre a qual o antigo falsificador de firmas poderia, se quisesse, levantar um edifício de alguns milhões.

Constantino julgava-se viúvo: assim lho fizera crer a má nova que lhe levara o facultativo, por informações doutro que medicara Leonor nas tribulações do parto. O leitor ainda se lembra. Supunham-no viúvo, e ofereceram-se-lhe casamentos vantajosos. Rejeitou-os todos.

Retirado do comércio, foi viver em uma chácara de seu irmão, e dedicou-se à leitura, à agricultura, e à solidão quase completa.

Ao cabo de doze anos pouco possuía da herança.

Consumira-a comprando escravos para a liberdade: aos velhos dava imediatamente carta de alforria, às crianças educava-as, e dotava-as com terras incultas, ensinando-as a cultivarem-nas.

O irmão enviudara, e anos depois ficara sem filhos com mais de quinhentos contos liquidados. Retirou-se também do tráfico mercantil, e pôde conseguir que seu

irmão o acompanhasse à Europa, cujos ares lhe aconselhavam numa doença pulmonar.

O mal agravou-se com a mudança, e o milionário veio morrer a Paris, deixando todos os seus haveres ao indivíduo que se assinava Macário Afonso da Costa Penha.

Era isto em 1848.

Macário voltou à América, e levantou a avultada herança. Permaneceu aí um ano, oscilando entre as irresoluções de ficar ali, ou residir na Europa.

Lembrou-lhe com saudades Portugal; mas perguntava a si mesmo o que viria ele fazer a uma terra onde não tinha alguém, donde saíra com um estigma ignominioso na fronte, onde não poderia, depois de vinte e quatro anos, dizer o seu verdadeiro nome sem risco e sem vergonha.

Acudiu-lhe uma ideia romanesca: viver em Portugal, desconhecido; derramar a sua riqueza em generosidades das que enxugam lágrimas e aquietam a consciência; captar a atenção deste pequeno país, onde as dádivas são apreçadas, como se o dádivo não tivesse melhor recompensa que a publicidade; morrer, enfim, pobre, declarando na hora suprema da vida o seu verdadeiro nome, remindo-o assim da antiga infâmia.

Com estas intenções desembarcou em Lisboa.

Fez as primeiras esmolas aos estabelecimentos de caridade, e acudiu com alguns sacos de libras à indigência do ministério que batia às portas dos agiotas, mostrando-lhes as úlceras do tesouro.

Um dia, deram-lhe uma cousa que ele quisera rejeitar; mas não pudera, porque aparecera ao mesmo tempo lavrado o decreto da mercê: era o título de barão da Penha.

Ora aqui está.

Este capítulo é o mais ensosso, mas também é o mais moral, e até o mais necessário, desta, sobre todas as que eu contei e hei-de contar, verdadeira história.

Assim, pois, convém que se saiba desde já que o barão da Penha não era negreiro, nem falso monetário, nem aliciador, nem contrabandista, sequer.

Aos seus esforços pessoais nada devia ele, é certo, porque já se disse que herdara cem contos, que hoje produzem frutos abençoados para proprietários negros, que ele resgatara. Fora de seu irmão tudo o que tinha, e o primeiro bastardo do fidalgo enriquecera ajuntando ao dote de sua mulher o trabalho de vinte e sete anos.

Era uma riqueza mais abençoada a dele que todas as que por aí abençoam os jornais, quando os abençoados são, ou podem ser, assinantes.

XIII

Assy ha lagrimas nascidas do verão d'alma, que é a caridade., estas taes são mantimento d'alma.

FR. ANTÓNIO FEIO (*Tratados Quadragesimais*)

Esta é a verdadeira idade do ouro, porque só ele senhoreia os ânimos dos homens.

F. RODRIGUES LOBO (*Corte na Aldeia*)

E a família da Rua da Murta o que é feito dela?

Pois sim, leitor, vamos assistir a esse espectáculo de felicidade imprevista, única, se a há, porque a felicidade, que se espera, se vem, o melhor dela gozou-se em esperanças; o resto, convertido em realidade, pouco vale.

Roberto Soares apareceu inesperado em casa. Foi à cama de sua mãe, para logo ali em poucas palavras lhe dizer ao que vinha, mas os braços de Leonor, de Helena, e do tio cego, todos ao mesmo tempo enredados nele, não o deixavam tomar fôlego.

Não te esperávamos tão cedo, Roberto! disse Leonor, assalteada pelo receio de que a vinda inopinada fosse de mau agouro. – Não é por alguma causa desagradável, não, filho?

Não, mãe. Eu sou o portador da nossa felicidade. A Providência voltou para nós a face benigna.

– Benigna é ela sempre, Roberto – atalhou Jorge Ribeiro. – Não agradeças desse modo a Deus a felicidade que nos trazes. Ergamos sempre mãos agradecidas ao pesar e ao contentamento.

– Pois sim, meu tio; mas não falemos agora em pesares; bem bastou senti-los tantos anos disse Roberto com muita alegria.

– Eu bem sei o que nos vais contar, Roberto acudiu Helena. – Vens despachado para um bom lugar, não é assim?

– Enganou-se, tia; eu não venho despachado... O nosso benfeitor não quer que dependa de mim o bem-estar da minha família. Quer ser ele, e só ele, o enviado de Deus a esta casa.

– Assim, assim – interrompeu o cego – quero que fales essa linguagem, meu Roberto: o *enviado de Deus...* porque são enviados de Deus todos aqueles que enxugam lágrimas; e o modo como as nossas foram enxutas, quando íamos ser lançados à rua, só se explica pela acção misteriosa da Divindade. Que novos benefícios nos quer fazer esse santo homem? Diz, Roberto!

– Dá-nos quantas comodidades podemos desejar. Tenho ordem de mudar inteiramente o nosso viver de privações e forçada obscuridade. Trago ordem ilimitada de receber o dinheiro necessário para vivermos em boa casa, ornada de tudo com magnificência, e tanta que o barão da Penha possa hospedar-se nela, quando vier ao Porto. Ora já sabem agora ao que vim?

– Louvado seja o Senhor! – disse Leonor a chorar, enquanto Helena, com a mão do sobrinho apertada nas suas, fitava os olhos espantados ora na face dele, ora na da irmã. Jorge Ribeiro não fizera algum movimento exterior.

– Como explica esta grandeza de alma, meu tio? – disse Roberto.

– E tu como a explicas, meu sobrinho? Melhor que eu o farás, porque o trataste de perto.

– Posso apenas julgá-lo um homem extraordinário. Não sei nada de sua vida, e há

nele, apesar da familiaridade com que me trata, alguma cousa que impõe respeito e temor. Não me afoutei ainda a perguntar-lhe a sua naturalidade. O trato contínuo, que faz ordinariamente a confiança, aumentava em mim o sentimento de respeito, que algumas vezes me envergonhou. Eu não queria que ele me julgasse humildade esta veneração; porque não pude nunca, nem jamais poderei imolar o meu orgulho aos benefícios feitos por vaidade. Os benefícios, porém, do barão, são delicados e francos ao mesmo tempo. Não vexam, nem obrigam a gestos ou palavras de reconhecimento. Aquele dinheiro, que lhes mandei, deu-mo ele sob condição de lho pagar, quando pudesse economizá-lo dos meus salários como empregado. Esta ordem franca que trago foi-me dada com não sei que império paternal. *Vá imediatamente, e faça isto*, disse-me ele. Estas explicações bem sei que não explicam a afeição que me tem este homem; mas, a não ser por simpatia, ou com paixão, não sei como a simples palavra «filantropia» possa dar a razão de tantas virtudes.

– Conhecia ele teu pai ou teu avô, Roberto? – disse Leonor.

– Não, minha mãe. Estando eu a ler o Tácito, onde está escrito o nome de meu pai, o barão perguntou-me quem era aquele indivíduo.

– E tu... disseste-lhe...

– Disse o que sabia de meu pai, o pouco que sei, porque minha mãe pouco me há dito.

– Pois aí tens explicada a virtude do barão. É piedade

– disse o cego.

– Tinha os olhos chorosos, quando acabou de ler a carta, que a mãe me escreveu.

Abraçou-me, desejando abraçar todos os meus. Ali logo me ordenou que viesse ao Porto, que fosse o chefe da minha família, e não voltasse a Lisboa senão quando ele me chamasse.

Foi longa de mais a alegre conversação desta família, ao pé do leito de Leonor, para que a digamos toda.

No dia seguinte, o negociante, encarregado de dar dinheiro indeterminado a Roberto Soares, contou isto na praça, onde Roberto Soares era conhecido como literato, sinónimo de vadio, de satírico, de insultador petulante, e de *pinga*. Entre parêntesis: este epíteto «pinga» inventou-se no Porto: é o único subsidio filológico que esta gente tem dado ao vocabulário chulo. *Pinga* é o desforço sumário, é a suprema vingança que aí se tira do escritor pobre, se ele fere a vaidade dos ricos infames, que não querem sofrer a possibilidade de ser insultado um homem endinheirado.

De «pinga» pois, fora qualificado Roberto Soares, desde que, uma vez, saturado das prelecções do amigo de Guilherme do Amaral, talhara quatro barretes para quatro dessas cabeças, que por aí jogam a marrada com a honra.

A notícia da ordem franca, e o primeiro saque de um conto de réis, sabia-se no Guichard na noite desse dia, e contou-se, como um acontecimento, nos *soirées* da Foz, em redor de uma banca de jogo, onde alguns cavalheiros negociavam a indústria que os salva de vagarem andrajosos nas ruas do Porto. As filhas destes cavalheiros, as mulheres, as irmãs, e as namoradas, enquanto o banqueiro embaralhava os macetes com subtil tramóia, perguntavam aos parceiros se o tal folhetinista Soares tinha algum tio rico no Brasil. Uma notabilidade presente citou uma carta que lera da viscondessa de Vila Seca, onde se dizia que estava em Lisboa certo barão da Penha, que denominava seu parente um rapaz do Porto, que fazia versos, chamado Soares.

Uma das damas, que se erguera irritada por ter perdido meia libra contra o quarto valete, e outra meia *num-em-três*, foi para a janela com uma sua amiga, também zangada porque o banqueiro não pusera *de-porta* uma libra que ela, por descuido, perdera *de-cara*.

Estas duas almas candidamente doloridas da perda de nove mil réis ao monte, encostaram-se ao peitoril da janela, falando de amores. Amantíssimos corações os destas pombas!

Uma, a nossa conhecida Margarida da Carvalhosa, pessoa de que eu não posso prescindir em todas as cenas cómicas dos meus futuros romances, dizia à companheira conhecer o tal Roberto Soares por o ter visto com um outro, amigo de Amaral, que a interlocutora conhecia optimamente desde um monumental diálogo, na Praia dos Ingleses que ficou estampado em algures do romance *Onde Está a Felicidade?*

Dizia D. Cecília – enquanto seu marido procurava a desforra da perda que ela fizera – que conhecia perfeitamente Roberto Soares; e, a meia voz, com desdenhosa fatuidade, acrescentava que possuía algumas poesias deste rapaz, seu inexorável perseguidor, desde que se encontraram num baile da assembleia.

Neste instante, entrou o criado na sala do jogo, e disse que estava ali um Sr. Roberto Soares que desejava falar com o Sr. comendador José da Silva Guimarães.

O dono da casa disse ao comendador Guimarães que podia recebê-lo na sala. Mandaram entrar Soares, e ele teimou em não entrar, dizendo que seria de instantes a sua entrevista.

O próprio dono do «estabelecimento» desceu ao pátio, e subiu com Roberto pelo braço, sentindo muito que ele se não tivesse servido da sua casa, na Foz, onde se passavam regularmente as noites

Roberto estava espantado!

Nunca este homem o cumprimentara. Ainda, dois meses antes, encontrando-o num baile, perguntara a um vizinho quem era o perna-fina que lhe dançava com a filha; e, irritado com a informação, dissera à menina que se acautelasse com os parceiros desconhecidos! Que recato este, que prevenção tão lisonjeira para o dono da casa! Estes alvares trocam-se amabilidades destas, e não se ofendem... Sabem eles, porventura, o que é pundonor?

À história, à história! Nada de filosofia. Pois sim.

Roberto Soares entrara numa sala, onde chilreava um grupo de senhoras, gesticulando vertiginosamente com os braços e cabeças. Encostada ao piano estava Cecília e Margarida Carvalhosa, que tinham vindo da casa de jogo para a sala, quando viram a pressa com que o dono da casa descera a receber na escada o poeta.

Roberto fez um semicírculo com a cabeça cortejando geralmente as damas, e ouviu Cecília proferir o seu nome: era a única mulher a quem não precisava ser apresentado. Dirigiu-se a ela com desembaraço, alteou a voz de modo que o pudessem ouvir, e não saberei eu decidir se foi irritação de nervos, ou sangue-frio que sugeriu este vocabulário inconveniente, depois de a saudar com expressões frias e triviais:

– Eu vim a tratar negócios com o senhor comendador Guimarães, e fui admitido nesta sala sem apresentar as minhas cartas credenciais de comerciante. E um excesso de cortesia com que me honra o dono da casa.

D. Cecília compreendeu a ironia, e disse:

– Não sabia eu que Vossa Senhoria era negociante... Em que negocea, senhor Soares?

– Em máscaras, minha senhora.

– Em máscaras!... Tem graça!

– Parece-lhe que não darei grande venda do meu género aqui?... Repare Vossa Excelência nesta que eu trago, e, pela amostra, julgará da mercadoria. Tenho a imodéstia de a julgar tão perfeita, que até Vossa Excelência me desconhece.

– Há aí subtilidade de mais para a minha compreensão... Entendeste, Margarida?

– Eu!... se tu não percebes... disse a filha do barão da Carvalhosa, requebrando a

cabeça com delambido garbo – se tu não percebes, conhecendo o senhor Soares, que farei eu!... E poeta, e basta.

– Não sou poeta, minha senhora, trato de negócios, vou estabelecer-me, a minha reabilitação começa por uma tenda...

– De máscaras? – atalhou Cecília.

O diálogo foi cortado pela chegada do comendador Guimarães, que estendeu a mão afável ao que o procurava.

– Ninguém me apresentou a Vossa Senhoria – disse Roberto – nem eu me apresentarei, porque o meu nome é circunstância dispensável.

– Eu conheço Vossa Senhoria... é o senhor Roberto Soares, e muito estimo ter esta ocasião de o servir.

– Não venho pedir serviços a Vossa Senhoria. Sei que é dono duma casa que se aluga na Rua de Fernandes Tomás, vi-a hoje, gostei dela, não me souberam dizer o que Vossa Senhoria quer, e, como preciso amanhã ocupá-la, queria hoje o arrendamento. Não merecia a pena a deferência com que o dono da casa, cujo nome ignoro ainda, me honrou. Era um negócio de duas palavras...

O comendador não entendera disto senão que se tratava do arrendamento da sua casa da Rua de Fernandes Tomás.

– Vamos então a minha casa – disse ele – e lá se fará o escrito.

– Dispensem formalidades de títulos inúteis. Eu pago a Vossa Senhoria a casa agora mesmo, e dispenso até o recibo.

– Pois isso é assim do pé prá mão?! – disse o comendador. – A casa anda em trinta e cinco moedas.

Soares tirou duma carteira duas notas do banco de cem mil réis cada uma, e deu-as ao comendador, dizendo:

– Tem Vossa Senhoria a voltar-me... Eu faço a conta...

Abriu a carteira, e fez com o lápis uma operação de diminuir.

– São trinta e dois mil réis que me deve – acrescentou ele – se me não engana a minha aritmética, que, apesar de tudo, é mais correcta que as minhas poesias, não acha, senhora Dona Cecília?

– Tem perguntas! Que tem uma cousa com a outra?

– A aritmética com a poesia? Tem tudo, minha senhora. Quem não sabe contar não verseja.

O comendador fora fazer o troco na casa do jogo, Margarida saíra de ao pé da amiga, Roberto Soares de braços cruzados, encostado ao piano, dizia a Cecília:

– Quem é o seu amante agora, minha senhora?

– É séria essa pergunta, senhor Soares?

– Séria, e profundamente grave.

– É grosseira, e...

– Não crê que eu tenha um motivo bastante forte para me informar de cousas tão melindrosas?

– Não, senhor.

– Tenho. Eu sei que Vossa Excelência costuma dar ao amante que começa o espólio do amante que acabou. Estiveram em seu poder umas cartas minhas e umas poesias muito tolas. Umas e outras queria eu resgatar, as poesias principalmente, porque não quero que existam vestígios de eu ter sido poeta, e mau poeta de mais a mais, hoje que principio a regenerar-me para a sociedade em que Vossa Excelência é lustroso ornamento. Sendo certo que os meus versos devem estar na mão do cavalheiro, que, há dois meses, me empalmou o seu coração, pergunto eu, se depois desse, há um outro a

quem eu deva dirigir-me. A pergunta não é grosseira, é necessária.¹

Tinha-se feito profundo silêncio na sala. A curiosidade calara até a respiração de uma dúzia de senhoras, contra as quais Roberto voltara as costas.

O comendador chegava com o troco, sustando a última frase do seu inquilino. Roberto Soares fez uma cortesia igual à da entrada, e, apertando a mão trémula de Cecília, na despedida, murmurou:

– O poeta faz versos; o homem de dinheiro fala assim... Eu hoje alugo propriedades, minha senhora... Uma sei eu já que me custa anualmente trinta e cinco moedas; a outra...

Cecília corou até aos olhos, e retirou a mão. Soares soltou uma gargalhada, e saiu.

Os circunstantes, que não perdiam um movimento dele, disseram:

– Este homem é doido!

Explicar este estranho colóquio com uma dama da boa-roda, faz-se em duas palavras.

Dois meses antes o Roberto Soares pobre dizia no corredor da igreja dos Congregados a D. Cecília:

– Dê-me a razão do seu capricho. Que fiz eu para arrefecer a sua estima?!

– Não me persiga, senhor! – disse ela. – O senhor compromete-me!... Apre! Que teima!

Nesse mesmo dia, Roberto Soares recebia da mão de um provinciano as cartas e poesias que dirigira a D. Cecília.

– Não há vingança possível – disse ele ao sucessor. – Um homem pobre não se vinga.

Nem o rico, digo eu: as Cecílias são invulneráveis.

Sabeis o que se faz às uvas, convizinhas das estradas, para que os passageiros as não comam?... Há mulheres que fazem lembrar essas uvas: mudam em nojo o apetite da vingança.

Aí fica um capítulo sem sal. A vontade de ser fiel rejeitou os enfeites da imaginação.

D. Cecília lê isto, e eu quero que ela diga consigo:

«O homem é verdadeiro.»

¹ Textual todo o diálogo.

XIV

A roda da fortuna parou. Eis-me aqui!

SHAKESPEARE (*O Rei Lear*)

Voltemos a Cascais.

Bernardo da Veiga, nos dias subsequentes à suspeita exaltação do seu amigo, na praia, continuou a desconfiar da saúde intelectual dele. O barão não desatinava no que dizia; o velho, porém, notara no modo como ele olhava Isaura alguma coisa que lhe redobrava as suspeitas.

Havia no olhar do barão, é verdade, um melancólico espasmo, que fazia tristeza aos outros; não era o suave quebranto de luz que amortece o olhar do amante, ou o arraiar vivido que espalha o vulcão da alma apaixonada: era um olhar turvado de lágrimas, meigo e compassivo, amoroso, talvez, mas desse amor, ou antes piedade privilegiada dalguns corações mais sensíveis às dores alheias que ao pungir das próprias.

Não se falou mais da história de Isaura. Receando despertar, com ela, o acesso febril do barão, fugia de a recordar Bernardo da Veiga, porque talvez alguma analogia de situação desvairasse com excruciantes remorsos a fantasia do amigo.

O barão da Penha despediu-se de Bernardo da Veiga por alguns dias, dizendo que o chamavam negócios a Lisboa, e prometendo voltar a Cascais com a intenção de prolongar a sua residência ali, embora a terra na estação invernososa fosse intratável. Assim dava ele ao velho mais uma suspeita de desmancho de razão.

Ao mesmo tempo, o visconde de Vila Seca, instado por sua mulher, recolhera a Lisboa para dar o seu primeiro baile, e não perder a récita de abertura do teatro lírico.

O barão escreveu a Roberto Soares, chamando-o a Lisboa, se a sua família o dispensasse por algum tempo. A caligrafia desta concisa carta era disfarçada. Constantino receava que Leonor, depois de vinte e cinco anos, tivesse ainda lembrança da letra de seu marido.

Ao segundo dia, o barão da Penha recebeu, na hospedaria, uma carta dum pai de família que lhe pedia uma esmola. O portador era o suplicante. Mandou-o entrar no seu quarto, e viu um homem pobremente trajado, de cabelos brancos, e faces emaciadas pela fome.

Fez-lhe algumas perguntas sobre habilitações que tinha para ser empregado em qualquer coisa. O mendigo disse que fora mercador de panos em Braga, e falira com honra suficiente para andar mendigando. Maravilhou-se da avultada esmola que recebeu, e com ela a ordem de se vestir modestamente num armazém de fato feito, e aparecer na manhã do dia seguinte.

Pontual, como é de crer, o negociante falido ouviu o que o leitor vai ler com a sua melhor boa fé, certo de que nunca a empregou em obra tão benemérita.

– O senhor – disse o barão – tem dúvida em figurar com um nome suposto, se daí lhe não vier risco nem desonra?

– Não, senhor: eu estou às ordens de Vossa Excelência.

– Eu prometo colocá-lo em posição remediada, se executar habilmente o plano que lhe vou dar. Não me aproveito da sua pobreza para o fazer instrumento de alguma infâmia. O senhor vai ajudar-me a castigar um ladrão dos que zombam da justiça, um ladrão enobrecido pelo dinheiro roubado, enquanto o senhor, honrado na sua pobreza, estende a mão à caridade, e muitas vezes a leva aos olhos para enxugar uma lágrima que

o duro desprezo lhe arrancou...

– E quantas vezes, senhor Barão!... – disse o negociante falido.

– Pois bem. Preste a possível atenção ao que vou dizer-lhe.

O barão ergueu-se, saiu fora ao corredor a escutar, cerrou a porta da extremidade do corredor, fechou a do seu quarto, e parece que todas estas precauções ele tomou para que nós o não ouvíssemos, leitores.

Não importa. Vamos presenciar outro diálogo, sequência do mistério daquele, e, se formos espertos lograremos as cautelas do barão.

Alguns dias passados, anunciou-se ao visconde de Vila Seca um homem chamado Constantino de Abreu e Lima.

A viscondessa reparou na alteração de semblante que este nome fez nas faceiras rúbidas de seu marido. Perguntou-lhe quem era este Constantino, e ele respondeu que era filho duma pessoa da sua amizade, que morrera, havia muito tempo.

O homem, que será para nós também Constantino, foi conduzido a uma sala, onde esperou alguns minutos.

O visconde apareceu, e mandou sentar o homem, que, na mais humilde postura, pescoço acurvado, e braços pendentes, hesitava sentar-se na presença de António José.

– Sente-se, senhor Constantino. O senhor está velho de todo... – disse o visconde, atirando uma perna por sobre a outra, e cruzando os braços no peito.

– Os trabalhos, e as fomes, senhor Visconde... Vinte e tantos anos de amarguras envelhecem assim. Vossa Excelência é que está muito conservado, e deve ter mais dez anos que eu...

– Vou vivendo, vou vivendo; mas não faltam trabalhos também por cá... Grande nau grande tormenta, diz o ditado.

– Ainda bem que a nau é grande, senhor Visconde; mas quem bóia sobre uma tabuinha à mercê das tempestades, esse é que traz sempre a morte diante dos olhos. Vossa Excelência foi muito feliz; mereceu-o a Deus. Quando eu saí a cumprir sentença de degredo ficava Vossa Excelência pobre... não sei se se lembra duma carta que lhe escrevi da cadeia, pedindo-lhe que me emprestasse algumas moedas, e Vossa Excelência, nessa ocasião, sofreu bastante por me não poder valer.

– É verdade, bem me lembro; depois é que entraram a correr sofrivelmente os meus negócios. Tive um amigo que me emprestou algum dinheirito, meti-me no comércio do vinho, e fui erguendo cabeça com muito trabalho, economia, e alguma fortuna, graças a Deus.

– Graças a Deus também eu digo – interrompeu Constantino, franzindo devotamente os beiços, e fechando os olhos com seráfica piedade. – Abençoada fortuna é a sua, que enxuga as lágrimas do pobre filho do desembargador Jerónimo de Abreu e Lima. Meu pai decerto abençoará do céu a mão generosa que me foi arrancar à penúria tão longe da pátria... Beijo-lhe as mãos, senhor Visconde.

Constantino ergueu-se para tomar a mão do visconde.

– Ora adeus, deixemo-nos disso, senhor Constantino... Fiz o que pude e o que sinto é não poder fazer mais.

– O seu nobre coração pode muito mais, senhor Visconde. Venho agradecer o favor recebido, e suplicar outro de que depende a minha subsistência. O senhor barão da Penha disse-me que eu acharia em Vossa Excelência um amigo caridoso; mas eu não quero estar sempre a depender da caridade. Posso ainda trabalhar, posto que enfraquecido e acabado; porém, a vontade de ser útil à sociedade, e não importuno aos meus amigos, me dará vigor. Como Vossa Excelência sabe, o meu nome tem um labéu vergonhoso; fui condenado por falsário de documentos, e não cumpri sentença; preciso, para granjear a reabilitação do meu nome, alcançar, primeiro, a graça do perdão, aliás

estou sujeito a ser denunciado, e entregue de novo às galés de Cabo Verde; depois, preciso fazer algumas esmolas aos asilos e hospícios e confrarias para que Deus Nosso Senhor e os homens me descarreguem da obrigação em que estou com as pessoas que ofendi, já roubando-as, já escandalizando-as. Feito isto, queria obter uma posição digna do meu nascimento, valendo-me a protecção poderosa dum homem tão acreditado como o senhor Visconde de Vila Seca. Nada disto se pode fazer sem dinheiro, como Vossa Excelência sabe.

– Isso é assim.

– Alguns contos de réis havidos de empréstimo é o que eu venho pedir ao meu protector, na certeza de que peço um crédito e não uma esmola.

– É impossível servi-lo, senhor Constantino – disse o visconde enrugando a testa, num tom de zanga impetuosa. – Eu não tenho assim contos de réis para dar a quem quer fazer figura. Deixe-se de esmolas aos hospitais. O senhor o que deve é mudar de nome, para que a justiça o não persiga, e arranjar alguma cousa para ir vivendo; isto é conselho de amigo.

– Não podemos todos mudar de nome – disse a criatura do barão da Penha, sorrindo. – Vossa Excelência passou destramente de António José para visconde Vila Seca; eu, a mudar de nome, só o faria pelo processo que Vossa Excelência empregou. É justamente a isso que eu quero chegar, podendo; e não se me afigura difícil empresa, porque tenho a meu favor um princípio de vida criminosa, torpe, infame, e o mais que Vossa Excelência dirá.

– Eu não percebi... – interrompeu o visconde, enfiado, com o queixo de baixo descaído, e os olhos pasmados no sorriso petulante do interlocutor.

– Percebeu, percebeu, senhor Visconde... Não mudo de nome, é o que eu disse, e rogo de novo ao meu nobre amigo que me empreste o dinheiro necessário para me regenerar.

– Já lhe disse que não posso – tornou o visconde, afoutando-se com uma ideia animadora que o socorreu no momento. – E parece-me que esse seu modo de pedir é muito atrevido. Eu acho que lhe não devo nada... pelo contrário...

– Sou eu que lhe devo cem mil réis – atalhou o enviado do barão erguendo-se, e abrindo uma carteira. – Está pago, senhor António.

O visconde recuara, vendo ao pé da cara uma nota de cem mil réis aberta. O interlocutor, ao fechar a carteira, deixara cair ao chão a nota, e sentara-se.

Neste momento, abriu-se a porta da sala e apareceu o barão da Penha.

O visconde suave, em pé, imóvel, com os olhos pregados nos movimentos do homem. O negociante falido erguera-se. O barão da Penha cortejara o visconde, e apertara a mão do outro, dizendo:

– Veio agradecer a esmola ao seu benfeitor, senhor Constantino?

– Não, senhor, vim pagar o empréstimo de cem mil réis que recebi por via de Vossa Excelência. Eu estou quite, e o senhor Barão também o está da fiança, se a deu. Agora, sentar-me-ei nesta cadeira estofada do meu antigo criado António, e exigirei que ele me escute de pé.

– Fora de minha casa! – exclamou o visconde.

– Que palavras são essas, senhor Constantino! ? – disse o barão, simulando o mais bem fingido espanto.

– Este homem que o senhor me meteu em casa quer-me roubar! – trovejou o visconde.

O adestrado actor ergueu-se, aproximou-se solenemente do visconde, e disse-lhe:

– António, não levantes a voz de modo que te ouçam os criados, porque, antes deles te socorrerem, tenho-te eu arrancado a língua.

O visconde fitou o barão como quem pede socorro. Este olhou com sobranceria o insolente hóspede, e disse:

– O senhor que exige deste cavalheiro? Eu tomo a ofensa como feita a mim.

– Como Vossa Excelência quiser – disse o outro. – E, para que a receba completa, há-de presenciar o que vou dizer a esse miserável.

E, sentando-se outra vez, prosseguiu:

– António José, meu criado que foste, gosto ainda de ti, quando me recordo que em criança andava às cavaleiras desse robusto costado, e te picava com um aguilhão para te fazer pinotear; e tu, pacientíssimo vilão, para lisonjeares a minha criancice, rinchavas, zurravas, e davas saltos e corcovos, com que a minha mãe folgava muito, e meu pai, para remunerar-te das esporadas que sofrias com cara alegre, dava-te um colete velho. Ainda me lembro disto, António, e parece que te estou vendo a esfregar com o coco o sobrado, e eu a picar-te as pernas nuas. Que felizes tempos! Devem ser saudadas estas recordações da tua primavera, visconde de Vila Seca!

«Tu eras então um bom criado, António! Quando ias à fonte, os teus colegas admiravam a diligência com que te apressavas a encher o barril, e ainda me recordo de te ver com a cara esmurrada, porque, no excesso do teu zelo, quiseras roubar a vez de bica a outro criado.

«Tenho ainda outros motivos para que me lembres com saudades, António. Quando eu namorava uma senhora, com quem vim a casar, eras tu o portador das cartas, e não foi sem pena que eu soube de uns pontapés que meu pai te deu, quando descobrires seres tu o alcaiete. Tenho só a censurar-te a cobiça com que andaste neste negócio, porque, depois de casado, soube que tu pedias com frequência à senhora, onde eu te mandava, um patacão para beber uma pinga. Eis aqui um borrão na tua biografia, António José!»

E, voltando-se para o barão continuou:

– Acha Vossa Excelência que há nestas palavras insulto de que deva desforçar o seu amigo!? Isto é louvor e elogio, penso eu. Naturalmente não nos bateremos, acha?

O barão da Penha mal podia já sorver o riso. O negociante falido excedera a mais ambiciosa expectativa. Nem o próprio filho do desembargador saberia ferir tão certa, tão pungente a ironia, o escárnio, o sarcasmo, o ultraje fulminante. O visconde tremia, vermelho, ofegante, vertendo suor frio, que lhe coava na cara, em glóbulos como camarinhas. O pendor do queixo isso não se diz nem se imita. Era uma cousa de fazer compaixão, a compaixão do nojo, sentimento real que se experimenta à vista do infame acobardado, tolhido de corpo e alma, asqueroso até nas visagens que faz debaixo do látego do insulto.

– Senhor Constantino – disse o barão – o meu nobre amigo visconde de Vila Seca está sofrendo com essas recordações; basta de lembranças que não sei ao que vem nem de que servem.

– De que servem?! – replicou o inexorável cómico. – Estas suaves recordações são intróito doutras que vim arrancar à memória desse infame que aí está.

«António José, tu és um ladrão! Estes tremós, estes sofas, estas alcatifas, essa camisa que vestes, tudo isto é meu, António José! Restitui-me o património que roubaste a meu pai; restitui-me a minha honra sacrificada à indigência em que me deixaste; restitui-me a minha liberdade porque eu sou ainda um condenado a vinte anos de degredo. Dou-te de esmola o que tiveres lucrado em vinte e seis anos com o meu património; mas dá-me o capital, António José; dá-me o dinheiro que roubaste a teu amo, ladrão!»

O visconde levava as mãos à cabeça, e, cambaleando, dera alguns passos rápidos para sair da sala. Encontrando de frente o acusador terrível, deu um brado de socorro

que devia ouvir-se em toda a casa. O barão fizera um sinal ao negociante falido, e este saíra vagarosamente da sala. A viscondessa entrara alvoroçada por outra porta, e achara o marido debatendo-se convulsamente, espumando e barafustando, com os olhos esgazeados, sobre o sofa. Era o segundo ataque de gota.

– Que é isto, senhor Barão? – exclamou a viscondessa.

– Cousas... – respondeu ele.

– Que cousas?...

– Cousas, minha senhora... Um homem, que daqui saiu, disse palavras desagradáveis ao senhor Visconde...

Achavam-se já em redor do convulsionário os criados todos. A viscondessa instava pela explicação. O visconde, tomando a si, procurava entre os circunstantes a catadura tétrica do inimigo.

– Agarrem esse homem! – exclamou ele, fuzilando pelos olhos a fúria dum possesso. – Agarrem esse homem, que fugiu das galés...

Os criados olhavam-se uns aos outros espantados. Frenética e raivosa como seu marido, a viscondessa teimava em querer saber do barão o que o tal homem dissera.

– Eu vou contar-lhe, senhora Viscondessa, o que o homem disse. Os seus criados podem ouvir também.

Assim principiava o barão a satisfazer o anseio da enfurecida senhora, quando o visconde, aproximando-se impetuosamente dele, exclamou, pondo-lhe a mão sobre a boca:

– Não diga, não diga...

– Porque não, se sua senhora insta?!

– Deixá-la instar... não é necessário que saiba nada. Vão-se embora daqui.

Os criados saíram. O barão seguiu-os depois de fazer votos pelo sossego do seu ilustre amigo. O visconde veio ao topo da escada pedir-lhe que não contasse nada do que vira.

– Até por decoro da nossa classe – disse o barão – me cumpre calar esta vergonhosa cena. É preciso que a canalha ignore o que por cá vai entre nós, meu prezado colega. A nossa classe, entre todas, é a que mais precisa de socorro mútuo...

XV

Cuidais que sam, & nam sam
Homens, que nam vam, nem vem,
Parece que auante vam.

.....
Mente cada passo à espia,
E às horas do meyo dia
Andais entre o lobo, & o cão.

SÁ DE MIRANDA

O visconde não era homem de tragar a afronta sem despique. A ideia súbita que lhe acudira, no começo da entrevista com o fantástico filho do desembargador, encareceu-lha o medo e o ódio, depois do enorme vexame por que acabava de passar na presença do barão. Essa ideia era denunciar à justiça a fuga de Constantino de Abreu e Lima, condenado a vinte anos de degredo. Capturado como tal, não seria custoso ao visconde provar a identidade do réu, escondê-lo na enxovia do Limoeiro, segregá-lo de toda a protecção, e reenviá-lo a Cabo Verde, segundo a letra expressa do livro quinto, e leis vigentes.

Calou-se com este luminoso desígnio o visconde, e tratou de averiguar a residência de Constantino.

Na lista dos passageiros vindos do Brasil, nas próximas viagens, não se lia tal nome. Nas partes das hospedarias às administrações dos bairros também não. No governo civil procurou-se em balde o passaporte de tal sujeito.

Sem revelar o seu projecto, velhacamente rebuçado, o visconde quis tirar do barão a residência de Constantino. O barão da Penha disse que não tivera a curiosidade de indagar uma cousa inútil, e até inconveniente, porque, à vista do que presenciara, não queria mais relações com o homem petulante de quem tivera dó em Buenos Aires, e, por compaixão, recomendara.

O visconde não era requintadamente parvo. Queria ele saber como o barão combinava a miséria em que vira Constantino no Brasil com a arrogância insultante dele agora. A isto encolhia os ombros o barão, dizendo que havia cousas inexplicáveis neste mundo de absurdos.

António José, comparando estas e outras respostas com certas frases do barão, chegara a desconfiar de que este protegia encobertamente Constantino, fosse o motivo qual fosse. Então, penetrado da suspeita, recordou conversações que lhe fizeram mozza, e mais ainda na viscondessa, que muitas vezes estranhava o modo irónico e zombeteiro do barão, falando das riquezas e títulos modernos.

Não ia, porém, mais adiante o entendimento de Maria do Rosário posto que muito superior ao de António José. Delimitaram, de comum acordo, as suas cautelas a não falarem mais de Constantino diante do barão, para que se não malograssem as activas diligências que a policia fazia na peugada do falsificador de firmas.

O visconde postara espias no Rossio para espreitarem as pessoas que entravam e saiam do hotel dos *Irmãos Unidos*. Esta asneira define satisfatoriamente a policia e o visconde. Fossem lá conhecer Constantino entre quatrocentas pessoas, que entram e saem diariamente daquelle areópago, onde sempre, e agora mais que nunca, se cozinha a salvação da pátria, em redor dum lombo de boi assado! Quantas vezes o olheiro suspeitaria ser o forçado fugidiço nada menos que um Cincinnato ou Curcio?

A espionagem, porém, entrara no próprio quarto do barão. Um moço da

hospedaria fora peitado para decorar as feições dos hóspedes do barão da Penha. Baldaram-se as tentativas, e o numerário avulso com que o visconde de antemão brindara os beaguins encarregados de extirparem do seio social um cancro tão daninho; tudo inútil porque o negociante falido não visitava o barão. Mas, um dia, o visconde, ao voltar duma esquina, deu de cara com o seu homem. Atarantou-se, levou maquinalmente a mão ao chapéu, e o encontradiço correspondeu à cortesia, fitando-o com o espasmo natural de quem responde ao cumprimento de uma pessoa que não conhece.

– Eu – disse o negociante – penso que já vi o senhor, mas... não me recordo... Tem a bondade de auxiliar a minha memória?

– Pois o senhor não é o senhor Constantino?! – disse o visconde, parvamente indeciso.

– Lá me pareceu que se enganava; não sou Constantino; chamo-me Bento Pereira Farinho, sou empregado público, e um criado de Vossa Senhoria a quem desejava ficar conhecendo para o servir.

– Pois o senhor não é o Constantino que esteve há cousa de três semanas comigo?

– Eu começo por não saber quem é o cavalheiro teimoso que se chama Constantino.

– Então é o diabo por ele!

– Também não tenho a felicidade de ser o diabo, aliás teria adivinhado se o senhor está a mangar comigo.

– Então perdoará... passe muito bem.

O visconde de Vila Seca despediu-se; mas o demónio da suspeita não o deixava.

«E o mesmo tal e qual!», dizia ele consigo. «O brejeiro mudou de nome; é o que é. Se perco esta ocasião de saber onde ele mora, não o tornarei a pilhar.»

Assim preocupado, entrou numa loja de barbeiro, e ofereceu cinco pintos a quem seguisse um homem que ia cem passos distante, até ver a casa onde ele entrava. Da aresta da esquina mostrou-o ao lesto espião, dando-lhe metade da gratificação, e prometendo esperá-lo ali para lha inteirar.

O Sr. Bento Pereira Farinho granjeará no infortúnio aquela agudeza de manhoso engenho, qualidade espiritual que se afina à maneira que a matéria se quebranta e deperece à custa de jejuns. Bastou-lhe a ele relancear os olhos por aqueles que o seguiam na rua para conhecer que um, cosido com as portas, o espionava.

Farinho concebeu uma logração extravagante ao visconde.

Atravessou algumas ruas, reparando a furto na pertinácia do perseguidor; chegou à Rua da Patriarcal Queimada, e entrou no pátio de uma casa apalaçada. Através duma grade de arame, viu que a espia decorara o número da porta, e desaparecera rápido. Farinho saiu, depois, seguindo direcção oposta à do enviado do visconde.

O aprendiz de barbeiro, na embriaguez de seu contentamento, tinha esquecido o número da porta, quando chegou arquejante à loja onde o esperava o visconde.

– Viste? – exclamou este.

– Foi como um raio! Fui-lhe na peugada até o meter em casa.

– Em que rua?

– Na Patriarcal Queimada.

O visconde espantou-se da vizinhança, e replicou:

– Que diabo dizes tu!? Na Rua da Patriarcal Queimada?

– Sim, senhor.

– Número?

– Número... a falar-lhe a verdade, esqueceu-me; mas se Vossa Senhoria quer eu vou mostrar-lhe a casa.

– Então, anda lá adiante de mim, e pára defronte de tal casa.

Caminharam, até que o rapaz parou defronte da casa, que se estremava facilmente das outras, pela grandeza e asseio.

– Aqui?! – perguntou o visconde assaralhado.

– Sim, senhor, foi mesmo aí que ele entrou.

– Tu estás bêbado, rapaz!

– Não estou, não, senhor; palavra de honra, que entrou aí o tal homem.

O visconde galgou as escadas aos pulos: eram as escadas da sua própria casa! Tirou a empuxões impetuosos pelo cordão da campainha, e, ao primeiro criado que acudiu, perguntou se o viera alguém procurar.

Ainda a pergunta se comunicava aos outros criados, quando um galego de carretos entregava no pátio uma carta para o visconde, e desaparecia.

O atordoado António José meteu o dedo à obreira, e leu o seguinte:

«*António José*

Tive o desgosto de te não encontrar procurando-te, há doze minutos. Sei que me procuras, e o fim para que o fazes não pode ser sendo com a louvável intenção de me restituíres um roubo que desfrutaste vinte e seis anos. Como não tenho casa digna em que te receba, António José, abstenho-me de dizer-te onde moro, e procurar-te-ei o mais breve que possa para te desoprimir a alma do peso do remorso

Constantino de Abreu e Lima.»

– Querem dar cabo de mim! – foi a exclamação do visconde, ao atirar-se a uma cadeira, atemorizando assim a viscondessa com os prognósticos da gota. – Não há policia nesta terra! – prosseguiu ele, batendo palmadas nas pernas. – O malvado anda por essas ruas de Lisboa, e eu a gastar dinheiro para o prenderem, e não o agarram!

– Quem, meu Antoninho, quem? – dizia com gosmenta meiguice a viscondessa.

– O ladrão que nos quer roubar o suor do meu rosto, esse homem que veio insultar-me a minha casa. Não há governo em Portugal! Comem-me o meu dinheiro, e não castigam esse tratante que me veio roubar o meu sossego. Manda pôr os cavalos à sege que quero ir falar com o governador civil, com o ministro do reino, com a rainha, se for necessário!

– Não grites assim, filho, que rompes alguma veia! – atalhou carinhosamente a viscondessa.

– Deixa-me desabafar! Vou mandar vir os meus filhos para me defenderem destes ladrões. Quero uma guarda à porta da rua, visto que não há segurança, nem policia em Lisboa.

Deixemos berrar o visconde contra a policia de Lisboa, deixá-lo ir ao governador civil, ao ministro do reino, à rainha; e vamos nós a Cascais, onde temos criaturas que nos desanojem dos tédios em que nos deixa este capitulo de baixo cómico, indigno da estampa, capítulo, porém, dos mais fiéis do conto, palavra de romancista.

XVI

Infelici innocentia est felicitas.

PUBLIUS SYRUS

Considere agora qualquer de nós quantas consolações teriam...

FR. JOÃO DE CEITA (*Quadragesima*)

Depois de uma longa conferência com Bento Pereira Farinho, o barão da Penha estava, outra vez, em Cascais, hóspede, e já não inquilino de Bernardo da Veiga. Fora Isaura que o obrigara a aceitar a hospedagem com adorável astúcia.

O barão chegara adoentado, e recolhera-se à cama da sua tu lesta casinha, entregando-se ao descuidado tratamento dum criado. Soube Bernardo da Veiga o quase desamparo do doente, e convidou-o, para sua casa, com sincero interesse. O barão não aceitou. Saiu o velho, e voltou com Isaura. Isaura disse ao barão que era a sua enfermeira, e ele tomou o dito como gracejo. Não era gracejo, não. Isaura ministrava-lhe o remédio, cuidava-lhe dos caldos, aconchegava-lhe a roupa nos frios da febre. O enfermo fitava-a com os olhos rasos de lágrimas e encarecidamente lhe pedia que não levasse a sua caridade ao extremo de velar as noites sentada numa cadeira aos pés do leito.

– Há um só meio de eu descansar – dizia ela. – Faça Vossa Excelência a vontade a meu pai; venha para nossa casa.

Apenas convalescente, o barão da Penha passou para casa de Bernardo da Veiga; os desvelos de Isaura não foram, contudo, alternados pelos desvelos doutra pessoa: era sempre ela a enfermeira do barão.

– O coração deste anjo abrange a felicidade de nós ambos – disse o convalescente ao velho fidalgo. – Deixe-a ser minha amiga, senhor Veiga, que eu preciso deste orvalho de amor na aridez do coração, para me sentir viver de algum sentimento mais nobre que a vingança.

– A vingança! – interrompeu o velho.

A vingança é a minha história; mas a minha história só pode ser contada e julgada depois de concluída. Fujo de que ma saibam as almas boas para que me não reprovem o plano de vingança em que me regozijo diabolicamente, em que saboreio as voluptuosidades do ódio.

– Que estranha linguagem é essa, senhor Barão!! – atalhou o velho, receando o acesso da suspeitosa mania. – Vossa Excelência pratica virtudes que desafinam dessas doutrinas. A vingança é paixão própria das almas pequenas... Há-de-me contar a sua vida, quando estiver restabelecido, se eu lhe merecer confiança

– É cedo para que me conheça, senhor Bernardo da Veiga. Tenho mulher, que não vi há vinte e cinco anos, que durante vinte e cinco anos julguei morta, e morto me julgou: pois, meu amigo, dir-lhe-ei que minha mulher ignora ainda que eu vivo, e há-de só ver-me e reconhecer-me depois que eu tenha arrancado do coração o espinho que me não deixaria gozar um instante de sossego. Tenho um filho, senhor Veiga; já abracei esse filho, que me não conhece, ouvi-o contar as angústias de sua mãe, durante o meu desterro, ouvi-o falar de seu pai, como dum ente desgraçado que morrera herdando-lhe um nome ignominioso; violentei o coração a apertar-se no peito, e afastei-o de mim para me não denunciar. Compreende a agonia desta repulsão? É que eu temo sucumbir às

lágrimas de minha mulher. Sei que ela, por amor de Deus e de mim, seria a protectora do verdugo de nós ambos; sei que a presença de mulher e filho me afrouxariam o braço vingador, e eu, abjecto e sem brios, esqueceria a minha desonra. Estive vinte e cinco anos sem mulher, nem filho, afiz-me ao horror da solidão moral; assim viverei mais algum tempo até que possa mostrar-me aos meus sem o ferrete infamante com que me apartei deles; esse ferrete, porém, só pode ser lavado com o sangue dum homem...

– Que é isso, barão! – exclamou Bernardo da Veiga, obrigando o barão suavemente a encostar-se aos travesseiros, porque, gesticulando vertiginosamente, se firmara sobre os joelhos.

– Ora vamos... descanse... não se agite assim. Se continua, deixo-o sozinho para não ter quem o escute. Quando estiver bom, falaremos muito na sua vingança. Está proibido de me dizer mais nada da sua vida.

– E que lhe tenho eu dito da minha vida?... – tornou serenamente o barão. Nada; quase nada; mas esse pouco era mister dizê-lo para que o meu amigo não julgue tendências a loucura o que desgraçadamente é pior, muito pior... Principiei a falar neste anjo com tanta doçura – prosseguiu o barão, fitando Isaura que vinha entrando no quarto e logo o fel das más paixões me azedou as palavras...

– Falavam em mim? disse Isaura com graça e meiguice. – Que diziam? Que eu sou boa enfermeira?... Então, não respondem? O pai está triste, e o senhor Barão tem olhos de chorar! Que foi?

– Nada foi, menina. Fui eu que pedi a seu pai um bocadinho do seu coração; queria que também fosse minha filha...

Pois sim – tornou ela sorrindo em toda a ingenuidade de sua inocência. Quero também ser sua filha. São dois pais que me adoptam, sim?

Este colóquio, suavemente triste, foi interrompido pelo escudeiro, anunciando um sujeito de Lisboa, que desejava falar ao fidalgo.

Bernardo da Veiga encontrou na antessala um homem desconhecido.

Não me lembro de ter visto o senhor... – disse ele.

Decerto não: eu também não conhecia pessoalmente Vossa Excelência. O meu nome é obscuro, mas ainda assim di-lo-ei para Vossa Excelência me inscrever no número dos seus criados. Chamo-me Bento Pereira Farinho. A comissão, porém, que venho desempenhar é de alguma importância como Vossa Excelência vai saber.

Farinho abriu uma carteira, e prosseguiu, revezando a vista em Bernardo da Veiga e numa lauda da carteira, escrita a lápis:

– Conheceu Vossa Excelência Pedro Leite de Mendonça, juiz de fora que foi de Cascais há vinte e seis anos?

– Conheci – disse Bernardo da Veiga, mudando instantaneamente de semblante prazenteiro para carrancudo.

– Em casa de Vossa Excelência estava nessa época uma órfã, chamada Isabel, filha dum militar que morreu na batalha do Vimieiro.

– Exactamente.

– Essa menina fugiu com Pedro Leite de Mendonça para o Porto, onde ficou, por morte dele, com uma menina chamada Isaura. São exactos os meus apontamentos, senhor Veiga?

– São, sim, senhor.

– A menina ficou universal herdeira de seu pai; mas apareceu um outro testamento que a deserdava.

– Um testamento falso.

– Certamente um testamento falso. Sabe Vossa Excelência a totalidade da herança roubada a essa menina?

– Avaliavam-na em cinquenta mil cruzados.
 – Existe essa menina chamada Isaura?
 – Está comigo.
 – Terá Vossa Excelência a bondade de lhe anunciar que se acham depositados em mão dum capitalista, residente em Lisboa, cem mil cruzados, herança paterna, com o juro legal de vinte e seis anos pouco mais ou menos.
 – Como?! – exclamou o velho.
 – É restituído um roubo à filha de Pedro Leite.
 – Restituído! Por quem? Pelos parentes de Pedro Leite?
 – Não, senhor; pelo falsificador do testamento, pelo homem a quem os herdeiros pagaram a habilidade de imitar a assinatura do testador, do tabelião, e das testemunhas.
 – E esse homem está hoje nas circunstâncias...
 – De restituir? A prova é que restitui.
 – E é possível saber-se o nome desse homem tão digno de que a sociedade o reabilite?
 – A sociedade não reabilita, nem inabilita, senhor Veiga. O cavalheiro, que restitui um roubo de que ele foi mero instrumento, geme sob o peso da condenação social, e, todavia, não quer regenerar-se pela absolvição dela. Se se reabilita, da consciência e para a consciência o faz. Resta-me dar a Vossa Excelência a carta, ou ordem, com que deve apresentar-se em Lisboa ao capitalista em cujo poder está o património da senhora Dona Isaura. Ei-la aqui.

Bernardo da Veiga recebeu a carta, e, ao ler o nome, fez um trejeito de espanto, informando-se de novo.

– É impossível – murmurava ele – é eu que não vejo bem, e não tenho os meus óculos aqui.

– Eu leio, se Vossa Excelência quer – disse Farinho.

– Faz favor?

– *Ilustríssimo e Excelentíssimo senhor bardo da Penha, residente no Hotel dos Dois Irmãos Unidos, Praça do Rossio – Lisboa.*

– Este cavalheiro está em minha casa! – tornou o fidalgo, cravando em Farinho os olhos espantados.

– E notável a coincidência! Nesse caso, queira Vossa Excelência apresentar-lhe essa carta para eu levar ao meu constituinte a certeza de que foi aceito o encargo.

– Quer Vossa Senhoria entrar comigo ao quarto onde ele está?...

– Prontamente.

– Isto parece-me um disparate! Pois ele está em minha casa, sabe que este dinheiro está em seu poder, sabe que a menina herdeira está comigo, e não me diz nada?

– São reparos bem postos, senhor Bernardo da Veiga; mas só o Excelentíssimo Barão poderá desvanecê-los. Eu recebi esta comissão de pessoa, que não me deu mais explicações que os apontamentos de que fiz uso.

Tinham entrado no quarto do barão. Isaura estava, ao pé do leito, coroando uma jarra de camélias. O doente, sentado, parecia entretido a examinar as pétalas aveludadas duma rosa.

Farinho cortejou Isaura, e depois o barão, que lhe correspondeu cerimoniosamente como a pessoa estranha.

Isaura ia retirar-se, e Bernardo da Veiga disse-lhe que não saísse.

– Minha filha – continuou ele – este senhor traz de Lisboa esta carta, que eu te entrego, para tu a entregares à pessoa para quem vem. Isaura leu o sobrescrito, e entregou-a. O barão abriu, e leu em voz alta:

«Ceará 12 de Julho de 1850

Meu amigo

A pessoa que te entregar esta carta darás cem mil cruzados, que lançarás em minha conta, mio reparando na simplicidade da ordem, porque todos os prévios esclarecimentos terão sido tomados, de modo que não deva haver dúvida na entrega.

Teu de todo o coração,

Constantino de Abreu e Lima.»

– Ali tem Vossa Excelência a razão – disse Farinho a Bernardo da Veiga – porque o senhor Barão lhe não disse que era o depositário de tal dinheiro, ainda agora sabe que o é.

E pago a ordem quando a senhora Dona Isaura quiser – disse o barão.

Está cumprido o meu mandato – tornou Farinho.

– Retiro-me já, e recebo as ordens de Vossa Excelência. O barão cortejou segunda vez com o mesmo ar de cerimoniosa gravidade o Sr. Farinho, que saiu, recusando os hospedeiros oferecimentos do fidalgo.

– Que impressão te faz isto, Isaura? – disse Bernardo da Veiga.

– O quê, meu pai?

– A restituição do teu património dobrado do que era, pois não entendeste, filha?

Entendi; mas... a impressão que me faz não merece notar-se. Eu não me sinto mais triste nem mais alegre. Se o pai me disser que o meu património lhe serve de alguma cousa, então estimo a noticia; se não, que me importa a mim o dinheiro?

Mas se te eu disser – replicou o velho – que a restituição do teu património te é feita pela pessoa que o não roubou?

– Isso é original! – acudiu o barão.

– Quem restitui é o indivíduo que falsificou o testamento, e não os falsos herdeiros.

– Entendo que é justa a restituição. Sem os serviços do falsificador não se perpetraria o crime – disse o barão.

– Mas que nome se há-de dar a este homem?

– Ladrão contrito.

– Não diga isso, senhor Barão – atalhou Isaura – essa palavra é cruel na sua boca; e seria da nossa parte feia ingratidão consentir que se injuriasse assim um sentimento bom. Eu antes quereria toda a minha vida ser pobre, se este dinheiro há-de vir ser causa de se recordar um crime, do qual o menos culpado foi o infeliz que hoje se purifica. Eu perdoar-lhe-ia sem a restituição, porque me não veio da falta da riqueza algum mal. Se minha mãe sofreu fomes, a santinha está no céu, e perdoou já. Eu tenho sido sempre feliz com o meu pai, e Deus sabe se a pessoa, que me manda este dinheiro, trabalhou toda a sua vida para restituir o que não me tirou. Olhe, meu pai, vou-lhe pedir com todo o meu coração um favor...

– Diz, menina.

Não queira esse dinheiro, tornem-no a mandar ao homem, e digam-lhe que eu sou tão feliz que rejeitei uma cousa que me não serve de nada. Faça-me isto, sim?

Bernardo da Veiga pusera os olhos no barão, como se lhe perguntasse: «Deverei eu fazer o que ela diz?» O barão, desviando a custo os olhos lacrimosos de sobre o rosto angélico de Isaura, disse a Bernardo da Veiga:

– Meu bom amigo, deixemos falar o anjo as suas palavras do céu; mas a nós, homens do mundo, incumbe dirigir-lhe os passos. Se o homem que me ordena entrega deste dinheiro é o que assina a carta, posso afirmar que ele é rico, muito rico, para poder sentir a falta desta parcela. Eu continuo a ser o depositário do património da minha enfermeirazinha.

XVII

Quem das lições do tempo, e da ventura
 Não aprende, que o bem todo é mudança,
 E só meta da vida a sepultura?

FR. ANTONIO DAS CHAGAS (*Elegia I*)

L'ange de la mort vient de passer. Ila cuelli l'âme du juste en passant.

EUGÉNE PELLETAN (*Profession de foi*)

Parecia rejuvenescer de contentamento o bom do velho fidalgo de Cascais.

Queria ele que todos celebrassem a boa fortuna de Isaura, com graças a Deus, e louvores contínuos ao honrado homem que tão liberalmente segurara o futuro da órfã.

Zangava-se puerilmente da indiferença de Isaura, dizendo que era mais soberba que outra cousa desconhecer ela o valor dos fartos meios que a Providência lhe deparara.

Se o barão não dizia com ele elogios a Constantino, aí estava logo o velho acusando a insensibilidade da nova geração, avantajando-se com os seus oitenta e quatro anos para repreender os quarenta e nove do hóspede.

Aqueles oito dias seguidos à visita de Farinho foram de festa mais para os pobres de Cascais que para o solar dos Veigas. De escadas acima, notou o barão uma só novidade: era o vestido novo do velho escudeiro; mas no pátio do palácio é que estava a diferença; a pobreza, que pouco e pouco se afastara, viera de novo; os filhos dos pescadores, os velhos, e as viúvas apinhavam-se em redor do mordomo, dizendo-lhe que a menina os chamava da janela. Bernardo da Veiga folgava com a caridade de Isaura, e dizia-lhe sorrindo que não se esquecesse de que o seu património estava ainda por mãos alheias, e bom seria não espalhar os recursos certos. O barão, porém, afervorava a caridade da sua enfermeira, dando-lhe dinheiro, e nomeando-a sua esmoler-mor, com o que todos riam, e faziam sorrir as viúvas, os velhos, e os orfãozinhos, quase nus, dos pescadores mortos no mar.

O barão convalescera, e pedira a Bernardo da Veiga irem todos passar o Inverno a Lisboa. Isaura afeiçoara-se tão filialmente ao hóspede que o só temor da separação por muito tempo a animou a vencer a resistência do velho, que fizera em 1833 juramento de não tornar à corte.

Estava apazado o dia da partida. Dois dias antes, porém, Bernardo da Veiga ergueu-se tarde, contra os seus hábitos madrugadores, e queixou-se de mal-estar, e profunda melancolia. Acudiram logo os carinhos e chistes de Isaura, mas a tristeza do velho, pela primeira vez, estava sendo indócil à magia dum sorriso dela. O barão discorria sobre assuntos graves para o acordar do torpor moral: inútil tudo. O velho, pendendo a veneranda frente para o peito, mostrava sofrer com os desvelos de ambos.

Entrou uma suspeita injusta no espírito do hóspede. «Receará ele», dizia o barão consigo, «que eu me senhoreie do coração de Isaura? São dolorosos os ciúmes dum pai, que subiu com o seu amor até ao fanatismo intolerante. E não há pai que ame tanto como este velho ama Isaura.»

Se Bernardo da Veiga adivinhasse o intimo pensar do barão, não diria resposta mais ajustada à suspeita injusta:

– Meu amigo – disse ele na ausência de Isaura. – Eu tenho oitenta e quatro anos. Esta melancolia é o aviso da morte que chega.

– Que ideia, senhor Veiga! Por quem é, seja superior a esse medo...

– E eu disse-lhe que era medo isto?! – tornou, sorrindo, o velho. – Medo, não, meu amigo. Saudade pode ser, porque a melhor época da minha vida foi a velhice, deu-me Isaura, acarinhou-me ao seio como quem afaga uma criança..., e custa-me deixá-la, custa-me muito, porque vivíamos um do outro; ela encostava-se a este arrimo quase partido, e eu parece que ao pé dela sentia degelar-se o sangue, e reverdecer o coração...

O velho chorava, e soluçava, o barão, querendo consolar, denunciava a comoção no tremor da voz, incitando com isso maior abalo no ânimo do velho. O que fizeram foi apertarem-se com estremecida simpatia as mãos; e assim permaneciam, mudos e como assombrados, quando voltou Isaura.

– Choravam?! – exclamou ela. – Que foi, meu pai? Que foi, senhor Barão?

– Melancolias de velhos... – disse o hóspede. – Horas escuras da vida, em que tudo nos avulta sombrio e triste. Este respirar de lágrimas é preciso, depois que a felicidade nos enche a alma. E assim tudo, menina. Temos tido dias de muita paz e alegria; nós, os velhos, pagamos agora, e Vossa Excelência pagará mais tarde...

– Não lhe diga isso, coitadinha! – atalhou Bernardo pondo nele os olhos enternecidos.

– Mas então... isso há-de durar muito assim? – tornou ela com alegre semblante.

– Pergunte-o a seu pai que me fez também triste... – disse o barão, forçando o riso.

– Meu pai! Venha comigo, venham ambos ver os arranjos da nossa partida. Quer que eu ponha no baú toda a sua roupa? Aquelas casacas de seda não vão, não? Tomara eu ver o meu papá com os calções de cetim escarlate, e a casaca amarela de portinholas! É verdade... as suas três comendas vão?

Bernardo da Veiga tomou a mão de Isaura, levou-a ao coração, e murmurou, sufocado:

– O mal é verdadeiro, filha. Vou-me deitar...

– Deitar! – exclamaram Isaura e o barão.

– Deitar, sim; parece que já não tenho pernas, nem braços. Começa a doer-me muito a cabeça, e sinto náuseas do estômago. A minha tristeza é doença, meus amigos. É um protesto da morte contra os meus oitenta e quatro anos.

À palavra morte, Isaura soltou um ai vibrante, um grito de surpresa, que a deixou pálida, branca, e esvaecida. Dir-se-ia que nunca o susto de perder o velho a saltara; que era essa a primeira vez que a ideia estranha da morte lhe vinha disputar a vida do seu amigo.

A vertigem de Isaura espertou o velho. Ergueu-se da cadeira a tomá-la dos braços do barão, em cujo ombro encostara a face. Isaura sentiu-o, e lançou-lhe os braços ao pescoço. O barão amparava-os, porque as pernas de Bernardo vacilavam sob o frenético abraço de ambos.

Muitas lágrimas ali correram, e com elas saiu dos corações a alegria que os embriagava, momentos antes.

O facultativo da vila, e médicos de Lisboa rodearam o leito de Bernardo da Veiga. De mais longe ainda correram os parentes sucessores do vínculo, avisados por pessoa prevenida, e esses fitavam Isaura e o barão com ar de desconfiança. O doente, quando os viu, disse-lhes:

– Podeis recolher a vossas casas, meus sobrinhos, que não há aqui quem vos usurpe uma rodilha da herança. Aquela é a minha Isaura, a quem deixo o coração; a vós lego-vos a terra; a que eu preciso são oito palmos que não serão medidos em chão vosso. Deixai-me, pois; ide, e voltareis a erguer estes lençóis ainda quentes do meu cadáver.

Os sobrinhos vexados não ousaram responder. Saíram de Cascais para Sintra,

esperando aí a notícia do trespasse.

Entretanto a medicina dava esperanças às perguntas aflitivas de Isaura; não as dava, porém, ao barão da Penha.

Subia de ponto a angústia deste homem tendo de consolar a atribulada menina com a quase certeza de que era infalível a desgraça! Bernardo conhecera a morte, desde a turbção de tristeza que o surpreendera. Aquelas compungidas saudades da vida converteram-se, depois, em aspirações para a eternidade. A mão da Providência conduzira-lhe à cabeceira do leito o anjo da resignação: que a paciência do enfermo é a certeza da morte. Os temores e os horrores do fim acabam quando a autora do dia eterno luz os primeiros fulgores no semblante do justo em agonias. Esse esquecimento da vida, ainda aos mais amantes e favorecidos dela, é obra de Deus.

Sereno e conformado, quando as ânsias acalmavam, Bernardo da Veiga conversava com sua sobrinha no termo próximo da longa existência dele, prometendo-lhe guiá-la em espírito, porque havia de pedir ao Senhor, pelos merecimentos dela, que o deixasse ser seu pai, até se reatarem, na eternidade, as almas separadas por fugitivos momentos.

Uma vez, chamando para ao pé de si e dela o barão da Penha, disse o enfermo:

– Senhor Barão, eu entrego-lhe a minha Isaura, mas havemos de ser ambos os seus directores, enquanto os meus conselhos forem bem acertados para a ventura deste anjo.

Isaura, sufocada por soluços, fugira de ao pé do leito. Bernardo da Veiga, sossegado e calmo, continuou:

– Eu andei esquecido de que havia de morrer. Nunca pensei maduramente para onde iria esta senhora, logo que eu fechasse os olhos. Tencionava, à hora da morte, chamar os meus herdeiros, e pedir-lhes uma mesada para a sustentação dela num convento. Agora, não o faço, que ela não precisa; e, se precisasse, parece-me que pediria essa esmola a um estranho, e esse estranho... seria o barão da Penha... Acertaria eu, meu amigo?

– Oh senhor! – murmurou o interlocutor, tomando-lhe a mão, e levando-a aos beiços.

– Não me enganava, bem o sei. Agora, o que lhe digo é que a dirija. Pediu-me um bocadinho do coração de Isaura, lembra-se? Não pode ser doutro o coração dessa criatura que o céu me emprestou. Se Vossa Excelência fosse solteiro, dir-lhe-ia: «Seja seu marido e pai.» Assim, seja o que pode ser, verdadeiro pai... case-a com seu filho... Verá... verá que leva à sua família o condão da felicidade doméstica, o anjo da paz, o conforto da sua velhice como o foi da minha... Responda-me alguma cousa, Barão... Parece-lhe extravagante o meu pedido?

– Extravagante, não; mas poderá meu filho fazer a felicidade de Isaura? Não sei, não o conheço, senão de dias; não o vi nascer, encontrei-o homem de vinte e cinco anos, e ignorava a sua existência. Estudá-los-ei, examinarei as sensações de ambos ao avizinhá-los, e, se meu filho for digno dela, será seu marido; e, se não for, ela continuará a ser minha filha.

– Não posso exigir mais nada, meu amigo. Entrego-lha desde já... Vá procurá-la, que ela saiu chorando. Anime-a, engane-a, e afaste-a deste leito, quando vir que a última hora está perto.

O barão foi sublime em confortos. O enfermo respondia sempre:

– Conforte-a a ela... a mim não, que não preciso.

Recrudescia a moléstia de hora a hora. A medicina raras vezes tivera evasiva tão segura para desculpar-se: a doença eram oitenta e quatro anos; e o mais hábil dos assistentes dizia que não mortificassem o enfermo com medicamentos inúteis.

Bernardo da Veiga pediu os Sacramentos, e recebeu-os com alegria e fervor. Dum quarto remoto saíam, durante esse acto, gritos penetrantes. Era o gemer de Isaura, que, na vertigem da febre, se debatia entre os braços do barão, querendo correr ao quarto do moribundo.

Consumados os extremos socorros da religião, Isaura entrou no quarto, encostada ao braço do barão. Ia serena. Foi ajoelhar-se ao pé do leito. O enfermo abriu os olhos, vira Isaura, estendera-lhe a mão descarnada, e dissera:

– Estou bem; a morte só assusta os vivos. Não chores, filha... Vou agora; tu irás amanhã.

E cerrou as pálpebras, tingidas de roxo; cruzou as mãos sobre o seio, e murmurou palavras ininteligíveis.

Isaura orava. O barão fincara os cotovelos aos pés do leito, e escondera o rosto entre as mãos. Soou o toque das Avé-Marias. Bernardo da Veiga disse:

– O anjo do Senhor anunciou...

O barão ergueu-se, ergueram-se-lhe também os cabelos em fervor religioso, e pôs as mãos. Isaura já não orava; caíra com a face sobre a borda do leito, gemendo convulsamente. O moribundo pôs-lhe a mão no ombro, e inclinou a cabeça sobre o ombro esquerdo para contemplá-la.

Moveu os lábios; mas a mudez da morte começara por eles, quando o coração falava ainda.

O barão aproximou-se. Bernardo fitou-o com olhos torvos e quase apagados já; deles, desceu-os sobre Isaura: era a derradeira expressão, a derradeira súplica, a favor dela. O barão compreendeu-o, e disse, soluçando:

– Sim, sim.

Ao longo da face direita do agonizante escorregava uma lágrima. Iam apagados nela os últimos raios luminosos daquela vida. Houve um tremor de instantes no leito.

Entrava então o padre para ajudar a bem morrer quem vivera sempre bem.

– Não há aqui um crucifixo? – disse ele com solene espanto.

Tem-no ele na alma – disse o barão.

O padre abriu o ritual, e principiou a recitar, sem unção nem majestade, palavras decoradas.

– Pode calar-se que ele já o não ouve – disse o barão. Isaura ergueu-se dum ímpeto, com as mãos travadas nos cabelos que lhe caíam soltos sobre as espáduas, e, clamou:

– Levai-me também, meu Deus!

Ao cair, como fulminada, receberam-na os braços do barão.

XVIII

Amamos cousas boas, porém de amor mal intencionado.

SANTO AGOSTINHO

É defeito e torpeza não saber amar.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

O amor da formosura é um esquecimento da razão.

SÃO JERÓNIMO

São santos de mão cheia os três santos das epígrafes.

Não sei qual deles dá margem a discursar mais encomiasticamente do amor.

Eu creio em todos os santos e santas da corte do céu, como todo o fiel católico, desde o bispo de Roma até ao sacristão da minha freguesia; mas, se não há heresia nisto, direi que, nas legiões luminosas das almas bem-aventuradas, sobreluzem-se os três santos que citei com mais devoção, e com mais crítica, se me toleram a imodéstia, que um pregador alfarrabista.

O dito de Santo Agostinho é de um homem experimentado, antes de ser santo. As *Confissões* do bispo de Hipona são livro clássico em cousas do coração humano. Este santo, e o diabólico Jean-Jacques Rousseau são os meus praxistas de maior conta, no secreto da alma. *Amamos cousas boas, porém de amor mal intencionado*. O santo reprova a intenção ruim do amor; mas às cousas amáveis chama ele boas. O intento maligno, porém, não pouca o valor do objecto amado: saber amar com pureza de alma o que as intenções impuras danam e abaixam, é o amor encomiado por Santo Agostinho. Atido a opinião tão grada, eu, humílimo pecador, afouto-me a dizer que o amor das poucas cousas boas deste mundo é o supremo atributo da racionalidade.

Mas... *o amor da formosura é um esquecimento da razão*, diz São Jerónimo.

Aqui é que eu queria ver como os dois doutores da Igreja se avinham! As *cousas boas* de Santo Agostinho são precisamente a *formosura* de São Jerónimo, porque, neste planeta, cousa boa há uma só: é a formosura. Ora, meu devoto padre São Jerónimo, se o amor da formosura tolhe as faculdades intelectuais, este mundo é um hospital de doidos, e eu pendia há muito para tê-lo nessa conta, sem poder de golpe apontar a causa desta universal demência em que doidejamos todos.

Valha-nos, porém, no último juízo, a desculpa que nos tribunais da terra absolve os loucos, irresponsáveis de acções onde o arbítrio não governa. E, se a humanidade for indeferida sem a justificação de loucura, resta-lhe ainda o patronato de São João Crisóstomo, que disse: *É defeito e torpeza mio saber amar*,

Isto é que é ser santo em Deus sem desatar os liames que mutuam as afeições humanas. Não se ala a mais alto engrandecimento o panegírico do amor! Defeituoso e torpe é o que não sabe amar; o mesmo é dizer aleijado e asqueroso o coração que não ama. Fica sendo São João Crisóstomo o meu sane articular; respeito muito mas não adopto a doutrina de São Jerónimo; e, finalmente, faço votos por que as intenções amorosas dos meus leitores sejam sempre honestas e limpas como as aprova Santo Agostinho, admirador das cousas boas.

Limpas e honestas eram as intenções de Roberto Soares...

Quais intenções de Roberto Soares? – pergunta o judicioso leitor, franzindo o

sobrolho, onde eu descobro gosto, e não vulgar inteligência de romances bons. E justa a zanga, e não me hei-de queixar se a mão que folheia este livro o lançar de si com enojamento. Eu faço isso a muitos livros, e nesse ponto, sou horaciano puro:

...*hanc veniam petimusque damusque vicissim,*

mormente, se embico em citações latinas, e outras que tais mexurufadas de erudição, que esfriam o anseio de ler a novela, sem paragens enfadonhas.

Isso é assim; vou emendar-me, e pedir aos três santos, a cujo respeito discorri miríficas observações, me alcancem a indulgência de que se faz credora a minha humildade, e a atenção que pedem os escritos desta marca.

Ora, pois.

Decorridos oito dias, após o trespasse de Bernardo da Veiga, saíram de Cascais para Lisboa o barão da Penha e Isaura. Esse espaço fora preciso à inconsolável senhora para se refazer de ânimo, a cada instante quebrantado por desmaios, torrentes de lágrimas, e exclamações. Estas eram umas vezes maviosas como se o espírito do finado amigo lhas animasse com promessas de voltar ao mundo; outras vezes, enfurecidas como se o anjo ímpio do desespero lhe coasse na alma as fúrias da descrença noutra vida melhor.

Muito pôde então a palavra paternal do barão, cujo alto espírito se envidava em tudo que era conforto de união religiosa, porque os gelos da paciência filosófica azedariam mais a saudade da singela menina.

Isaura apeou à porta de uma família distinta de Lisboa, já prevenida para recebê-la. Rodearam-na quatro meninas, e a mãe destas; quiseram enxugar-lhe as lágrimas com mil carinhos estéreis, e cuidaram em divertir-lhe o espírito do doloroso recolhimento.

Isaura, a cada instante, perguntava pelo barão; ao longínquo rumor de passos sofrea o respiro para escutar.

– Será ele? – perguntava ela às senhoras com infantil candura. – Por quem são, mandem-no chamar; façam-me este bem – continuava ela, desenganada da sua esperança.

O barão viera algumas horas depois, e disse a Isaura:

– Está tudo pronto; quando a menina quiser entrar no convento...

– Hoje, se o meu amigo quiser.

– Já hoje?! – exclamaram as senhoras.

– Pediu-me ela esta pressa – disse o barão – e eu não lhe recuso o que lhe julgo necessário. Esta menina – prosseguiu ele de modo que o não ouvisse Isaura – não cede a consolações ordinárias; precisa consolar-se sozinha à custa de consumir a saudade em lágrimas; é profundamente religiosa, e o convento dar-lhe-á o remanso da oração, que é o desafogar-se mais grato da alma.

Alguma das maravilhadas senhoras disse, lá no seu ilustrado interior, que Isaura era idiota. Outra notou-lhe grosseria, e um como desprezo pelos carinhos que lhe fizeram. Outra, mordida em chaga aberta por ciúme, dizia às irmãs que o barão a recolhia no convento para a esconder dos rivais menores de cinquenta anos. A mãe destas virgens, virgem também, penso eu, para todas serem virgens, dizia que havia de informar-se da natureza das relações que ligavam o barão à dolorida menina; e, se as informações fossem desairosas, havia dizer-lhe a ele que a sua casa não hospedava virtudes equivocadas. Respeitável família a todos os respeitos!

Recolhida ao convento Isaura, e confiada ao amor sem denguiques da veneranda prelada, o barão da Penha entrou nos *Irmãos Unidos* onde era esperado, havia dez dias, de Roberto Soares.

O filho de Leonor queria dar miúdas contas do que fizera em bem de sua família, e, obedecendo às instâncias dos seus, tentara em vão beijar as mãos do benfeitor.

O barão ouviu-o com semblante alegre. Interessavam-no as miudezas daquela metamorfose. Queria saber se os médicos julgavam curável a paralisia de Leonor. Se o cego tio de Soares queria ir a França consultar os oculistas célebres. Se Helena era uma amiga bem extremosa da irmã. Se a alegria entrara com a abundância no coração desoprimido de todos. Se Leonor estava ansiosa por ver o homem que tivera o prazer de beneficiá-la.

Estas horas de expansão e contentamento correram ligeiras.

O aspecto do barão demudou-se em triste e contemplativo. Estranhou-o Roberto Soares, que nunca assim o vira.

– Está sofrendo, senhor Barão? – disse o filho de Leonor no tom verdadeiro da amizade.

– Estou sofrendo, sim... Eu sofro agora, e logo, e sempre.

– Com motivo?

– Sim, com motivo; eu não sofro de imaginação, senhor Soares... Tem pena de mim?

– Tenho pena de mim, por não poder dar-lhe alívio...

– Obrigado, meu amigo; o alívio dos meus pesares depende de mim só. É preciso depurar este coração de muito veneno que lá há: há-de-me ser muito dolorosa a cura, mas tenho ânimo bastante para tentá-la. Já que estamos em assuntos tristes – prosseguiu o barão – dir-lhe-ei que tenho uma filha adoptiva.

– Uma filha adoptiva?! Deve ser um anjo, e um anjo sem risco neste mundo, com protecção tão eficaz.

– Foi-me legada por um amigo a cuja morte assisti em Cascais; este recebera-a duma desgraçada que lhe morreu em casa; sem ter pai, a órfãzinha mereceu dois pais à Providência. Trouxe-a comigo, e fi-la entrar num convento. Amanhã vou vê-la, e Roberto, se quer conhecer a minha filha, irá comigo. Verá que não errou o palpite, denominando-a anjo. Anjos chamam os senhores poetas a todas as mulheres; o meu amigo me dirá depois que nome a estafada musa há-de inventar para a minha Isaura.

– Chama-se Isaura?

– É um nome oriental, não é?

– Não é vulgar.

– Aposto eu que a sua imaginação está namorada do nome?

– Estou-a amando, não de fantasia, mas de coração, meu amigo, e meu pai... deixe-me também dar-lhe este nome, porque minha mãe me rogou muito que o chamasse meu pai, e a Vossa Excelência suplicou a graça de me aceitar como filho... Estou amando Isaura, dizia eu, como amaria uma filha do benfeitor da minha família. Não posso pintar-lhe com outras palavras a afeição que sinto a essa menina, que mereceu a sua estima.

O barão apertou ao seio Roberto Soares, e disse:

– Pois sim, sejam ambos meus filhos, já que nenhum pode proferir o nome do verdadeiro pai. Faz-me dó a situação de ambos! Ela, se a caridade lhe não desse um pai, poderia lembrar-se do que a natureza lhe dera como de um progenitor do seu infortúnio; o senhor Roberto, se se recorda de seu pai, deve sentir o calor da vergonha na face.

– Não sinto, senhor Barão – disse Soares com altivez.

– Não sente!?! Esse orgulho é cínico! Pois seu pai não foi um desses homens que a sociedade repele de si?

– Já contei a história de meu pai a Vossa Excelência. A sociedade foi quem o perdeu, quem o convidou à infâmia, para o repelir depois. Meu pai não foi mau, foi

desgraçado. A justiça condenou-o, ele foi cumprir sentença; creio, senhor, que se ele viesse hoje à pátria, teria nojo de apertar a mão a alguns poderosos e nobres que não foram ainda, nem já agora irão, cumprir vinte anos de trabalhos para os presídios de África. Perdoe-me Vossa Excelência o azedume destas palavras... O senhor Barão, sem querer, rasgou uma ferida que os meus próprios inimigos têm respeitado.

O barão lançou-se impetuosamente aos braços de Roberto Soares, exclamando com as lágrimas duas a duas na face:

– Perdoe-me, que eu amo-o como se fosse meu filho, e um pai tem liberdades que um bom filho perdoa.

A delonga de semelhante situação destruiria os planos de Constantino de Abreu e Lima. Por mais de uma vez, conteve ele o grito do coração que se convertia nos lábios em palavras de ternura. O barão, receando sucumbir, pretextou a necessidade de descanso, pactuando a visita a Isaura, no dia seguinte.

Lembremo-nos de que a filha adoptiva de Bernardo da Veiga não sabia que o barão da Penha tinha um filho. O velho ouvira a revelação fugitiva do hóspede; mas guardou-a em si, para não despertar a curiosidade de Isaura, a quem essa revelação faria pensar cousas inconvenientes à sua inocência. O que se dissera à cabeceira do leito do enfermo, acerca da perspectiva dum casamento, ignorava-o ela, e, ignorando-o, entrou no mosteiro. Viu depois, um moço de agradável figura ao pé do barão, que o denominava seu filho adoptivo, e lho oferecia como irmão. Respondeu com o rubor, e o sorriso mavioso da simpatia.

Animada com a familiaridade de algumas horas, perguntou-lhe porque não fora visitar o seu amigo a Cascais, e ao barão porque não falava naquele seu amigo. As inocentes perguntas enleavam a astúcia do titular, e faziam-no socorrer-se de evasivas que davam muito que cismar a Isaura.

Mas esse muito cismar seria todo nas evasivas do barão?

É o que vai inferir-se do seguinte capítulo, contanto que o leitor não olvide o que diz São Crisóstomo, São Jerónimo, e São Agostinho acerca do amor.

Assim, pois, me ajudem os três bem-aventurados pilares da eterna verdade a sair-me com luzimento de tão áspera tarefa, qual é esboçar amores dos que trazem do céu predestinação. Se as reminiscências me não valem do que ouvi e vi desta afeição, receio bem ser mais um voluntário bode expiatório da catacumba de Nicolau Tolentino, em cujo retábulo da ara se lêem dois versos, terríveis como os celebrados do Dante na porta do inferno. São estes os versos:

*Amor não pode imitar-se;
Só o pinta quem o sente.*

XIX

Un homme ne peut presque rien dire de sensé sur ce qui se passe au fond du coeur d'une femme tendre.

STENDHAL (*Physiologie de l'amour*)

O barão dissera um dia a Isaura:

Eu tenho ocupações que me não deixam visitá-la todos os dias; mas não quero nem posso privar-me das suas noticias de manhã e de tarde. De manhã escreva-me um bilheteinho, de tarde mandarei eu saber da menina pelo nosso amigo Roberto. Esteja com ele como estaria com um seu irmão; conversem, e sejam muito amigos, porque eu quero que o sejam.

Eu sou muito amiga dele... – disse Isaura, com mais singeleza do que fazia presumir o rubor da face.

Conhece-o há três dias, apenas; é cedo para ser muito amiga dele.

– Pois sou.

– Muito amiga? – tornou, risonho, o barão, purpureando mais a face da silenciosa menina. – Paga o sentimento que inspirou a Roberto. Parece-me que o nosso amigo Bernardo da Veiga aprovaria a estima que lhe merece o honrado moço.

– Bastava ser Vossa Excelência tão amigo dele, que lhe chama «filho»... Ele falava ontem com tanto amor de sua mãe que me fez chorar... Deve fazer tão bem ao coração poder-se proferir a palavra mãe com os lábios chegados à face dela!... Eu sou mais infeliz do que ele... Tenho chorado tanto, e cada vez me sinto mais sozinha neste mundo... Depois que Vossa Excelência me deixou é que eu me convenci que perdera tudo... e, agora, diz-me que não pode aqui vir todos os dias...

– Pois se a minha falta lhe é tão penosa, virei todos os dias – atalhou o barão, compungido.

– Venha, venha, que eu passo horas amarguradas aqui. Rezo muito, mas sofro também muito; não posso já rezar com devoção... Antes me queria em Cascais para andar pelos sítios onde fui tão feliz, e onde meu pai me levava; lá talvez que a minha saudade seja mais suave... talvez, senhor Barão.

– Isso é uma quimera, minha filha. Lá é que a saudade passaria a desesperação. A sua demora neste convento há-de ser curta; não pode assim continuar a sua existência por muito tempo. Eu cuido constantemente em planizar-lhe futuro. Entregue-se, com resignação, à esperança de que a sua felicidade não podia limitar-se aos tempos cuja lembrança a faz chorar. Há uma felicidade na infância, diversa da que hoje a sua idade necessita. O coração virtuoso encontra-a em todas as idades. Isaura vem a ser venturosa; e, se o não é já enquanto a saudade do nosso chorado amigo lhe dói, verá que a Providência lhe há-de reflorir o coração com primaveras novas de alegrias e delicias puras. Esse grande amor que teve ao seu protector precisará convertê-lo noutra ente. Há-de sentir sensações novas; há-de sentir-se reviver para compartilhar da felicidade que der a outro; há-de, enfim, minha filha, ser muito ditosa ao pé de mim, e eu muito ditoso por lhe poder dizer, se chegar à idade de Bernardo da Veiga, que o sustentáculo da minha decrepitude é o amor da minha filha.

O barão deixou Isaura absorvida na compreensão dessas ideias que fugiam à inteligência dela. O coração queria explicar-lhas; a razão, porém, não entendia o estranho intérprete, que, pela primeira vez, lhe falava uma linguagem vaga, desordenada, e tal que a enleava e confundia muito. Nessa consulta, ao mais interno

recesso da alma, maravilha-se Isaura de ver, num relance dos olhos íntimos, a imagem de alguém relampagueando na escuridade das suas ideias. Esse alguém era um homem, conhecido de três dias, um rosto melancólico, de olhos ardentes e sorriso meigo, de um dizer consolador para as saudades dela, e vagamente profético de esperanças que ela não descortinava, Roberto Soares, enfim, o filho adotivo do homem que lhe dera, mais duma vez, o nome de filha.

Os êxtases cismadores vojavam em redor daquele coração de vinte e cinco anos, tão tarde acordado. A maneira da pastorinha que despertou, dia alto, entre as flores da esteva, e, abrindo os olhos, não pôde sofrer o dardejar do sol perpendicular, assim Isaura, acordada para o amor, quando o coração já tinha em si a seiva das paixões da adolescência, confrangia-se à nova sensação que a deslumbrava, e, com a mão no seio, parecia querer aquietar os ímpetos do coração.

O vago, o ideal, o indefinível, porém, sob figurações formosas e donosíssimas, trouxeram-na contemplativa todo aquele dia, sedenta de conhecer-se, de explicar-se a si própria o que era aquele anseio, aquele abatimento de alma, que falece, à mingua de animar-se doutra alma.

Assim abstraída, foi chamada ao locutório, onde a esperava alguém. Deram-lhe um bilhete de Roberto Soares, e a mão, que o aceitou, tremia, e este tremor vibrou-lhe os nervos mais delicados, até ao coração, onde ela sentiu alumiar-se instantaneamente a escuridade misteriosa dos tantos enigmas que a desvairavam.

Poderia ela não ir ao locutório, sem ficar mal conceituada, nesse ensejo? Era a pergunta que ela se fazia. Travou-se guerra entre o espírito, que teme, e o coração, que incita – dualidade antagonista de fraqueza e coragem, de cujo triunfo alternativo impende a bem-aventurança ou o purgatório das almas inocentes, nos primeiros amores.

Isaura não sabia mentir.

Foi.

Roberto Soares foi conduzido a uma grade; achou-se sozinho com Isaura; era a primeira vez.

Recesso do que aconteceu, levava de fora combinados na memória os assuntos e as palavras com que devia entretê-la, até que a familiaridade o animasse ao improviso. Baldou-se o trabalho. Um cumprimento vulgar, e mais nada! Para estas situações, felizmente, nunca há testemunhas. Um terceiro, se não tivesse a caridade de chamar à periferia a vida concentrada no coração de dois amantes bisonhos, mataria com o riso o amor na sua mais angélica fase.

Roberto Soares não podia chamar-se amante bisonho: contra essa calúnia protestaria D. Cecília, e outras com igual condão de incutirem o atrevimento nas organizações mais sornas.

É que o noviciado do amor pode estender-se até à velhice, quando o coração lá chega com uma porção incontaminada. Se sabeis, por experiência, alguma cousa do vosso coração, dispensais-me de explicar o que se não explica, a timidez do homem de vinte e seis anos, descrito e despoetizado, como ele se dizia, audacioso e até grosseiro na presença de mulheres que outros incensavam com os aromas da pura misticidade no amor. Se de íntimo senso não sabeis disto nada, leões mansos que me ledes, pedi ao vosso anjo bom, se vos ele ainda não deixou em liberdade e às moscas, que vos depare uma Isaura, e achareis que São Jerónimo não era de todo paradoxal quando disse que «o amor da formosura era um esquecimento da razão».

O que o poeta e a secular de Santa Ana disseram não merece crónica. Creio que se desejava longe um do outro como se mutuamente se anjassem: esta vida está cheia de paradoxos assim.

O que merece a pena saber-se é o diálogo do barão da Penha e Roberto Soares na

noite desse dia.

– Então, conte-me cá, de que falaram? – perguntou o barão.

– Estava triste, e pouco me disse.

Mas Roberto devia distrai-la.

– Desejei-o; mas eu não sei o que se há-de dizer a uma senhora educada como ela foi. Se eu falar em cousas de sociedade, isto deve ser aborrecido a quem não sabe nem quer saber as pequenas cousas, que só são grandes para quem precisa engrandecê-las, ou então confessar que é tão insignificante como elas. Perguntei-lhe pelos costumes do convento, e ela respondeu-me que vivia tão sozinha consigo que mal sabia o que se passava naquela casa. Falei-lhe no seu viver de Cascais; mas arrependi-me disso, porque a fiz chorar.

– Eu cuidei – atalhou o barão – que um rapaz de espírito, como Roberto Soares, poderia entreter uma senhora como Dona Isaura, sem lhe falar nas misérias da sociedade, nem fazê-la chorar com recordações de Cascais. Isaura, se me não ilude o muito que lhe quero, é uma menina que há-de inspirar a eloquência dos corações bem formados. Eu, por exemplo, na minha mocidade, se encontrasse uma mulher assim, sentir-me-ia socorrido de ideias grandes, mostrar-lhe-ia a minha admiração sobrepondo-a a tudo que o mundo espiritual tem de mais formoso em graças e virtudes. E preciso que o meu amigo lhe não encontre estes atractivos para ser ao pé dela um homem vulgar. Não era isso o que eu tinha inferido da opinião que me deu de Isaura. Roberto disse-me que tinha assim visto, muitas vezes, uma mulher nos seus sonhos; que tinha amado, ou julgara amar algumas que rastreavam em semelhança aquele tipo completo das suas figurações de poeta. Induzido pelo seu entusiasmo de ontem, cuidei que o meu amigo vinha hoje pedir-me perdão de não ter podido suster os diques à irrupção dos galanteios...

O barão acompanhara o seu arrazoado com um riso de fina graça; Roberto, porém, ouvira-o melancólico ou abstraído.

Após instantes de silêncio, o filho de Leonor respondeu assim:

– Dá-me Vossa Excelência a permissão da franqueza?

– Que dúvida!

– Quando Vossa Excelência me disser que eu posso, do raso da minha humildade, levantar os olhos para a filha adoptiva do meu benfeitor...

– Que faz?

– Farei o que não ousaria fazer jamais. Direi a Vossa Excelência que amo Isaura, que é este o primeiro amor que sinto nobre, e grande, capaz de me habilitar para quantas virtudes devem ser o dote do homem que a mereça.

– Bem: isso é o que Roberto me diria a mim; ora, a ela que diria?

– A ela? Se fosse rica, não diria uma só palavra. Se fosse pobre, pedir-lhe-ia que me fizesse digno dela, dando-me estímulos para o trabalho, e para o contentamento na mediocridade.

– Pois não sabe que ela é pobre?

– Não sabia.

– Não lhe disse eu que Isaura era filha duma desgraçada mulher que morreu em casa de Bernardo da Veiga?

– Não deduzi dessa circunstância a pobreza de Isaura; nem da pobreza deduzo ainda que seja do agrado de Vossa Excelência conceber eu a esperança de a fazer minha mulher.

– Conceba, e execute-a.

– Vossa Excelência é tão meu amigo que não zombaria assim de mim! – disse com veemente júbilo Roberto Soares, abraçando o barão.

– Creio que a ama – tornou o barão. – E se Isaura fosse rica?

– Se fosse rica, a minha esperança morria. O orgulho, se não matasse, abafaria a este amor a liberdade da expressão. Vossa Excelência já me disse que Isaura era pobre.

– Pobre ou rica, atenda-me: concedo-lhe que se declare; sonde melindrosamente o coração de Isaura; se se encontrar lá, não lhe dê esperança dum futuro que não seja capaz de realizar. No dia em que ela lhe disser que o ama, Roberto Soares é o esposo de Isaura.

A alegria embrutece. O poeta correu então parelhas com o idiota. Mais um triunfo para Santo Ambrósio, que, bem averiguado, é o maior fisiologista dos meus três santos dilectos.

XX

Ecce etirum Crispinus, et est mihisoepe vocandus.

JUVENAL (*Sátira IV*)

Entre as instruções que o barão da Penha deixara ao seu agente Farinho, quando foi para Cascais, havia esta: «Se o prenderem, não resista, nem se defenda judicialmente: diga que é efectivamente Constantino de Abreu e Lima, confesse que fugiu de Cabo Verde, não me escreva que eu o soltarei.» E juntava:

«Não repita as cenas cómicas do encontro, e da carta mandada pelo galego.» Referia-se aos sucessos burlescos exarados no capítulo XV. Donde se infere que o negociante falido abusava de poderes, atenazando o visconde de Vila Seca, embora a logração fosse um primor de velhacaria. A traça vingativa do barão não se acomodava com dar o visconde em espectáculo de mofa. Vingam-se com o ridículo as aversões de capricho, as invejas corrosivas, os ódios não inveterados; mas o rancor das almas graves, quando a religião o não desentranha, anseia a vingança mais que homicida, a morte moral do inimigo. O barão da Penha odiava assim.

Se ele quisesse provar em juízo que o visconde de Vila Seca era um ladrão, seria convencido de caluniador, e ficaria sotoposto à misericórdia do inimigo. Se o apunhalasse em sua própria casa, teria matado um corpo, e deixaria aos necrologistas a liberdade de dizerem que morrera um homem de bem.

Que vingança, pois, desenhava o barão? Se um golpe da Providência, que tantas vezes faz correr o sangue da expiação aqui, onde o criminoso ri sob a máscara – se esse golpe não ferir o visconde, abrindo brecha à peçonha mortífera que o barão lhe quer vazar no crédito, como órgão principal da vida do ricaço: se essa ajuda sobrenatural não vier, que desforço imaginais vós possa tirar o filho do desembargador Jerónimo de Abreu e Lima do criado que lhe roubou o seu património?

Deixo ao conjecturar pachorrento de cada qual prever o desfecho da história, e reservo-me a oportunidade de responder às hipóteses, que é o que legisla Aristóteles, creio eu, no capítulo «Peripécias».

Vamos ver que ruins fígados tinha António José, e os trabalhos em que se viu enlçada a simpática personagem do senhor Bento Pereira Farinho.

O visconde cumprira o que se prometera naquela hora aflita em que o deixou a petulante carta. Foi falar ao ministro do reino, e, de comovido que ia, lagrimejou, pedindo protecção às leis do reino contra o desaforamento dum ladrão, que o ameaçava em sua própria casa.

O ministro afervorou o zelo do governador civil, e as autoridades subalternas assolaram quantos beleguins e espiões podiam expedir na importante prisão.

Bento Farinho apeava do ónibus que o conduzia de Sintra, na volta de Cascais, e viu o visconde de Vila Seca. Procurou evadir-se aos reparos dele, e poucos passos dera ao retirar-se da estação, quando um homem desconhecido lhe disse:

- Tenha a bondade de me acompanhar à administração.
- Que me quer o senhor? Veja se se engana comigo...
- Não engano, não senhor. Siga-me, quando não peço força à guarda do arsenal.
- Não carece disso: ande lá, que eu sigo-o.

Farinho foi interrogado. A respeito de nome, disse chamar-se Constantino de Abreu e Lima; profissão, negociante no império do Brasil. Dali foi conduzido ao governador civil. Respondeu com o mesmo denodo; e, perguntado se fugira do degredo

onde cumpria sentença, disse desassombradamente que sim.

Interrogado por último, na policia criminal, foi enviado ao Limoeiro, a requerimento do Ministério Público.

Farinho morreria sem proferir uma palavra de defesa, para obedecer ao barão da Penha. Este, apenas chegou a Lisboa com Isaura, soube da prisão, e visitou na cadeia o seu dócil instrumento. Encareceu-lhe o sacrifício de se deixar prender, e prometeu provar-lhe que não seria desmentida a confiança que depositara nele.

O visconde, entretanto, apressava o desfecho ao processo crime que o Ministério Público instaurara contra o falsificador de firmas. Da Relação do Porto fora enviada pública-forma da sentença que o condenara, e do cartório respectivo de Cabo Verde esperava-se cópia do instrumento lavrado por ocasião da fuga.

O barão da Penha procurara o visconde. Conhecendo que era recebido com despeito e grosseria, afectou desentendimento.

– Soube ontem – disse ele com afabilidade e respeito – que estava preso Constantino.

– É verdade; pudera não! Tenho-o nas unhas – disse o visconde, curvando os dedos reentrantes como garras.

– Hoje recebi carta dele, pedindo-me a esmola duma entrevista, e...

– A apostar que o senhor foi lá!

– Fui.

– Mande-o ao diabo! Isso é um tratante de marca de anzol... queria-me roubar... o maroto!

– Roubar!

– Pois então! O senhor não ouviu o que ele me disse nas próprias bochechas?!

– Ouvi; mas Vossa Excelência não receia que ele repita as... as aleivosias que lhe disse num tribunal?

– Àgora receio! Que me prove o que disse... quero provas, e, se não provar, hei-de levá-lo a uma forca.

– Provar é impossível. Vossa Excelência tem a opinião pública a seu favor.

– Justamente, a opinião pública é que há-de decidir.

– Já decidi. Vossa Excelência é um honrado capitalista, houve o que possuí com o seu génio empreendedor e trabalho de vinte e seis anos; não há um só documento que faça vacilar a opinião pública acerca da probidade e lisura dos seus cabedais.

– Ora aí está! E vem cá o troca-tintas lá do inferno pedir-me o dinheiro do pai! Arre com ele, que há-de ir acabar de cumprir a sentença às Pedras Negras, ou eu não hei-de ser António!

– Atenda-me, senhor Visconde. Vossa Excelência tem pura a sua consciência?

– Tenho.

– Não roubou o património de Constantino de Abreu e Lima?

– Que diabo de pergunta é essa? Eu nunca roubei um ceitil a ninguém.

– Pois bem: a pureza da sua consciência, com a justiça que a opinião pública lhe faz, devem aconselhá-lo a ter compaixão dum homem desesperado ou demente que o calunia. Vossa Excelência aos títulos de nobreza, que tem, ajunta o mais valioso de todos, se perdoar a Constantino de Abreu e Lima, ao filho do desembargador Jerónimo de Abreu e Lima, em cuja casa Vossa Excelência comeu o pão da sua mocidade durante dez anos.

– Se comi o pão, trabalhava; não quero saber de contos, senhor Barão; não me venha cá com lamúrias, e endróminas, que eu estou cheio até aqui – replicou o visconde, metendo o dedo indicador pela boca dentro até às fauces.

– O homem faz dó! – tornou serena e compassivamente o barão. – Está

arrependido. Quer vir pedir perdão a Vossa Excelência, e desdizer-se diante de mim das arguições injuriosas que lhe fez. Promete nunca mais o inquietar. Retira-se imediatamente de Lisboa, e vai procurar o amparo duns parentes que tem no Minho. Que lucra Vossa Excelência com fazer tomar Constantino, velho e quebrantado, para os trabalhos?! Lembre-se de o ter criado ao colo, de o ter visto criancinha nos seus braços, de o ter talvez amado como se ama a inocência. Já lhe não digo que o favoreça com os sobejos da sua mesa; isso seria suplicar muito; peço-lhe, apenas, que lhe conceda a liberdade, que não instigue os rigores da justiça, que o deixe ir morrer descansado sobre umas palhas, abençoando o seu nome porque o resgatou da morte certa do desterro, podendo perdê-lo. Parece-me, senhor Visconde, que o seu coração vai responder-me generosamente.

– Isso não é comigo, é lá com a justiça; eu não lhe sou parte; o que posso fazer é não me meter em mais nada, se o senhor Barão fica por ele.

– Fico por ele; mas é necessário que Vossa Excelência vá directamente mandar sustar o processo.

– Isso não, tenha paciência. Haviam de cuidar que eu tinha medo às calúnias desse pinga! Nada feito; a cousa há-de andar para diante; quero andar com o meu rosto descoberto, e não admito ninho atrás das orelhas; é o que é, e está arrumada a pendência.

– Quer dizer que o persegue, não é assim?

– Já disse... a justiça há-de andar direitinha; os ladrões mandam-se pela barra fora... E sabe que mais, senhor Barão? Vossa Excelência se tivesse mais aquela de saber respeitar a nossa classe, não consentia que esse patife lhe falasse, nem vinha cá pedir por ele como quem pede por uma pessoa de bem. Ora queira Deus que ele lhe não pespegue na menina do olho... Lembre-se que ele dantes roubava firmas, e nunca de mouro bom cristão.

A estas últimas palavras, os cabelos do barão da Penha tremiam eriçados. Os braços, até ali descaídos, fizeram convulsivamente uma curva, e os punhos cerrados estalavam como se entre os dedos lascassem corpos estranhos sob a violência da pressão. Nos olhos lampejavam-lhe chamas, e deste fogo que lhe crepitava de dentro vinham labaredas crestar-lhe os beiços. Dera um passo para o visconde, e o visconde recuara outro: era o instinto da vida que o movia como autómato, não eram as contorções do hóspede que o assustavam.

Supremo esforço de poder sobre si próprio exerceu o barão! Foi de instantes aquela vertigem de raiva. Levou as mãos aos cabelos, e coçou a cabeça com frenesi por longo tempo. Esfregava os olhos, e cavava os dentes no beijo inferior, dilatando as maçãs do rosto, que premia entre as mãos, querendo esconder a transfiguração do semblante.

O visconde ia reparando nestes movimentos, sem ligar-lhe a mais remota suspeita da verdade.

– Terrível dor de cabeça! – murmurou o barão.

– Lá me parecia que o senhor não estava bom – disse o visconde na boa fé da sua prodigiosa estupidez. – Quer ir tomar alguma cousa? Sem cerimónia; manda-se fazer uma gota de chá, ou café...

– Obrigado, senhor Visconde... Eu retiro-me, e recebo as suas ordens.

– Pois meu amigo, nesse caso sinto muito não poder servi-lo; mas ponha-se o senhor no meu lugar...

– Não falemos mais disso. A justiça que faça o seu dever. Senhor Visconde, adeus.

O barão da Penha parou no pátio, antes de sair. Limpou o suor que lhe corria da

fronte. Cravou os olhos apavorados na pedra sobre que tinha os pés, e disse de modo que o poderia ouvir quem estivesse no pátio:

– Eu precisava disto...

XXI

On incorpore la cholere en la cachant comme Diogenes dict à Demosthenes, lequel de peur d'estre aperçue dans une taverne se reculoit au dedans: «Tant plus tu te recules arriere tant plus tu y entres.»

M. DE MONTAIGNE (*Essais*)

Estou indeciso se darei aqui uma indigesta estopada ao leitor, historiando-lhe a revolução miliciania de 1851. Se eu soubesse que a posteridade me indemnizava das pragas dos contemporâneos, arcava com o tédio da minha geração. E eu creio que as porvindouras eras viriam aqui beber as águas puras da história coeva, enojadas dos enxurros em que vai alagado o jornalismo.

De hoje a cem anos, que documentos contemporâneos elucidarão o historiador? A gazeta decerto, não; a legislação, menos; o drama e o romance sociais alguma cousa, enquanto os costumes se aliam às instituições civis; mas a política propriamente dita, tacanha e suja como a fazem, essa, só o romance, embora salobro e fastiento, a pode transmitir aos evos com tal qual cunho de verdade.

E, por isso, que me não sei bem decidir se contar aqui a parte cómica, ao menos, da nossa última revolução regeneratriz, seria legado que o século XXI me tomaria em desconto de muita frívola miuçalha do mundo-patarata, deixadas aí para atestar a passagem dum homem, que teve o infortúnio de nascer cem anos antes.

A nesga política vinha a pêlo, encabeçada na história da influência que o barão da Penha granjeou sobre o ministério moribundo.

A despeito de ambições de glória, pouparei o público. Aqui lhe faço o sacrifício de rasgar vinte tiras, onde, exauridos os heroísmos, descia a explicar-lhe como se pode ser, nesta terra, Coriolano e Fabrício, furando a atmosfera com dez grosas de foguetes de lágrimas, e apresentando às assembleias tribunícias o «deve e há-de haver» das girândolas, para desonra do fogueteiro agiota.

Ó liberdade da imprensa! Santa te chamam alguns devotos, e eu adoro-te como mártir, infernada neste potro dos teus suplícios, chamado *conveniências sociais*! Para que vim eu ao mundo antes da hora do teu resgate, se a Providência me não deu isenção e valor para te salvar dos enxovalhos que recibes no átrio dos barões, por onde alcaïotes torpes te arrastam, ó «liberdade» da imprensa!

Ó deusa esfarrapada que... Leva rumor! Vamos ao conto.

O barão da Penha, como vimos, saiu de casa do visconde com o sangue convertido em fel.

Entrou no gabinete dum ministro, e demorou-se aí uma hora. Saiu sombrio como entrara; mas lá no interno havia motivo para desanuviar-se.

A pública-forma do processo em que Constantino de Abreu e Lima fora sentenciado vinte e seis anos antes, entrou, nesse dia, em casa do ministro. Seis dias depois o processo original entrara também, e saía dum fogão em faúlas, que o barão da Penha sacudia de si com as pontas dos dedos. Ao oitavo dia o Ministério Público respondia que não se provavam as suspeitas, e respondia às instâncias do visconde que fosse ele parte na acusação. O visconde excedeu os limites da prudência no gabinete do ministro, e despediram-no como quem despedia o antigo António José. Ao mesmo tempo lavrava-se ordem de soltura para Constantino de Abreu e Lima.

Ainda há matéria para maiores assombros. O chefe do Estado agraciava Constantino de Abreu e Lima com o perdão da pena cominada pela Relação do Porto. Esta graça foi passada da mão do ministro para a do barão da Penha; mas o que da mão do barão da Penha passou para a do ministro, infere-se de duas palavras, que ele soltou, ao rodar a chave duma gaveta:

– Cara vingança!

E o visconde de Vila Seca? Experimentou o quarto ataque de gota, e deu sérios cuidados a Maria do Rosário. Visitaram-no os numerosos amigos, e o barão da Penha entre eles. Nenhum se informava mais a miúdo das melhoras do visconde. Até aos médicos ia ele inquirir com ansioso interesse a situação do seu nobre amigo, exultando sinceramente com os bons auspícios da cura.

Restaurou-se o visconde; mas a milionésima parte de alma, que morava naquele corpo, ficou desatremada. Atormentavam-no figurações nocturnas. Saltava em cuecas fora da cama, e a viscondessa, de hábitos menores, ia arrastando o chinelo, com a lamparina em punho, após seu marido, através das salas. O visionário punha a orelha à porta que abria para o patamar, e chamava os criados, se o rumor da rua reboava no espaçoso pátio.

A figura de Farinho era o seu demónio, noite e dia. Ninguém subia a escada sem ser reconhecido previamente através dum pequeno zimbório aberto no topo.

Este estado era insustentável. O visconde, apesar de sua mulher, resolveu sair de Lisboa temporariamente para o Porto. O barão aprovou a resolução, prometendo visitá-lo no seu passeio ao Minho. A intimidade estava restabelecida, porque António José julgava dever ao barão a suspirada paz em que o deixara Constantino, posto que nunca mais entre os dois titulares se travasse conversação a respeito de tal homem.

Partiu o visconde para o Porto. Os jornais da localidade anunciaram a chegada do desejado ornamento da sociedade portuense, sentindo que motivos de pouca saúde obrigassem S. Ex.^a a procurar nos sadios ares pátrios a convalescença que do coração lhe desejavam os ditos jornais.

Ao mesmo tempo, porém, os mesmos jornais, e alguns de Lisboa publicavam o seguinte anúncio:

Alberto Correia de Faria, morador em S. Pedro do Sul, precisa saber se existem herdeiros do desembargador Jerónimo de A. breu e Lima, falecido na cidade do Porto em 1825. Caso existam, pede o anunciante que se declarem para interesse seu deles.

O barão da Penha vira este anúncio ao mesmo tempo que Dona Leonor Soares remetia a seu filho a cópia do anúncio, recomendando-lhe que escrevesse ao anunciante.

Roberto Soares perguntou ao barão se devia ir a S. Pedro do Sul. O barão foi de parecer que se anunciasse como neto de Jerónimo de Abreu e Lima ao anunciante, e esperasse resposta.

Alberto Correia de Faria respondeu dizendo-lhe que se habilitasse herdeiro de seu avó para receber cinco contos de réis, que lhe eram restituídos. A habilitação era difícil enquanto Roberto não apresentasse certidão de óbito de seu pai.

O barão encarregou-o de todos os cuidados, tomando a seu cargo a habilitação. Uma tarde foi ele ao convento, e disse a Isaura que saía de Lisboa por alguns dias. Entregou-a aos cuidados de Roberto, dizendo a ambos que a presença dum pai era dispensável a dois irmãos que se queriam tanto. Isaura chorou, e Roberto maravilhou-se de resolução tão improvisa.

O anunciante de S. Pedro do Sul foi visitado por um indivíduo que se dizia procurador do neto de Jerónimo de Abreu e Lima. Encarregado de saber que restituição era essa de cinco contos de réis, pedia esclarecimentos ao restituidor ou quem as suas vezes fazia para assim o comunicar ao seu constituinte.

O homem de S. Pedro do Sul disse ser herdeiro e testamenteiro de um seu tio antigo juiz de fora da comarca de Vila Real; que à hora da morte seu tio lhe entregara uma carta, pedindo-lhe o cumprimento rigoroso do que nela lhe pedia, para que a sua alma se não perdesse.

O barão da Penha, na qualidade de procurador bastante do legatário, pediu que se legalizasse a carta testamentária, selando-a no Governo Civil. O testamenteiro replicou negando-se à publicidade dum escândalo, visto que se prontificava a cumprir o consciencioso legado, menos porém a manchar, sem necessidade, a reputação de seu tio. O barão redarguiu pedindo, ao menos, uma cópia dessa carta. Foi-lhe concedida, com promessa de a não publicar. Perguntou o procurador se ele testamenteiro zelava tanto o renome do juiz de fora morto como a reputação do ladrão vivo, indicado na carta. Respondeu o sobrinho do testador que desejaria ver punido o ladrão que tentou a probidade de seu tio. O procurador despediu-se, autorizando o herdeiro, por uma declaração, a empregar os cinco contos de réis em estabelecimentos de caridade. Essa declaração era assinada assim: *Por Constantino de A breu e Lima, o seu procurador bastante: Bardo da Penha,*

Alberto Correia quando surgiu da estupefacção em que o deixava a assinatura, já não viu o signatário da concisa renúncia de cinco contos de réis.

Que ridentes sensações são essas que varreram as sombras do semblante do barão? Que radiação de alma alegre lhe reflecte no olhar inquieto? Que peso de ferro se ergueu de sobre o peito daquele homem, que tão desafogado respira agora? Que valor incalculável deve ser o desse papel que inebria o espírito dum homem, cuja felicidade era impossível sem uma vingança? Por ventura será esse papel o instrumento providencial da punição? Estará escrita nele a sentença da morte moral de António José?

Há-de saber-se isso, quando for tempo.

XXII

...cuidado novo que lhe enchia o peito de novas alegrias.

FERNÃO ÁLVARES DO ORIENTE (*Lusitânia Transformada*)

...chacun des deux est pour l'autre un type de perfection, une apparition céleste venant répandre sur sa vie en jour tout nouveau, la plus belle moitié de lui-même, ou plutôt le véritable foyer de son existence.

DICTIONNAIRE DES SCIENCES PHILOSOPHIQUES (*Amour*)

Esta Isaura é perfeita de mais para romance.

Um pouco de vício, desse vício adorável das mulheres, chamado galanteio, garridice, logração, ou, no vasconço das salas, «coquetismo» e fertiliza a imaginação do romancista analisador, crítico, filosófico, moralista, e, mais que tudo isso, engraçado.

A mulher do romance quer-se aparada pelo molde vulgar daquelas que fazem o relevo da boa sociedade.

Tem imensa graça a mulher que joga o amor como uma partida de *whist*: faz rir toda a gente, menos os parceiros.

A monotonia é fastidiosa até na virtude. Um capítulo de romance cheio de encarecimentos à candidez, à pureza, ao amor angélico de uma virgem, agrada. Dois capítulos, batidos na mesma safra, toleram-se. Três, impacientam. Quatro, atediam, e desacreditam o escritor.

Dêem-nos a inocência com todos os seus perfumes; mas, se nos querem variar o interesse do conto, façam que a inocente resvale das flores para os espinhos, até nos apiedar com as suas penas. Nós, os leitores, queremos ter ódio a alguém, senão esfriamos. O ente odioso deve ser um sedutor, um descarado, um cínico, um verdugo que há-de ser punido no último capítulo, ao mesmo tempo que a vítima, rodeada de serafins canoros, entra na bem-aventurança, onde ninguém quer entrar, «se lhe é preciso, cá em baixo, primeiramente, *ver as estrelas*», como diz um velho escritor.

Isaura está no caso das predestinadas para um até dois capítulos somente. E uma dessas perfeições espirituais, postas em altura onde se não libra o voejar da fantasia. Um joalheiro observa uma pedra preciosa, uniforme, sem falha, semelhante a si mesma em todas as facetas da circunferência, vê-a, admira-a, aprecia-a estimativamente; mas não a descreve: «é perfeita» diz ele; e porque é perfeita? «porque é perfeita.»

Ora, há mulheres assim irrepreensíveis como as pedras inestimáveis. São excelentes para tudo que é reflexo do céu neste vale de lágrimas, menos para o romance que há-de reflectir de vez em quando os clarões do reino escuro – o qual sendo de lume não sei realmente porque é escuro, note-se de passagem. Lastimo-me por não poder adular a verdade desta história, colocando Isaura a pique em dois ou três naufrágios, para, ao cabo de muita angústia, a levar ao porto de salvamento, com grande júbilo das almas enternecidas.

Navega em mar bonança o coração da pálida virgem. O seu amor anseia, mas não de susto nem incerteza. Nem sequer em sonhos a desconfiança a intimida. Adormece nos anelos de acordar para um dia feliz como o dia que passou. Sofre saltos no seio, calor súbito nas faces, sente-os, quando se lhe anuncia Roberto Soares; expansiva alegria, júbilos infantis, experimenta-os quando se lhe anuncia o barão da Penha, melancolia funda, opressão de lágrimas, doem-lhe quando a imagem de Bernardo da

Veiga lhe assombra os contentamentos do novo espírito insurgente nela. Amor, amizade, e saudade, são as três sensações da sua vida.

E o amor do poeta? É o primeiro amor, porque é o primeiro que ele sente enlaçado com o respeito e com a amizade, Não é o amor cego do fanatismo, é o amor luminoso, o de penetrante vista, que descortina os dotes todos da mulher querida.

Há um senso íntimo, um arbítrio da alma que descrimina a singela verdade da fulgorosa idolatria: esse mata-o a paixão, enlouquece-o a vertigem, exautora-o o capricho. Não é esse o amor de Roberto Soares.

Se o vísseis ao pé dele, imaginá-lo-íeis um irmão.

Diziam-se palavras de íntimo amor; mas tão cândidas se depuravam nos lábios dele que nem o amor paternal as inventou mais carinhosas.

Isaura sabia que era aquele o senhor de sua alma, e cismava como sua mãe pôde ser infeliz tendo quem assim lhe governasse os sentimentos, e os desejos. Entremetiam-se instantes de tristeza no seu cismar: queria ter alguém que lhe adivinhasse o segredo; mas dizê-lo ela, a quem, se de si própria o queria esconder, para que o magoado pressentimento lhe não descobrisse as dulcíssimas visões?

Alguém devia merecer-lhe a confiança desse segredo, logo que ele se acusasse em lágrimas: era o seu amigo, o seu pai, o barão da Penha.

E assim sucedeu.

Encontrou-a taciturna e concentrada um dia.

– Isaura não é feliz... – disse-lhe ele.

– Sou feliz; mais do que mereço; tenho um benfeitor no céu a pedir por mim ao Senhor, e outro na terra, enchendo-me de benefícios e extremos de pai.

– Tem mais alguém – tornou o barão com meigo sorriso. – Tem... O coração não a acusa de ser injusta com alguém?... Acusa, acusa... Quem assim cora tem culpas, e confessa. Isaura tem ainda, além dum pai no céu, e outro na terra, um irmão, não tem?

– Tenho; é um irmão querido... conheço que é muito meu amigo...

– É; e agora cisma ele numa ideia constante. Diz que não quer sua irmã mais tempo no convento; que a deseja mais perto do seu coração; quer sentir mais intimamente a união das duas almas para toda a vida... Não lhe disse ele isto?!

– Não, senhor... – murmurou ela, incendiada em rubor baixando os olhos.

– Não!? Quer ver que o pobre moço tem medo de que a sua querida irmã lhe não aceite o oferecimento da alma para toda a vida!... Se é isto, o nosso Roberto é homem de pouca fé, e merece, por isso, ser castigado.

– Castigado!... porquê?

– Porque está a ver que eu tenciono ir estar algum tempo no Porto, que não posso aqui deixar minha filha em Lisboa, e que, se a levo comigo, decerto a furto aos olhos dele...

– Pois ele não vai connosco? – disse com veemência Isaura.

– Não pode ir... Roberto é-me necessário em Lisboa, e talvez saia de Portugal a negócios meus.

Isaura empalideceu. O barão fitou-lhe a luneta através das grades, e viu rebentarem duas lágrimas que ela, sem reбуço, embebeu no lenço.

– Porque chora, minha filha? – tornou o barão enternecido.

– Tenho saudades dele... – soluçou Isaura.

– Pois então, minha filha, eu não a deixo chorar. As saudades são espinhos cruéis num coração tão bom como o de Isaura, e mau pai seria eu se lhos não arrancasse. Vamos remediar isto... Roberto há-de ir connosco. Está ainda chorando?

– Já não choro, não... – disse ela erguendo a face risonha.

– Mas olhe, minha filha; o amor de irmão que dá a Roberto é um amor que lhe

enche o coração? Por outras palavras: crê que uma mulher possa ambicionar uma entre as afeições desta vida, mais intensa, mais forte que a de Isaura a Roberto?...

– Parece-me impossível...

– Uma esposa será mais amiga de seu esposo que a minha filha é de Roberto?

Reacendeu-se mais vivo o pejo em Isaura, e embargou-se-lhe a voz ao arquejar descompassado.

O barão viu tudo, conheceu tudo. Ergueu-se, e, já com as luvas vestidas, disse:

– Minha filha, nós partimos dentro de quinze dias. Os meus dois filhos vão comigo; eu é que lhes chamo filhos; mas eles entre si hão-de chamar-se esposos.

E saiu.

Isaura ficou longo tempo na grade. Não ria nem chorava. Era um desses êxtases de embriagante gozo que se afiguram sonhos, e, só depois de convertida em evidência a surpresa, a alma entende e julga.

Na tarde desse dia, Roberto Soares, alheio ao diálogo que se dera de manhã, visitou Isaura, mas, contra o costume, esperou-a longo tempo. Já admirado da delonga ia repetir a chamada, quando Isaura chegou, mais acanhada que nunca, estranha como se o visse pela primeira vez.

– Não sei que lhe noto hoje, minha amiga! – disse Roberto. – Parece que está constringida!

Esta admiração maravilhou Isaura. Não podia ela entender o estranhar de Soares. Parecia-lhe desnatural achá-la ele mudada, tendo-se operado tamanha mudança nos sentimentos dela. Dizia-lhe também o coração que Roberto devia manifestar pejo de a fitar, porque o contemplar uma amiga simples devia ser diferente do contemplar uma amiga, em vésperas de ser esposa.

Soares instava pela explicação do olhar tímido, do sorriso indefinível, do pejo extraordinário que lhe via; e Isaura, não podendo combinar estas perguntas tão naturais com o seu alvoroço dela, afoutou-se a dizer:

– Falou de tarde com o senhor Barão?

– Não falei: ele hoje disse-me que jantava fora, e só nos veríamos à noite.

– Ele esteve hoje cá... – tornou Isaura, a tremer de adiantar alguma palavra que a obrigasse a repetir o diálogo com o barão.

– Esteve?... Disse-me ontem que tencionava aqui vir hoje. Falou-lhe no projecto de ir ao Porto?

– Quem...

– Ele.

– Ir ele ao Porto?

– Sim, e nós talvez.

– Nós?!...

– Disse-me que minha irmã ia ser hóspeda de minha mãe. Disse-lho também?

– A mim?... Não me disse isso.

– É admirável... pois nem lhe deu alguma ideia de sair daqui?

– Deu... – murmurou ela, cada vez mais confusa.

Roberto Soares compreendeu por aquele monossílabo a significação de tudo. Respirando com dificuldade, fitando-a com aquele espasmo de olhos que perscrutam um segredo nos olhos estranhos, o poeta balbuciou:

– Diga-me tudo o que se passou, minha amiga. O coração não me engana. Isto que eu sinto é uma alegria que não pode ser falsa. Que foi?... O barão disse-lhe... Esconde os olhos de mim?... Mais uma prova de que a minha suspeita se realiza...

Isaura encarou-o de relance, sorrindo; mas, se ele a visse ao pé, não saberia explicar o mimoso tremor que a vibrava toda. Pela primeira vez, Roberto estendeu o

braço através do espaço interposto às grades, e pediu a mão de Isaura com terno entusiasmo.

Houve um instante de hesitação; mas a instância de Soares venceu. Deram-se as mãos, e, longo tempo silenciosos, nem ela pôde encará-lo assim, nem ele teve uma palavra só.

Isaura, ao ouvir o sinal de fechar-se o portão do mosteiro, teve uma agradável sensação. E que o excesso de prazer a oprimia. O coração também se embriaga com as intemperanças da sua espiritual ambrosia, e experimenta turbações opressoras. A soledade e o descanso aquietam os sobressaltos, e levam o espírito ao remanso dum gozo mais sereno.

Ao despedirem-se, Roberto disse a Isaura:

– És minha, não és, Isaura? Por Deus, não me deixes duvidar um instante de que as nossas almas são só uma nesta vida... Não são, Isaura?... Responde.

– São... – respondeu ela, quando a escuridade não deixava já ver a chama que tal monossílabo lhe acendeu no rosto.

Soares entrou no quarto do barão, e quase lhe ajoelhou aos pés.

– Isso que é?! – disse o barão, sustendo-o entre os braços.

– É agradecer ao pai uma felicidade que só de joelhos se agradece.

Mas um pai é obrigado natural e religiosamente a fazer a felicidade dum filho... Se eu lhe dou este nome, é porque me imponho obrigações de pai, e por isso não tem que me agradecer, Roberto.

– Oh senhor! Eu sou um homem tão feliz! Devo-lhe tudo! A minha família tão feliz também! Esta alegria que se estende a todos os meus! A quem se deve tudo isto, senão ao meu benfeitor?

– Está bom... – atalhou o barão, fazendo-o sentar. – Esse incêndio de gratidão foi ateado pelo incêndio do amor, acho eu. Vem de estar com Isaura, e ela disse-lhe...

– Nada me disse; fui eu que suspeitei a verdade no acanhamento dela...

– Sabe, porém, que ela o ama como se quer ser amado duma esposa?

– Não mo disse; mas eu adivinhei-a.

– É preciso, pois, pedir o consentimento de sua mãe.

– Ela consente, posso assegurá-lo a Vossa Excelência.

– Também eu o asseguro a Roberto; mas quer-se o consentimento de sua mãe.

– Basta dizer-lhe eu que o nosso protector consentiu...

– Diga-lhe isso, se quiser; diga-lhe até que sou eu o casamenteiro, porque já não sirvo para mais nada; todavia, quer-se que ela abençoe a união de seu filho... E tão certo estou do assentimento de sua mãe que me constituo procurador sem procuração para em nome dela oferecer à sua noiva estas jóias.

Era uma caixa de veludo escarlate com pulseiras, gargantilha, e alfinete de diamantes.

Quem teve mais formoso sonho do que a vida real de Roberto Soares?

O desvalido pretendente que, três meses antes, deixara no Porto a lutar com a indigência uma pobre família, julgava-se além da baliza posta à felicidade neste mundo.

Homem de coração, educado na pobreza e na paciência religiosa, e agora tão favorecido do céu, orçou, orou de mãos erguidas, fechado no seu quarto, oração com fé e devoção que nunca sentira na desgraça.

XXIII

Il eut fallu être stupide pour ne pas concevoir tout cela.

J. J. ROUSSEAU (*N. Heloise*)

Vai grande trastejar e reboliço e alegria em casa de D. Leonor Soares. Por entre os cortinados do seu leito, a mãe de Roberto dá ordens a criados e criadas que vão e vêm dum para o outro andar, enquanto D. Helena, não menos atarefada, se entrega toda ao esmero de mobilar um aposento para os noivos, e outro para o barão. Jorge Ribeiro, tacteando os objectos, dá também o seu parecer, e discute a má colocação do bufete, da preguiceira, do tremó, do tapete, e vence sempre porque ninguém se atreve a contrariar o cego, que parece louco de contentamento.

Sabido é, pois, que se espera Roberto Soares e sua mulher, e, com eles, o barão da Penha.

Já partiram para os Carvalhos duas carruagens, que devem recebê-los. Já os jornais do Porto, quase todos amigos do poeta, seu colaborador gratuito alguns anos, anunciaram que o distinto literato se matrimoniara com uma rica herdeira de Cascais, pupila do honrado capitalista o Ex.^{mo} barão da Penha; e acrescentavam que tanto os noivos como o Ex.^{mo} Barão tinham saído de Lisboa por terra a fim de visitarem a mãe e tios do noivo, residentes no Porto.

Alguns membros da aristocracia merceeira resolveram entre si fazer uma espera ao barão, já como membro respeitável da classe, já como accionista distinto do Banco de Portugal, e outras companhias capitalistas, que dispensam as fórmulas da apresentação numa sociedade onde a fama do dinheiro vem adiante pregoando as qualidades do forasteiro.

Os viageiros acharam-se, pois, rodeados, ao apearem da caleça, de dez ou doze homens de chapéu na mão, cabeceando zumbaias a D. Isaura, apertando brutalmente a mão cortês do capitalista, e felicitando Soares pelo seu regresso ao Porto.

O barão voltou-se para Roberto, e disse:

– O meu amigo, tem a bondade de me dizer os nomes destes cavalheiros que tão urbanamente se apressam a dar-nos provas de amizade e consideração?

Soares relanceou um olhar desdenhoso por todos, e respondeu:

– Não tenho a honra de conhecer estes cavalheiros.

– Isso é possível! – tornou o barão. – Pois o senhor Soares não é portuense como estes cavalheiros, que se me afiguram dos mais grados da terra?!

– Eu sou do Porto; mas não era da roda destes senhores até ao momento em que Vossa Excelência me conheceu.

– Ah! Isso agora é outro caso – redarguiu o barão, enquanto os seus colegas, corridos, pareciam querer esconder-se uns atrás dos outros. – Enfim, meus amáveis cavalheiros – acrescentou ele abraçando os dois mais convizinhos – como vamos para o Porto faremos conhecimento com o vagar que não temos agora, porque se faz tarde, e a senhora de Roberto Soares vai ansiosa por descanso.

Os titulares regougaram um burburinho de cumprimentos, e entraram nas suas carruagens, dois a dois, discutindo entre si se Roberto, no que disse, quis ou não mangar deles. O barão da Penha, porém, antes de entrar na sege, que lhe vinha destinada, censurou a Roberto o uso de ironias, enquanto ele lho não concedesse. «As relações destes homens convém-me e preciso-as» disse o barão.

Era noite quando pararam as carruagens à porta de D. Leonor Soares. Os

cavalheiros do préstito despediram-se. Os noivos encontraram no pátio uma mulher que os recebeu nos braços: era D. Helena; e ao lado dessa mulher estava um cego, com os braços estendidos, pedindo ao Sr. barão da Penha que se chegasse ao pobre cego que o não podia procurar.

Onde estava, porém, o barão que não corria aos braços do venerando cego?

Viram-no encostado ao cunhal do pátio, com a mão na fronte, apoiado todo sobre a ombro que o sustinha. Roberto e Isaura correram a ele, e simultaneamente o abraçaram.

– Que tem? – bradaram ambos.

– Um ligeiro incómodo – murmurou ele com a fronte orvalhada de suor frio e a face de lágrimas. – Isto passa já... Quero abraçar seu tio... há-de ser o cego que me há-de guiar ao meu quarto, e amanhã farei os meus cumprimentos a esta senhora, e a sua mãe, Roberto.

Jorge Ribeiro andava já palpando os corpos das pessoas, e, chamado pelo som da voz, abraçava o barão no momento em que ele o chamava.

– Aqui está o cego – exclamou ele – ajoelhando aos pés do seu benfeitor.

– Por que é! – exclamou o barão, erguendo-o.

– Não me tire este prazer... Ajoelha-se a Deus, e aos que praticam na terra a misericórdia divina. Deixe-me, senhor, desafogar assim a minha gratidão, que chega a ser dor, quando se não pode mostrar.

O velho teimava em estar ajoelhado; o barão, porém, curvando-se até chegar o rosto ao dele, redarguiu:

– Havemos de ter muito tempo de nos agradecermos reciprocamente a felicidade que nos dermos, meu amigo. Subamos, que deve estar ansiosa por ver seus filhos a senhora Dona Leonor.

Subiram até ao primeiro andar.

O barão continuou, falando a Helena:

– Tem Vossa Excelência a bondade de mandar-me conduzir ao quarto que me está destinado?!

– Pois deveras se recolhe já?! – atalhou D. Helena.

– Minha irmã fica triste por não o ver. Se ela não estivesse entrevada, viria ela, coitadinha...

– Roberto desculpa-me a sua mãe sim, sim? Amanhã nos veremos todos. Eu aceito logo uma chávena de chá; é o meu costume inalterável.

– O meu pai está doente? – disse Isaura lagrimosa abraçando-o com ternura de filha.

– Não, não, menina.

– Veja lá... eu não consinto que tenha outra enfermeira; se me não chamar, fico desconfiando que se não deu bem comigo em Cascais.

– Vá, vá, minha querida, vá abraçar sua mãe.

– Por aqui – disse o cego, conduzindo o barão a uma sala decentemente mobilada.

– Os hóspedes são os que designam o aposento do dono da casa!... E bem original isto, senhor Barão!... Quer Vossa Excelência ficar sozinho?

– Sim, meu amigo, quero ficar sozinho. Vá sentir, já que não pode ver, como se abraçam sua cunhada e os dois filhos que lhe vêm trazer dias de alegria.

Saía o velho, e entrava Roberto prevenindo o barão de que sua mãe se estava vestindo, e viria entre os braços de seus filhos, visitá-lo.

– Obste a isso! – exclamou agitado, o barão.

– Não é possível; diz que lhe matam a sua felicidade, se não vier. É Isaura que a está vestindo. Receba-a, meu amigo, dê-lhe esse prazer, que é a maior esmola que lhe

faz!...

Soares, abraçando o barão, não viu a mudança, que se fez na fisionomia dele. Tomando o silêncio como consentimento, ia sair apressado, quando o barão lhe disse:

– Espere... Que venha sua mãe e Isaura, e seus tios... e...

– E eu?!

– Também... espere... estou doido... – dizia ele apertando a fronte entre as mãos. – Ninguém mais há-de aqui entrar, ouviu? Ninguém mais, absolutamente ninguém mais...

– Quem mais há-de vir! – atalhou Roberto, confuso de semelhante recomendação, e saiu.

O barão lançou-se, extenuado, sobre uma cadeira. Arfavam-lhe o seio e as fontes. Tomavam-no tremores de sezão. Com as mãos de neve acalmava os estos afogeados da testa. Erguia-se; fazia acelerados passeios na sala, e prostrava-se de novo. Tirava haustos de ar com violência do peito ofegante. Não há comoção de terror que alvorece tanto o maquinismo da vida! A alegria faz isto!?

«Vou vê-la!», murmurava ele, quando Helena apareceu à entrada da sala com uma luz, dando a mão a Jorge Ribeiro que trazia outro castiçal.

O barão deu um passo para eles, e viu Leonor abraçada aos pescoços de Isaura e Roberto. Fugiu do ponto onde as luzes projectavam maior clarão, para o mais escuro da sala.

– Onde está o meu benfeitor? – disse a mãe de Roberto.

– Só ele podia fazer de mim o que fez Jesus Cristo ao paralítico. Onde está o pai providencial de meu filho?

– O pai de teu filho, Leonor, aqui o tens! – exclamou o barão, comprimindo-a ao seio, e soçobrando até ajoelhar.

Chegamos, leitores, a uma situação das que torturam o temerário que tenta descrevê-las. Eu não sei como se há-de pintar este grupo. Vejo-o na tela da imaginação. Pude chorar de entusiasmo quando me figuravam esta cena em poucas palavras, mas essas poucas palavras, ditas por uma dessas seis pessoas, perdi-as da memória.

Sei que Leonor, comprimida nos braços do barão, soltou um grito estridente. Afastou-lhe os cabelos da testa, tacteou-lhe vertiginosamente as feições, como se estivesse afastando o capuz da mortalha de seu marido ressuscitado. Sei que soltou um novo grito, quando o barão proferiu segunda vez o nome dela; esse segundo grito, porém, tinha sons distintos, foi uma palavra: CONSTANTINO! e desfaleceu nos braços do homem sucumbido, que pediu lha tomasse deles.

Mas, em redor do barão, há quatro pessoas, ainda.

Como hei-de eu fazer sentir a estupefacção de Roberto Soares? Se o comparo ao demente enlevado nos arroubos duma fantasia desvairada, faço um mau confronto, porque não dou a menor ideia do estado moral do filho de Leonor. E Isaura? Está ao pé do barão com as mãos erguidas, mas não sabe porque ergue as mãos. Helena, com a irmã nos braços, tem os olhos pasmados no barão, e não sabe o que pensa nem o que vê. O cego esse, que só vê à luz da alma as sensações do ouvido, é o único que solta uma exclamação, e essa exclamação acorda todos os outros do torpor:

– De joelhos, de joelhos! – exclamou ele. Foi como a faísca eléctrica. Ajoelharam todos: o barão, porém, se orava, era com os lábios colados à mão de Leonor. Osculo de fogo devia ser esse, ou muito da alma a oração muda que filtrou a vida até ao coração de Leonor.

Leonor estremece, abre os olhos, e afasta deles as sombras da incerteza, como no espertar dum sonho.

– Sou eu, Leonor! – disse o barão. – E teu marido, minha querida mártir! Aqui está connosco o nosso filho Roberto; nossa irmã Helena, o nosso Jorge! E este anjo de

todos nós, a nossa Isaura. Abraça-nos a todos, minha querida Leonor, abraça-nos! Vinde aqui, meus filhos. Roberto! Isaura! – exclamava ele ajuntando-os a Leonor no mesmo abraço. – Devíeis ter conhecido em mim o coração dum infeliz, e depois, tu, Roberto, deveras ter adivinhado o coração dum pai!

Roberto chorava-lhe no seio sem poder articular uma palavra. Isaura, lavada em lágrimas, estava de joelhos ao pé de Leonor. Esta...

Não bradeis agora «milagre!» leitores. Se duvidais de mim, ide à ciência, e ela me vingará de vossa falta de fé.

Leonor fez um esforço para abraçar seu marido, e sentiu-se em pé.

– Deixai-me, deixai-me, não me segureis! – exclamou ela.

E desampararam-na.

Constantino estava a dois passos dela, impelido por um abraço convulsivo do cego; Leonor deu esses dois passos sem amparar-se! Eram os primeiros passos que dera em dez anos de esperanças desvanecidas.

– Meu Deus! – bradou ela. – Isto é possível! Eu ando, Virgem Santíssima, eu tenho força para me sustentar em pé! Jesus, que eu não posso já com o peso da felicidade!

Agora, leitores, depois deste lance, se eu não achar um escritor esmoler que me continue este capítulo, deixo-o aqui ficar.

Nunca senti tanto como agora a minha pobreza.

Se algum de vós não puder com a imaginação suprir a minha deficiência, peça a alguém que lhe traduza a epígrafe deste capítulo.

XXIV

Sa langue est un fer chaud; dans ses veines brûlées.
Serpentent des fleuves de fiel.

ANDRÉ CHÉNIER

A magnífica cena, ligeiramente bosquejada no anterior capítulo, não transpirou fora daquela sala.

O barão da Penha – recordem-se –, prevenira Roberto Soares de que não entrasse ali alguém mais que ele e sua família. Com a mente fita nesta cautela, ainda no conflito de abraços e exclamações, fora ele fechar a porta, e mais duma vez pedira a Leonor, e aos outros que abafassem a expressão quanto pudessem, porque não queria que algum criado fosse levar a notícia de que o barão da Penha era Constantino de Abreu e Lima. Ninguém o contrariou nesta vontade; mas a tímida Leonor, cuidando que semelhante precaução lhe agourava a perda da felicidade que a enlouquecia, rogava de mãos erguidas a seu marido lhe desvanecesse o medo de o perder de novo.

– Não me perdereis jamais; sou vosso para sempre – disse o barão –ter-me-eis sempre convosco, mulher, filhos, e irmãos; deixai-me, esconder de todo o mundo, menos de vós, o meu verdadeiro nome. Basta que saibais que há uma causa forçosa para isto. Que nos custa o segredo? Sou vosso, aqui me tendes e tereis sempre. Descobrir-me, meus amigos, era renunciar à esperança de ser mais feliz do que sou. Não me peçam explicações; esperem e a ventura completa virá para todos nós, porque há aqui um desgraçado, e esse sou eu.

– Tu! – exclamou Leonor. – E poderei eu ser feliz se tu me dizes que o não és?!

– Vinte e seis anos de sofrimento, Leonor – redarguiu Constantino – depositam no fundo do coração veneno que só pode ser desentranhado pela satisfação de um vingança mais necessária hoje à minha vida que o ar, que a consolação de vos ter, que o repouso no seio duma família reaparecida milagrosamente em redor de mim. Não vos aterre este rancor, nem temais que ele me desvaire até desagradecer a Deus esta prosperidade inesperada. Não, meus amigos. Uma vingança nobre e justa é aceita à Providência.

Jorge Ribeiro discorreu cristãmente acerca da vingança, e com tanta unção o fez que o barão já não curava mais que de esquivar-se à eloquência dele tão singela como persuasiva. Qual, porém, fosse a vítima desse ódio não o sabia ninguém.

Em uma rua da freguesia de Cedofeita havia uma velha casa onde morara e morrera o desembargador Jerónimo de Abreu e Lima. Ao proprietário dela foi um dia proposta a compra por um preço superior à louvação. O proprietário vendeu a casa a um tal Bento Pereira Farinho, e o barão da Penha, de noite, entrou nela com o comprador, e delineou-lhe as obras de reedificação no todo, excepto no muro onde estava aberto um falso. Essa parede devia ficar intacta formando um dos quatro lados de uma vasta sala de jantar.

Dias depois principiaram as obras, e progrediram com admirável rapidez. Dizia-se geralmente que o dono das obras era um brasileiro, residente no Rio, que empregara os seus capitais em prédios no Porto. Ninguém viu ali Roberto Soares ou o barão da Penha. O comprador depositara numa casa comercial dinheiros que eram de mês a mês reforçados, e saíra do Porto.

E aqui tem cabimento saber-se que Bento Pereira Farinho, de passagem para um vila de Trás-os-Montes, onde o barão da Penha o fizera colocar escrivão de direito, recebera ordem de fazer a compra do prédio, e retirar-se logo para que o visconde de

Vila Seca o não encontrasse.

Apesar da desconfiança, que se engendrara em António José, desde que o barão se mostrara protector do Constantino, preso em Lisboa, o visconde visitou-o, e foi acolhido com mais afabilidade que nunca. Trocaram-se visitas, e a viscondessa travou relações com as senhoras em cuja casa se achava hospedado o barão, a titulo de parente.

Leonor não conhecia António José, e acolhia-o com respeito, e até com amizade, porque seu marido nunca lhe dissera meia palavra suspeita a respeito de tal homem. António José não tinha a menor reminiscência das feições de Leonor, que vira algumas vezes. Roberto Soares ignorava todos os sucessos de Lisboa, e, se alguma das suas novas relações acolhia com agrado, a mais benquista era o visconde de Vila Seca. Dir-se-ia que entre estas duas famílias existia a mais íntima aliança de velha amizade.

Decorreram assim seis meses.

O barão da Penha disse um dia ao visconde que acabava de comprar uma linda casa, acabada de fresco, na Rua de..., e, antes das suas viagens ao Oriente, tencionava oferecê-la aos seus parentes, como lembrança da desvelada hospedagem que lhe deram. O nome da rua fez mozza na cortiça moral do visconde, mas a impressão foi de momentos. Convidado a ir vê-la, reconheceu o local, notou a seu modo, a coincidência; mas a epiderme rugosa daquela fisionomia, só amovível ao susto de ser roubado, não transluziu nada.

António José fora uma vez ladrão; tivera a astúcia de enriquecer-se; não tinha outra habilidade; mas, se querem que eu lhe conceda a transcendência dessa, transijo, contanto que me deixem julgá-lo tão estúpido que nem velhaco era. E o mais que posso dizer; porque a velhacaria está sendo para os ricos desta geração asquerosa a indemnidade da estupidez.

A família de Roberto Soares mudou para a casa nova. O visconde de Vila Seca familiarizou-se com o local para onde viera cinquenta anos antes descalço, e assoldado para carretar água, e donde saíra vinte e sete anos antes com o cofre roubado do esconderijo. A reconstrução que se dera ao edifício desde os alicerces não lhe espertava imagem alguma da antiga casa.

O barão da Penha disse uma vez, na presença de vinte pessoas, suas habituais visitas, que era chegada a época da sua projectada viagem ao Oriente, e desejava despedir-se dos seus amigos num jantar, para o qual os convidava.

No dia assinalado às quatro horas da tarde estava no salão & Roberto Soares a nata da melhor sociedade militante do Porto, Avultavam quatro barões, dois viscondes, e o resto eram apenas comendadores. O mais medrado em cabedal e autoridade era o visconde de Vila Seca que, ainda na véspera, recebera parabéns pela nova graça duma comenda com que o chefe da nação reconhecida lhe exornava o nobre peito.

Soaram, pois, as quatro horas, e o barão, com mostras de contrariado, disse que faltava ali um convidado, seu íntimo amigo da América, chegado a Portugal dias antes.

E acrescentou:

– Magoa-me esta falta porque era esta a mais oportuna ocasião de eu apresentar a Vossas Excelências um cavalheiro digno. a todos os respeitos, da amizade com que me honram. Paciência: outra vez será... Deve ser muito imperiosa a causa que me faz sentir a mim a falta dele, e a Vossas Excelências o ensejo de conhecerem um capitalista de dinheiro e virtudes. Vamos para a mesa.

Passaram para a sala do jantar. Estavam todos em redor da mesa, em pé, esperando que o barão designasse às três senhoras da casa os cavalheiros imediatos.

O barão ia sentar-se, quando um criado se apresentou com uma salva de prata e uma carta.

– Deve ser a escusa do meu amigo – disse o barão; – mas a carta é volumosa. Se

dão licença, abro.

– Pois não! – disseram os convidados, conservando-se em pé como o barão. Este abriu a carta, leu mentalmente as primeiras linhas, e fez um sinal de espanto, deixando cair sobre a mesa uma folha de papel dobrada em oitavo.

– A apostar que está doente o seu amigo! – disse o visconde de Vila Seca com toda a afouteza da sua grosseria. O barão continuou a leitura, sem responder de leve à interrogação do hóspede.

Isaura e Leonor tinham os olhos da face, e os mais penetrantes da alma, fitos no rosto do barão. Viram-no enrubescer subitamente, e assustaram-se. Viram-lhe o tremor nervoso dos lábios, e vaticinaram desgraças. Viram, enfim, no olhar cintilante e profundo do barão, alguma cousa sinistra das que só se manifestam às pessoas que pensam em nós, que vivem em nossa alma, que folgam ou sofrem sob a influência magnética de nossas sensações.

– Que será, meu Deus? – interrogou Isaura com os olhos os não menos atentos de Roberto.

– Vossa Excelência recebeu uma nova que o está incomodando muito! – disse Roberto.

– Que é? Porque empalideces assim? – exclamou Leonor, aproximando-se do marido, esquecida de que estava na presença de vinte pessoas que deviam reparar naquele *tu* familiar.

O barão da Penha não respondia. Hirto, duro, imóvel como estátua, parecia medir com os olhos fascinados um abismo. O assombro com que todos os olhares convergiam nele aumentava a terribilidade do quadro. Fazia medo aquele silêncio. Como o rumor da lava subterrânea a partir a crusta, ouvia-se o respirar estertoroso do barão; era o referver do sangue nas válvulas arquejantes do coração.

Por fim, quando a ansiedade de Isaura, de Helena, e de Leonor desafogava em lágrimas silenciosas o barão, com voz tremida e débil, falou assim:

– Devo explicar esta angústia que me embarga a palavra, e me fez parar a vida por minutos. O meu amigo escreve-me uma carta, dando a razão porque não vem ao meu jantar. É uma razão que eu deverei aceitar como um insulto, se todos os cavalheiros presentes erguerem um brado de indignação contra o caluniador que semelhante carta escreve. Eu leio: *«Meu amigo. Sinto amargamente não concorrer ao seu jantar; e sinto-o mais por você que por mim. Eu não concorro a jantares onde tenha de dirigir-me a convivas cuja mão infamada não apertaria sem asco de mim próprio. Como homem delicado, foicar-me-ia a ser urbano com todos os cavalheiros reunidos sob as telhas duma casa amiga; mas o sacrifício seria enorme, e eu, por amor de mim próprio, devo poupar-me a um desgosto, que poderia transpirar por alguma inconveniência das que a mais precavida fleuma não abafa. Meu caro amigo, tu tens à tua mesa um ladrão. Se o aceitas como digno de tua convivência, lastimo-te, porque desceste miseravelmente. Se o não conheces, e o admites, indico-to, para que o repilas de ti, ou mais não chames homens honestos onde o ladrão estiver.»*

O barão declinou da carta um olhar terrível sobre os vinte comensais. Era geral a estupefacção. Ninguém soltava o grito indignado da honra ferida: não porque ali não estivesse consciência pura – digamo-lo de boa fé – mas porque a surpresa, o aturdimento devia produzir aquele efeito. De repente rebentaram simultâneas algumas exclamações:

- Saiba-se quem é!
- Isso é uma calúnia infame!
- É uma ofensa a Vossa Excelência!
- Aqui não há ladrões!

- Seja chamado esse homem para apontar dentre nós o ladrão.
- Esperem, senhores – atalhou o barão. – Eu não li o último período da carta.

E leu:

– *«Se esta carta fosse lida na presença dos teus amigos, e algum deles, bastante brioso de seus créditos, exigisse de mim a franca designação do infamado, responder-lhe-ia com a cópia do documento incluso nesta carta.»*

Calaram-se as respirações por instantes; depois, a mesma perplexidade, o mesmo alarido de vozes simultâneas de há pouco:

- Leia, leia, senhor Barão!
- Saibamos quem é!
- Exijo que se leia esse papel.
- E eu também.
- Ofende-se a minha honra com a demora.
- E a minha.
- Diz muito bem, e a minha... –bradou o visconde de Vila Seca batendo um murro estrondoso na mesa.

O barão fitou-o dum modo indizível, e ergueu de sobre a mesa o papel dobrado em oitavo. Ao abri-lo Isaura correu impetuosamente ao pé do barão, e exclamou, ajoelhada:

– Meu pai da minha alma, não leia esse papel... não leia pelas chagas de Cristo!

Leonor, Helena, e o cego, e Roberto agruparam-se ao pé do barão. Este lançando a todos e a cada um os olhos de revés, ao mesmo tempo que levantava Isaura, murmurou secamente:

- Retirem-se para onde estavam.
- Obedeceram, excepto Isaura, que não saiu de ao pé dele.
- Ouçam, pois, senhores:

«Meu sobrinho caro. Escrevo-te esta carta com a certeza de que a minha morte está próxima, e o Juiz Supremo sentado no trono da eterna justiça para me julgar.

Tu queres a salvação de um tio que te quis como pai, e como a filho te lega o fruto do trabalho de seus avós, o fruto do seu trabalho, e só te lega o que possui roubado, para que essa mão-cheia de dinheiro te não envenene o que licitamente é teu.

Era eu juiz de fora em Vila Real quando recebi ordem do regedor das justiças do Porto para fazer uma visita domiciliar a um homem de Galafura, suspeito de haver feito no Porto um considerável roubo ao desembargador Jerónimo de A breu e Lima na véspera do falecimento deste.»

D. Leonor gemeu um agudo ai. Helena, e Jorge Ribeiro estremeceram, compreendendo o desfecho daquele conflito, sem poderem conjecturar qual entre tantos fosse o ladrão. Roberto Soares, mais vexado que atónito, não ousava fixar os olhos em alguém. O visconde de Vila Seca, fincado na borda da mesa com os pulsos comunicava o seu tremor à cadeira a que encostava as pernas.

O barão prosseguiu:

– *«Fui a Galafura, e surpreendi na cama o homem suspeito. Abri uma arca, remexi o enxergão, e nada encontrei. Dei-lhe voz de preso, e o homem lançou-se-me aos pés chorando como chora um inocente; mas, exauridas as lagrimas, disse-me, a sós comigo, que me dava cinco contos de réis e o deixasse.*

Eu pratiquei a infâmia de aceitar os cinco contos de réis, porque as consideráveis perdas no jogo me tinham obliterado a alma. Deixei-o, sem querer saber a quanto avultava o roubo; disse ao regedor das justiças que o suspeito ladrão era um homem honrado, que vivia do seu trabalho honesto, enfim, meu sobrinho, vendi a minha alma por cinco contos de réis, e nunca a resgatei porque a vergonha de me delatar, mais

ainda que a cobiça, abafava em mim o grito do remorso.

Restitui, meu amigo, restitui os cinco contos de réis aos herdeiros do desembargador Jerónimo de A breu e Lima. Eu sei que esse homem tinha um filho cujos crimes forçados pela pobreza o fizeram degradar para Cabo Verde há vinte e tantos anos. Talvez que esse condenado exista, ou filhos, ou viúva. Procura-os, e restitui esse dinheiro que pode ir enxugar muitas lágrimas, e matar muita fome. Se ninguém existir dessa família, da esse dinheiro à Misericórdia, para que a alma de teu tio encontre na presença de Deus o alívio que deres neste mundo aos desgraçados.»

Calou-se o barão. Olhou, encontrou o olhar ansioso de todos, menos o do visconde. A cara deste era a dum cadáver avermelhada pelo clarão duma tocha. O queixo de baixo dependia-lhe como relaxado das articulações pela morte. Falhou-lhe o vigor das pernas convulsivas, e sentou-se, com a cabeça acabrunhada para o seio.

Os hóspedes surgiram do atordoamento, bradando com tanta mais veemência quanto estavam certos de que o seu caso era aquele:

– Pois bem! Agora diga-se qual de nós deu cinco contos de réis a esse juiz de fora!

– Justamente.

– Vamos! Senhor Barão! Depressa!

– Já!

– Imediatamente!

– Apareça o ladrão!

O barão ergueu o papel que pousara na mesa, e continuou:

– Daqui em diante sou obrigado a ler porque mo exige a honra de cada um dos meus amigos.

– É verdade! – bradaram muitas vozes.

– Pois escutem, senhores:

«Agora, meu sobrinho, se te interessa conhecer a sociedade em que te deixo, se queres ver como o dinheiro roubado luz nas trevas donde foge espavorida a honra, se queres ver como um ladrão se eleva ao fastígio da consideração e das honras nobiliárias, dir-te-ei que o ladrão, criado do desembargador Jerónimo de Abreu e Lima, é actualmente um dos homens necessários neste país, um dos capitalistas chamados a curarem as chagas do tesouro público, um dos que o jornalismo português apresenta como exemplar de probidade, é finalmente...»

– Digo, senhores?

– Diga, diga – exclamaram dezanove convidados.

– Não, não, por piedade! – bradaram Leonor, Isaura, e Jorge Ribeiro.

– A vossa negativa, senhoras – disse o barão – é generosa e caritativa; mas a reputação destes cavalheiros não pode sacrificar-se a sentimentos de piedade. A compunção que deixa equivocada a honra não pode ser grata a Deus. Atendei, pois, senhores: este ladrão era então António José, e é hoje o visconde de Vila Seca!

Houve um ruidoso movimento de cadeiras, uma agitação súbita de todas as figuras, um rápida evolução de cabeças para o visconde. Nem uma palavra, porém, nem uma exclamação fugiu das bocas entreabertas. Havia uma face cheia de lágrimas; era a de Isaura. Estava uma mulher desmaiada nos braços doutra; era Leonor nos braços de Helena. Havia um homem de mãos erguidas, encostado à parede; era o cego Jorge Ribeiro, que pedia a Deus o remédio do desgraçado visconde.

Este... como se há-de descrever este? Imaginai-o sozinho a um lado da mesa, porque todos fugiram agrupando-se nas extremidades. Quer erguer-se da cadeira como um sonâmbulo arrastado pelo fio magnético, mas recai prostrado e convulso. O seu pensamento deve ser fugir, porque três vezes revolve nas órbitas a pupila baça para o

lado da porta; ao quarto esforço, vê ao pé de si o barão da Penha, que lhe trava do braço, e o faz erguer, e obriga a dar três passos para a parede, quase arrastado. O barão afasta uma cadeira de espalda, tira por um botão de metal entalhado na parede, e destapa um vão profundo de alguns palmos.

– António José – diz ele – entra ali dentro, e vê se reconheces ali os teus vestígios, ladrão! Foi dali que levantaste um cofre onde ia fechado o teu diploma de visconde. Diz a estes cavalheiros que sensações tiveste quando saíste dali com o património de Constantino, que a justiça de Portugal mandou morrer nos presídios de África. Entra, António José, entra no recinto donde saíste rico, honrado e titular!

António José, impelido por um empuxão, foi bater com a cara à entrada do falso. O barão ia empurrá-lo com o pé para o interior, quando Isaura se interpôs de joelhos, exclamando:

– Tenha misericórdia, meu pai! Seja a imagem da justiça divina!

– Misericórdia! – bradou o barão. – Não enxovalhe essa palavra, minha filha. Esse homem que aí está fez de mim um ladrão.

– Que diz, senhor!? – atalhou ela.

– Esse homem não me deixou um bocadinho de pão do meu património. Eu tive fome, e minha mulher teve fome, fome e desonra, a desonra do pobre, que é o ser mais vil da criação. Forçado pela fome, delinqüi, vendi-me aos que a roubaram, minha filha, fui eu o que fiz anular o testamento de seu pai, Isaura: fui eu o que fiz as lágrimas e as fomes de sua mãe; fui eu o que a pus à mercê da caridade dum amigo que por sua morte a deixaria rodeada dos abismos abertos em redor duma mulher pobre e inocente. Que hei-de eu fazer ao homem que me cravou no coração tantos espinhos de remorso? Como hei-de eu dizer as lágrimas que este malvado me tem feito chorar? Quantas vidas precisa ter este infame para me pagar a desonra da minha?

Leonor, tornando a si, viera ajoelhar-se ao lado de Isaura. Jorge Ribeiro, conduzido pela mão de Roberto ao pé do barão, abraçara-o com frenesi, humedecendo-lhe o rosto com as suas lágrimas.

– Agora é o cego que pede – disse ele com um tom de voz que apiedava os mais indignados. – E o cego que pede em nome de vinte e seis anos de angústia de Leonor. Essa pobre mulher deve de estar morta, porque eu não a ouço suplicar. Onde estás, Leonor, que não ajoelhas aos pés de teu marido? Helena, vem aqui chorar comigo; Roberto, abraça os joelhos de teu pai, e diz à tua esposa que lhe fale a linguagem duma santa. Constantino, olha que Deus vê as vinganças dos homens, e pune aquelas que se antecipam à justiça divina. Constantino, eu receio que te caíam na consciência como ferro fundido as minhas lágrimas, se as não atenderes. Perdoa, Constantino, perdoa! Diz-me onde está o desgraçado, meu Roberto! Sou eu, quero ser eu que o leve daqui...

E Jorge Ribeiro, guiado pelo sobrinho, deu a mão ao visconde, e atravessou com ele a sala. Ouvia-se o soluçar das mulheres, e alguns circunstantes não escondiam as lágrimas compassivas. O barão, enleado nos braços de Leonor e Isaura, parecia estranho à saída do visconde. Passados alguns segundos de espasmo, o barão ergue a fronte, respira como se esportasse dum pesadelo, descerra dos lábios descorados um sorriso que se irradia em contentamento por toda a face, alisa-se-lhe a fronte, cobram suave expressão os olhos, e diz com jovialidade:

– Meus amigos! Aqui lhes apresento minha mulher, a irmã de minha mulher, casada com esse santo que pôde mais que eu; aqui têm meu filho, e a esposa de meu filho. Resta-me apresentar-me a mim. Quando precisei passar desconhecido na sociedade, comprei uma máscara, e consegui que me chamassem barão. Agora, meus amigos, desafivelo a máscara, rejeito-a com tédio, e a vós me ofereço e recomendo como Constantino de Abreu e Lima...

Os hóspedes, atordoados com tantas comoções, não gaguejavam sequer um lugar-comum. O barão prosseguiu:

– A carta do meu amigo não reza de mais algum ladrão na nossa pequena sociedade. Se entendem em sua consciência que ela está limpa de peçonha, queiram sentar-se. Os suspeitosos podem sair, se lhes aprouver.

Sentou-se o barão, e sentaram-se todos. O jantar correu triste; mas, não obstante, os hóspedes provaram que as comoções do espírito não prejudicam os direitos inalienáveis do estômago. Comeram bem.

EPÍLOGO

O visconde de Vila Seca saiu do Porto, dias depois daquele banquete onde o seu quinhão foi de peçonha, que, mais tarde, se lhe converteu nos intestinos em inflamação aguda. Socorreu-se à filosofia do cinismo alvar, esgotou os recursos todos da medicina dos grandes miseráveis, mas nunca mais teve uma hora de descanso. A primeira distracção, que procurou, foi a das vindimas, nas suas quintas do Alto Douro. Por lá esteve mês e meio, ralado de tristeza lenta, assalteado de sustos, aterrado por sonhos, intratável, colérico, rabugento, repugnante à própria viscondessa que o desamparou, e volveu para os banhos de S. João da Foz.

Das quintas vindimadas partiu para Lisboa o visconde de Vila Seca. Ai, os mesmos sobressaltos, os mesmos sustos, e a frequência dos ataques de gota, que o puseram na espinha. Os filhos, que viajavam, escreveram-lhe então de um cárcere de Londres, onde estavam presos por dividas, que absorviam um terço dos seus haveres. Esta nova infausta foi um ferro em brasa sobre a úlcera que lhe comia o peito. Faltava-lhe a suprema das angústias, a que devia dar-lhe o derradeiro repelão para o Cemitério dos Prazeres. Chegou por fim, com a certeza de que os bens do casal eram delapidados em favor de um casquilho da alta sociedade, que pudera conquistar o coração sexagenário de sua mulher. Romperam-se os diques da cólera represada:

António José gritou, ululou, raivou, bramiu. Maria do Rosário ameaçou-o com o Hospital de Rilhafoles.

Não houve que ver. O visconde morreu hidrófobo, deixando à medicina a vanglória de ter sucumbido a um terrível tifo.

Teve quatro necrológios o visconde. O primeiro dizia: «Bom pai, bom esposo, bom amigo, e bom cidadão.» O segundo: «Bom cidadão, bom amigo, bom esposo, e bom pai.» O terceiro: «Bom esposo, bom cidadão, bom pai, e bom amigo.» O quarto: «Bom cidadão, bom amigo, bom pai, e bom esposo»

D. Maria do Rosário deu aos filhos o património que lhes pertencia, e levantou-se com cabedal suficiente para manter os regalos do coração, que são caríssimos aos sessenta anos. Vive ainda Maria do Rosário, e promete longa vida, porque, ainda há pouco, os cabelos se lhe tingiram pela quarta vez dum negro de azeviche, que faz a inveja das mais opulentas tranças dos vinte anos.

Constantino de Abreu e Lima, com sua família, saíram do Porto para uma quinta nas vizinhanças de Barcelos, um ano depois do trágico festim. Roberto Soares, e Isaura levaram Jorge Ribeiro a Londres para o fiarem dos célebres oculistas, que lhe restituíram a vista. O bom velho esteve a ensandecer de contentamento, nos braços dos sobrinhos. Logo que o alvoroço da alegria serenou, Jorge pediu que o trouxessem a seu cunhado, porque se arreceava de morrer antes de vê-lo.

Hoje, 16 de Abril de 1858, a ditosa família vive, acrescentada já por três pimpolhos que completam as delícias da casa: são os três filhos de Isaura, que andam de colo para colo, e aos quatro venturosos velhos afigura-se-lhes que o vento lhos leva.

Falta dizer que Bento Pereira Farinho é escrivão de direito num dos melhores julgados do reino, e vem, todos os anos, beijar a mão de Constantino, a quem se não peja de chamar seu benfeitor.

Não se pôde averiguar o destino que tiveram algumas pessoas, cuja importância nesta crónica não merece a pena de ser esquadrihada.

O romancista, amigo do defunto Guilherme do Amaral, e de Roberto Soares, esse está ainda no Rio de Janeiro arcando com a dificuldade de acumular cabedais com que comprar um preto – sua derradeira aspiração.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>
